

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

CASSANDRA DIAS FARIAS

**Toxicomania: uma solução não sintomática e sua relação com a
língua saussuriana e a linguagem lacaniana**

JOÃO PESSOA – PB

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**Toxicomania: uma solução não sintomática e sua relação com a
língua saussuriana e a linguagem lacaniana**

Dissertação intitulada “Toxicomania: uma solução não sintomática e sua relação com a língua saussuriana e a linguagem lacaniana”, apresentada por Cassandra Dias Farias à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba – Campus I – do curso de Mestrado em Letras no ano de 2009 para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Prof^a Dr^a Mônica Nóbrega

CASSANDRA DIAS FARIAS

**Toxicomania: uma solução não sintomática e sua relação com a
língua saussuriana e a linguagem lacaniana**

Banca Examinadora

Prof^a Dr^a Mônica Nóbrega

Orientadora

Prof^a Dr^a Lúcia Grossi dos Santos

Examinadora

Prof^a Dr^a Margarida Assad

Examinadora

JOÃO PESSOA – PB

2009

A Maria das Neves Dias de Sousa
(in memoriam)

AGRADECIMENTOS

À Mônica Nóbrega, pela aposta, pela abertura e disposição em acompanhar esse mergulho.

À Margarida Assad, pelo amor à linguagem e ao analítico.

À Socorro Barbosa, pela leitura atenta no exame de qualificação.

À Cleide Pereira, amiga e parceira de todas as horas, pela interlocução.

A Carlos Santos, pelo simbólico.

Aos colegas com quem divido um percurso de formação psicanalítica: Sandra Conrado, M^a de Lourdes Aragão, Antonio Eunizé, Zaeth Aguiar, Vânia Ferreira e M^a Cristina Maia, pela torcida.

À equipe do CAPS Ad Jovem Cidadão, pela acolhida.

Aos usuários do CAPS, pela confiança.

À Orientação Lacaniana, pelo farol.

Ao Programa de Pós-Graduação em Letras, pela possibilidade.

Aos meus filhos, Gabriela e Viktor, pela vida.

Ao meu irmão, Cassiano, pela emoção.

Não queres saber nada sobre o destino que o inconsciente faz para ti?

Jacques Lacan

Televisão

RESUMO

A partir do diálogo entre a Psicanálise lacaniana e a Lingüística saussuriana, o presente trabalho discute dois grandes temas, quais sejam: a função social da língua e a solução toxicômana, enquanto distanciada da concepção do sintoma psicanalítico. Estabelecemos uma aproximação entre a linguagem enquanto um ordenador simbólico e a função da língua enquanto liame social, na medida em que é o registro do simbólico que permite ao sujeito apropriar-se da língua como uma possibilidade de representação do campo pulsional. Uma vez que essa operação torna-se possível, temos a língua funcionando a serviço do laço social. Como produto dessa tentativa de recobrimento da pulsão pela linguagem, temos o advento do sintoma enquanto uma formação do inconsciente e, conseqüentemente, do sujeito psicanalítico. É o sintoma, portanto, que possibilita o laço entre os falantes. Já a toxicomania não obedece a essa configuração de linguagem. Adota outro funcionamento, prescindindo da linguagem, rechaçando o inconsciente e o sintoma, rompendo com o campo fálico, simbólico, por excelência. Essa formação de ruptura não permite o estabelecimento do sintoma, o que dificulta o laço com o Outro na medida em que mantém o sujeito refém do gozo auto-erótico, base da segregação dos tempos atuais. O uso da língua na toxicomania retrata o caráter autístico da solução encontrada na drogadicção.

Palavras-chave: língua, linguagem, sintoma, toxicomania.

RESUMÉ

A partir du dialogue entre la psychanalyse lacanienne et la linguistique saussurienne, ce travail discutera deux grands thèmes, lesquels: la fonction sociale de la langue et la solution toxicomane, en tant que distanciée de la conception du symptôme psychanalytique. Nous avons établi une proximité entre le langage en tant qu'organisateur symbolique et la fonction de la langue comme liaison sociale, dans la mesure que cela c'est le registre symbolique qui permet le sujet s'approprier de la langue comme possibilité de représentation du champ pulsionnel. Une fois que cette opération est devenue possible, nous avons la langue opérant au service du lien social. En tant que produit d'une tentative de recouvrement de la pulsion par le langage, nous avons l'arrivée du symptôme comme une formation de l'inconscient et par conséquence du sujet psychanalytique. C'est le symptôme donc qui possible le lien entre les sujets parlants. Néanmoins la toxomanie n'obéit pas à cette configuration du langage. Elle adopte un autre moyen de fonctionnement qui dispense le langage, repoussant l'inconscient et le symptôme, en rompant avec le champ phallique, symbolique par excellence. Cette formation de rupture ne permet pas l'établissement du symptôme, cela rend difficile le lien avec l'Autrui dans la mesure qui tient le sujet prisonnier de la jouissance auto-érotique, la base de la ségrégation des temps actuels. L'usage de la langue dans la toxomanie montre le caractère autistique de la solution trouvée dans la drogadiccion.

Mots-clés: langue, langage, symptôme, toxomanie.

SUMÁRIO

Introdução.....	11
Apresentando a metodologia da pesquisa.....	17
Capítulo 1	
A função social da língua e o estatuto da linguagem na toxicomania.....	24
1.1 Considerações iniciais.....	24
1.2 O campo pulsional.....	29
1.3 Linguagem, língua e fala: aproximações e diferenças entre Saussure e Lacan	33
1.3.1 A língua enquanto promotora de laço social.....	36
1.3.2 A linguagem enquanto ordenador simbólico.....	38
1.3.3 A parole enquanto executora da língua.....	43
1.4 Primeiras conclusões antecipadas.....	47
Capítulo 2	
A solução toxicômana.....	52
2.1 A saída pelo sintoma.....	56
2.2 A lógica toxicômana em seu estatuto real.....	62
2.3 A solução toxicômana.....	68
2.4 Outras conclusões antecipadas: a overdose generalizada, nomeação e segregação.....	74
Capítulo 3	
A não existência do inconsciente, do sintoma e do laço social na toxicomania: a perspectiva ética da Psicanálise.....	78
Considerações finais.....	100
Referências.....	103

Apêndices

Apêndice 1 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Apêndice 2 - Transcrição das fitas

Anexos

Anexo 1 - Comitê de Ética

Anexo 2 - Parecer do CAPS

Introdução

Toxicomania: uma solução não sintomática e sua relação com a língua saussuriana e a linguagem lacaniana. No título dessa investigação acerca do fenômeno da toxicomania em sua interface com o campo da Lingüística encontramos os elementos sobre os quais vamos concentrar nosso olhar: o sintoma, a linguagem, a língua e a solução toxicômana.

A criação de dispositivos de atenção a usuários de álcool e outras drogas por parte do Estado trouxe o campo das adicções para o centro do cenário da saúde pública, demandando ações efetivas das mais diversas ordens. O acompanhamento efetuado por nós - pela via da supervisão - de profissionais que trabalham nesses dispositivos, além da escuta clínica de sujeitos drogadictos, contribuiu de maneira decisiva para nosso interesse em voltarmos-nos de forma mais efetiva para essa investigação que ora propomos.

Delimitar o estatuto da palavra para o sujeito que se droga se colocou para nós a partir dessas observações. Percebemos a maneira peculiar do drogadicto se expressar, muitas vezes dificultando a compreensão daquele que o escuta, não ficando evidenciado muito interesse por parte do sujeito em se fazer entender a não ser entre os pares que compartilham quase que um código lingüístico, próprio da cultura da droga.

Além disso, também percebemos que o discurso tinha uma estrutura monótona, girando quase sempre em torno do mesmo ponto: o consumo. Quando convocados a uma apropriação da palavra em uma perspectiva mais reflexiva, por exemplo, o sujeito parecia não ter muito que dizer ou falava com grande dificuldade.

Nas falas percebemos certo silêncio, se é que é possível uma fala silenciosa. Um silêncio que pensamos ser sobre o sujeito. Ao mesmo tempo, ficava evidente através da fala a compulsão que parecia reger o ato toxicômano, impelindo o sujeito a nunca parar. Ou quando este parava, não passava de um momento transitório, motivado quase sempre por causas externas a ele, sendo as recaídas freqüentes na vida do sujeito. Nunca uma pergunta, um questionamento que o levasse a interrogar o próprio consumo, as razões que o levaram até aquele ponto.

Estaríamos diante de que tipo de uso da língua? Haveria algum sentido em procurarmos um elemento comum que juntasse esses fios dispersos que observávamos a princípio?

Inicialmente, nos perguntamos se esse tipo de fala evidenciaria uma precariedade simbólica, uma dificuldade com o recurso simbólico; se a fala dos que fazem um uso abusivo de drogas poderia nos fornecer elementos acerca do sujeito toxicômano e, por fim, se nesse uso específico da língua o liame social enquanto função da língua estaria assegurado.

Não tínhamos clareza ainda do caminho que iríamos terminar seguindo ao longo dessa dissertação. Havia apenas certa inquietação que apontava para um caráter diferenciado no uso da língua pelo sujeito drogadicto e que nos levou a interrogar essa particularidade.

Consideramos que o fenômeno da drogadicção constitui um grande problema em todas as áreas de nossa civilização, devido à sua complexidade e multiplicidade de fatores, concernindo, portanto, a vários campos de saber que se empenham na busca de soluções para esse verdadeiro desafio da civilização contemporânea.

Diversas áreas têm se debruçado em busca de respostas e soluções que visam a oferecer uma alternativa para os impasses em que a nossa sociedade se encontra em termos do consumo de substâncias. A possibilidade de um diálogo entre a Psicanálise e a Lingüística apresentou-se para nós como bastante fecundo no que consiste ao nosso objeto de estudo – a toxicomania.

É nessa tentativa de aproximação entre esses dois campos – Psicanálise e Lingüística – que pretendemos abordar tal fenômeno. A psicanálise lacaniana com seu construto teórico possibilitando uma clínica que esteja realmente à altura de oferecer uma alternativa de tratamento para as adicções (ponto desenvolvido por nós ao final da dissertação) e a lingüística saussuriana, oferecendo subsídios através do sistema lingüístico, como indicativo da posição do falante (considerações que tecemos no decorrer desse estudo).

Consideramos que os princípios teórico-metodológicos dos dois campos em questão podem contribuir para lançar algum esclarecimento às perguntas que ainda encontram-se em busca de respostas, nesse campo.

Consideramos relevante a realização dessa pesquisa, pelo fato de que, temos à nossa frente, um fenômeno (toxicomania) de tal complexidade, que

não é possível à nossa organização social ignorar sua gravidade e extensão. A necessidade de estimular a viabilização de pesquisas e investigações em um campo tão complexo como esse, traz para a sociedade organizada a possibilidade de construir maneiras de lidar, de forma realista, com o referido fenômeno.

Dessa forma, o presente trabalho pretende contribuir com a discussão existente em torno desse tema e, sobretudo, oferecer subsídios para a compreensão do sujeito que se oculta atrás das drogas.

Iniciamos nossa dissertação fazendo uma descrição da nossa coleta de dados contextualizando nossa pesquisa, apresentando as condições em que a coleta foi realizada, o perfil dos sujeitos envolvidos e o contexto em que esses dados foram considerados por nós.

No primeiro capítulo **A função social da língua e o estatuto da linguagem na toxicomania**, abordamos inicialmente, a ruptura estabelecida por Ferdinand de Saussure com a lingüística comparativa, os principais elementos do sistema saussuriano e o aproveitamento que Jacques Lacan pôde fazer do sistema lingüístico para discutir o lugar do sujeito, o campo da linguagem e o estatuto do inconsciente.

Discutimos também sobre aquilo que não é encontrado na representação, ou seja, a vertente pulsional, em especial a pulsão de morte, pois esta ocupa um lugar central na toxicomania, onde demonstra sua incidência localizando-se na compulsão à repetição tão presente no ato toxicômano. Apresentamos nesse ponto da dissertação, as primeiras falas dos sujeitos drogadictos recolhidas em nossa observação, na tentativa de demonstrar a prevalência pulsional que se manifesta através da linguagem nesses sujeitos.

Também tratamos de estabelecer com maior precisão as diferenças conceituais entre linguagem, língua e fala. Percebemos que são conceitos que, se por um lado dialogam entre si, por outro lado, não dizem exatamente a mesma coisa. A língua é tida enquanto promotora de laço social, premissa extraída das formulações de Saussure que a considera como a parte social da linguagem. O caráter de liame social da língua nos serviu como eixo norteador na reflexão sobre o estatuto da língua na toxicomania.

Já a linguagem enquanto ordenador simbólico possibilita uma organização do mundo para o homem. Nesse ponto tratamos sobre o advento da civilização e a necessidade de renúncia pulsional que constitui a base do pacto

social estabelecido entre os homens, onde a linguagem desempenha uma função essencial. Também discutimos se a toxicomania seria uma prática não discursiva onde o projeto civilizatório estaria comprometido.

Utilizamos-nos, mais uma vez, das falas recolhidas em nossa coleta de dados para interrogar a dificuldade no laço social e na função simbólica observadas no sujeito toxicômano.

Também discutimos a fala enquanto executora da língua e a relação existente entre a fala e a linguagem/língua, considerando o específico da fala do toxicômano apresentada nos relatos colhidos por nós. Tentamos circunscrever a função da língua para o falante drogadicto a partir da sua função social, problematizando se poderíamos manter a característica da língua enquanto liame social na toxicomania ou se, pelo contrário, teríamos um uso da língua a serviço da segregação.

Em nosso segundo capítulo, **A solução toxicômana**, partimos de uma distinção fundamental a ser feita entre o sintoma e a solução toxicômana. Enveredamos pelos caminhos do sintoma para a Psicanálise, no que este se constitui como o que há de mais particular para um sujeito, atestando a existência do inconsciente.

Apresentamos a tese freudiana sobre a droga, que faz Freud localizar a ação do intoxicante ocupando uma função na economia libidinal do sujeito. Abordamos também o conceito de gozo lacaniano, como central na discussão sobre a toxicomania.

Investigamos o caminho da formação do sintoma enquanto uma satisfação substitutiva, tomando como paradigma o caso do pequeno Hans e do sintoma fóbico desenvolvido por ele e acompanhado por Freud em 1905. O caso Hans introduz a discussão sobre o advento do campo fálico para o sujeito e do verdadeiro casamento estabelecido por este com o significante do falo, terreno esse que embasa a tese lacaniana sobre a droga, abordada a seguir.

Discutimos as duas vertentes do sintoma, a simbólica com seu valor de mensagem dirigida ao campo do Outro e a real, enquanto reveladora do gozo que se oculta por trás das manifestações sintomáticas.

Apresentamos, portanto, o funcionamento da toxicomania enquanto distanciado do sintoma, uma vez que estabelece uma ruptura com o falo, premissa

formulada por Lacan como sendo o eixo norteador de uma investigação acerca da toxicomania.

O rompimento com o falo impede que o sujeito possa constituir um sintoma e a toxicomania vem indicar o fracasso dessa operação na constituição do sintoma. Nas falas que apresentamos, discutimos como essa ruptura ocorre na drogadicção, assim como o predomínio da satisfação auto-erótica impede o acesso do sujeito ao Outro, tratando-se de uma operação real sobre o próprio real.

Através das falas recolhidas, alguns elementos indicadores da solução de ruptura encontrada pelo sujeito para lidar com a castração se destacam: a ausência de angústia, o gozo cínico e a certeza de encontrar no objeto um saber sem furos sobre o gozo. Elementos que apontam para o rechaço do inconsciente e do próprio sujeito.

Tecemos ainda algumas considerações sobre a problemática da ascensão do objeto nos tempos atuais, assim como da vinculação entre a nomeação “toxicômano” e seus efeitos de segregação, impedindo que algo do sujeito possa advir.

No último capítulo da dissertação, **A não existência do inconsciente, do sintoma e do laço social na toxicomania: a perspectiva ética da Psicanálise** optamos por promover uma reflexão sobre o próprio caminho percorrido por nós ao longo da investigação, retomando pontos abordados, aprofundando a discussão e entrelaçando os fios para, por fim, apresentarmos a perspectiva ética da Psicanálise para uma clínica da drogadicção.

Se a princípio podemos constatar que há uma antinomia entre a psicanálise e a toxicomania, se vimos problematizando o uso da língua na toxicomania enquanto facilitadora do laço social e se a relação do sujeito com a linguagem não se dá pela veiculação do mal entendido do inconsciente, qual a chance para o discurso analítico?

Se a Psicanálise se constitui enquanto uma prática que opera pela palavra, que pretende a produção do inconsciente e, conseqüentemente, de um sujeito, como o dispositivo analítico incidir no gozo toxicômano se este se caracteriza exatamente por romper com o enquadramento fálico trilhando um caminho onde a ação do significante parece não atingir? Aprofundamos esses questionamentos nesse último capítulo.

Por fim, apresentamos ao leitor nossas **Considerações finais**, onde traçamos algumas conclusões possíveis após essa excursão pelo tema da toxicomania. Campo vasto, que continua nos trazendo desafios pela sua complexidade, mas que a partir desse trabalho de dissertação alguns elementos puderam ser estabelecidos por nós, a título de conclusão.

Em **Apêndices** e **Anexos**, apresentamos o modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, as transcrições das fitas que foram gravadas durante as nossas visitas ao CAPS, a Certidão emitida pelo Comitê de Ética do Hospital Universitário Lauro Wanderley da Universidade Federal da Paraíba e, por fim, a autorização da Coordenadora do CAPS Ad Jovem Cidadão para a liberação do serviço como campo de pesquisa

Apresentando a metodologia da pesquisa

A problemática da toxicomania despertou nossa atenção a partir da prática clínica através da escuta de sujeitos que faziam uso abusivo de drogas. Desde então, vimos desenvolvendo um estudo sistemático sobre a questão, principalmente através do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Toxicomania, coordenado por nós, na Delegação Paraíba da Escola Brasileira de Psicanálise.

Um aspecto que sempre nos pareceu relevante nesse estudo foi a maneira adotada pelos falantes para se expressar. O usuário de drogas revela um discurso de difícil compreensão, muitas vezes. O sentido do que é dito é veiculado quase que em código entre os usuários. Percebíamos existir uma particularidade do consumidor de drogas em relação à linguagem, embora ainda não soubéssemos especificar. Foi preciso investigar esse aspecto da toxicomania e o ingresso no Programa de Pós-Graduação possibilitou essa investigação, que a prática psicanalítica já havia inaugurado.

A Psicanálise, nesse século e meio de existência, consolidou-se como um construto teórico que foi sendo deduzido a partir de uma prática que se dirige do universal para o particular do sujeito. A própria noção de estrutura, de onde partiu Lacan no início do seu ensino, vai ao encontro da noção de sujeito e de como este ocupa o seu lugar em uma dita estrutura, o que, mais uma vez, traz para o centro da discussão o específico e não o geral.

o que decorre da mesma estrutura não tem forçosamente o mesmo sentido. É por isso que só existe análise do particular: não é de um sentido único, em absoluto, que provém uma mesma estrutura, sobretudo quando ela atinge o discurso. (LACAN, 1973, p. 554).

Os sujeitos de um tipo clínico não têm utilidade para outros do mesmo tipo que o seu, é o que denota a referência de Lacan, ou seja, “há tipos de sintoma, mas isso nada nos diz sobre o que significa para um sujeito seu próprio sintoma”. (ALVARENGA, 2007, p. 13).

Nesse sentido, ao realizarmos esse estudo, não podemos perder de vista que os resultados obtidos servirão de orientação como sendo mais um elemento de determinado tipo clínico, no caso o toxicômano. A toxicomania, porém,

traz enquanto prática intoxicatória uma multiplicidade de usos que apontam para a impossibilidade do estabelecimento de uma posição única do consumidor de drogas; o lugar do sujeito frente à droga é que irá determinar a própria posição toxicômana, o que nos leva a pensar que é o sujeito que faz a droga e não o contrário.

Podem-se verificar diferentes usos da droga. Há um uso da droga que, no caso do “estagnado”, o permite manter uma satisfação onanista estagnada. Permite-lhe manter-se casado com seu órgão. Há outro uso que permite a certos sujeitos tomar coragem e enfrentar o Outro sexo e pôr em função o falo. Neste caso parece mais uma muleta para o falo, são os consumidores do rendimento. Aqueles que juntam uma muleta ao falo. Vemos também, como aquele que pode começar numa intenção de manter-se casado com o falo ou em uma intenção de pô-lo em função, finalmente se desamarra, se solta do falo e provoca a mania pelo tóxico. (NAPARSTEK, 2005, p. 48).

Tanto a droga pode funcionar como uma barreira para o sujeito abordar o Outro sexo, quanto pode facilitar o encontro sexual, assim como há o uso da droga desatrelado ao falo, o que vem a constituir verdadeiramente a mania pelo tóxico. Essa terceira possibilidade é a que estamos considerando como toxicomania. Um uso que se torna maníaco e incide na vida de um sujeito com seu efeito devastador. Foi sobre essa forma de uso maníaco que a nossa investigação se deteve. A solução encontrada na toxicomania se dá pela ruptura com o significante do falo, tema que discutiremos no decorrer da dissertação. Nossas considerações e nossa discussão dos dados que recolhemos em nossa coleta não dizem respeito apenas ao uso de drogas e sim ao consumo abusivo de substâncias, podendo este ser caracterizado como toxicomania.

Segundo TARRAB (2000a), a experiência toxicômana pode ser pontual, extensa, circunscrita a um tipo de droga ou generalizada, ocasional ou não, mas partimos do pressuposto de que enquanto toxicomania esta se refere a uma operação de ruptura com campo fálico.

Esse critério foi determinante para nossa coleta de dados, pois precisávamos encontrar sujeitos que preenchessem essa condição. Encontramos esse material em um dispositivo que se destina à assistência e tratamento de pessoas que apresentam problemas com o uso de álcool e outras drogas.

Os CAPS (Centros de Atenção Psicossocial) constituem-se em serviços especializados de assistência àqueles que apresentam algum tipo de

sofrimento psíquico seja ele transtorno mental ou relacionado ao abuso de álcool de outras drogas. São serviços abertos e comunitários do Sistema Único de Saúde (SUS). Têm como objetivo “oferecer atendimento à população de sua área de abrangência, realizando o acompanhamento clínico e a reinserção social dos usuários pelo acesso ao trabalho, lazer, exercício dos direitos civis e fortalecimentos dos laços familiares e comunitários”. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2004, p. 13). É um dispositivo estratégico e de substituição ao antigo modelo manicomial.

Consideramos que o sujeito que chega a um CAPS Ad (álcool e drogas) encontra-se em um estado agudo de sua condição adicta, já tendo ultrapassado um determinado ponto do consumo que ainda possibilitava a ele uma relação com a droga onde esta não ditava as ordens. A população assistida pelo CAPS é composta por sujeitos que se encontram ali exatamente pelo fato do consumo ter fugido ao seu controle das mais variadas maneiras. A droga encontra-se de tal forma instalada em suas vidas que não é mais possível ignorar o rompimento que tal prática provocou quer seja nas relações pessoais, quer seja no trabalho e estudo, quer seja na saúde ou ainda com a condição legal de cidadão. Geralmente, esse ponto também já foi ultrapassado e a inserção no mundo do crime e suas conseqüentes penalidades já se fazem presentes através da nomeação “infrator”. De qualquer forma, o usuário do CAPS Ad (como é nomeada a clientela assistida) traz com ele um rompimento com algum aspecto da sua vida anterior ao consumo da droga. Como estamos partindo da premissa de que a toxicomania se constitui enquanto uma formação de ruptura (tema desenvolvido no 2º capítulo) foi atrás desse ponto de ruptura que nós fomos. Portanto, consideramos que no CAPS teríamos o terreno fértil para nossa investigação sobre a relação do toxicômano com a linguagem.

O nosso desafio inicial foi tentar manter o específico relativo à Psicanálise, ao mesmo tempo em que nos utilizávamos da coleta de dados que, por si só, já constituía uma tentativa de universalização dos resultados. Portanto, em nosso estudo estivemos sempre às voltas com esse paradoxo. Se a psicanálise tem por método o discurso do inconsciente, como pensar uma metodologia de trabalho no âmbito acadêmico a partir do discurso da Psicanálise? É possível pensarmos em uma pesquisa psicanalítica?

(...) podemos conceber a produção científica de conhecimento como tentativa de dar conta do real, deslocando-o a cada novo postulado. No ponto limite em que o saber se depara com o real, há repetição na tentativa de dar conta deste. Essas repetições vão modulando idéias e discursos que adquirem estatuto de verdade, fundando teorias como campo simbólico que se fixa pela linguagem. Essa operação de convergência estabelece conceitos em torno de idéias básicas que funcionam como os significantes mestres de dada teoria. Se ela é realmente verdadeira ou não, não é o que mais interessa, pois os métodos utilizados em sua produção garantem sua fidedignidade, conferindo-lhe um estatuto de veracidade científica. (GUERRA, 2001, p. 91).

Se partirmos do pressuposto de que as teorias científicas constituem-se como tentativas de abordagem do real através do saber e assim poder enquadrá-lo, sistematizá-lo pelo simbólico, pensamos que um método psicanalítico de pesquisa tem muito a contribuir para o campo da pesquisa científica, desde que não percamos de vista o recobrimento apenas parcial do simbólico em relação ao real. Haverá sempre um resto intocado que caí dessa operação, algo que rateia e que vem apontar para um limite da linguagem em abordar o real da experiência humana, tentativa permanente do discurso da Ciência. É preciso, a nosso ver, dar lugar a esse resto.

(...) a pesquisa em psicanálise não pode confiar no fenômeno do mesmo modo que as ciências empíricas, pois consideramos que não há acesso direto ao mundo. A partir daí, o fenômeno não tem mais o mesmo valor de verdade. A pertinência e o valor de verdade de uma pesquisa empírica objetiva encontram-se, deste modo, bastante relativizados.

Introduzimos assim, uma escolha metodológica que reflete a necessidade de incorporar um viés subjetivo em nossos dados que prejudica, até certo ponto, as generalizações possíveis de nossos resultados. (FIGUEIREDO, 2001, p. 13-14).

Portanto, tendo como orientação teórica a Psicanálise, nossa escolha recaiu sobre o método qualitativo por ser aquele que possibilita uma observação que inclui o particular e não apenas o universal.

De acordo com Richardson (1999), “as investigações que se voltam para uma análise qualitativa têm como objeto situações complexas ou estritamente particulares” (RICHARDSON, 1999, p. 80), como consideramos ser o caso da toxicomania.

No que diz respeito a procedimentos metodológicos, as pesquisas qualitativas de campo exploram particularmente as técnicas de observação e entrevistas devido à propriedade com que esses instrumentos penetram na complexidade de um problema. (RICHARDSON, 1999, p. 82).

O nosso estudo, portanto, baseou-se na técnica de observação de grupos de usuários de drogas ilícitas, do sexo masculino, adultos, oriundos de classe social entre média e baixa, de distintas áreas de atividades, desde a construção civil, jardinagem, comércio, saúde e educação, que freqüentavam as várias atividades desenvolvidas pelo CAPS Ad Jovem Cidadão, no município de João Pessoa. A escolha dos usuários foi completamente aleatória, registramos as falas dos usuários que encontrávamos no serviço naquele momento, qualquer que fosse o sexo, a idade, a droga utilizada e a atividade exercida por ele. O número dos sujeitos variou entre dois a oito participantes das Oficinas, variando de acordo com o fluxo da freqüência deles no serviço que por si só, é bastante irregular.

A droga referenciada pelos usuários como sendo aquela que mais trazia dificuldades para suas vidas, foi o crack, muito embora também fosse relatado por eles o consumo de maconha, álcool e medicamentos. Não nos detivemos em uma discussão sobre as especificidades do consumo de cada uma dessas substâncias para os sujeitos em questão, mas apenas observamos que qualquer que fosse a substância – a depender da relação que o sujeito estabelece com ela – o estatuto do consumo pode ser francamente o de uma ruptura com o laço social.

Porém, é sobre o crack que a nossa observação se deteve. Por ser a droga que na atualidade apresenta de forma tão rápida e prevalente a ruptura do usuário com o laço social, esteve sempre presente nas falas. Todos os usuários menos um, que naquele momento freqüentavam o CAPS ali estavam em função do consumo de crack. Esse dado nos parece relevante em função de apontar para o avanço do consumo de crack em nosso país e especificamente, em nossa cidade. O crack é uma droga que traduz o espírito dos tempos atuais, regidos pela lógica do consumo: aquilo que sobra da operação de refino da cocaína como o resto, é reintroduzido no mercado sob forma de crack, evidenciando desde a sua produção, esse lugar do que sobra, do lixo da cocaína. Pois bem, é por esse resto que o consumidor se torna ele próprio também o próprio resto.

As atividades realizadas pelos usuários se constituem da participação nas diversas Oficinas oferecidas pelo serviço de atenção, quais sejam: Oficina da

palavra, Oficina da leitura, Oficina de cerâmica, todas acompanhadas por um técnico do serviço, que conduz a atividade no sentido de facilitar a expressão e verbalização tanto por meio da palavra em si, quanto por algum outro recurso como o trabalho com o barro, a leitura e discussão de textos, recorte e colagem, etc.

As falas dos usuários foram registradas (através de um gravador) e transcritas por nós, após autorização prévia dos participantes e transcritas por nós. Foram realizadas seis visitas ao CAPS, com o registro de cinco Oficinas. A primeira visita foi um contato inicial com os usuários, a nossa apresentação e a do trabalho e uma aproximação com a equipe do CAPS no sentido de uma familiarização tanto nossa, quanto dos usuários e da própria equipe.

Nossa posição durante as oficinas foi tão somente a de observador, sem nenhuma participação no desenvolvimento das conversas estabelecidas nem na condução da atividade. Esta era executada pelos técnicos do serviço, geralmente em número de dois que direcionavam os temas abordados, questionavam, estimulavam, procurando fazer circular a palavra.

Uma dificuldade se apresentou em relação à continuidade de nossas visitas em função da flutuação dos usuários nas próprias atividades. A presença deles oscilava bastante, sendo difícil encontrar os mesmos usuários a cada vez que voltávamos ao serviço. Esse fato é constatado pela equipe que também considera um elemento que dificulta o trabalho.

O tratamento dos dados recolhidos se deu no sentido de utilizarmos alguns recortes de falas que nos pareceram significativos para a nossa discussão. Não analisamos os dados na sua íntegra no nosso corpus, os utilizamos para exemplificarmos a discussão teórica desenvolvida ao longo da dissertação.

Em nossa análise dos dados não detivemos nosso olhar sobre a história pessoal dos sujeitos envolvidos como faríamos se pretendêssemos empreender um estudo de caso que exige a contemplação do que há de mais particular para um sujeito. Não abordamos o fenômeno da toxicomania eminentemente em sua perspectiva clínica, mas na sua interface com o campo da Lingüística, que tem nos servido como interlocutor privilegiado.

Portanto, o que nos interessa apresentar nesse estudo, é a manifestação lingüística do falante usuário de drogas enquanto um indicador – e tão somente – de sua posição subjetiva a partir das orientações da psicanálise lacaniana.

Não encontramos nenhum tipo de dificuldade por parte dos usuários para que fossem gravadas suas falas, com exceção de um participante, que demonstrou preocupação com sua possível identificação, no que foi imediatamente assegurado o seu direito à privacidade. Esclarecemos a ele assim como a todos os participantes e a cada vez que chegávamos ao CAPS, sobre o respeito à autonomia do sujeito envolvido na pesquisa, onde o anonimato e a privacidade estariam garantidos, não acarretando com isso, nenhum tipo de risco para os sujeitos participantes, de acordo com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), no final da dissertação no apêndice.

Por se tratar de pesquisa que envolve seres humanos, se fez necessário submeter nosso projeto de pesquisa à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital Universitário Lauro Wanderley da Universidade Federal da Paraíba que o aprovou. Inicialmente nomeamos o nosso projeto de pesquisa como “A localização do sujeito toxicômano através da linguagem”, tendo sido com esse título que ele foi aprovado. Foram assim obedecidos os quatro referenciais básicos da bioética, de acordo com a Resolução 196, de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde, que rege o trabalho dos Comitês de Ética, quais sejam: autonomia, não maleficência, beneficência e justiça. Também foi preciso obter o consentimento da Coordenação do CAPS AD Jovem Cidadão, para que o liberasse enquanto campo de pesquisa, para que pudéssemos iniciar nossas visitas à instituição.

Por último, gostaríamos de destacar que o estudo das manifestações de linguagem daquele que faz um uso abusivo de substâncias tóxicas tem sua relevância por se tratar de uma tentativa de contribuição a uma área que se apresenta, na sociedade atual, como indicadora de uma verdadeira epidemia. A toxicomania necessita de ações decorrentes de estudos que possam apontar soluções para o enfrentamento de tal problemática. Esse estudo pretende trazer mais uma contribuição.

Capítulo 1 - A função social da língua e o estatuto da linguagem na toxicomania

1.1 Considerações iniciais

Encontramos na fala do toxicômano uma característica própria: esse sujeito que se oculta atrás do consumo de uma substância possui, frequentemente, uma maneira peculiar de falar, através do emprego abundante de gírias e expressões características para nomear os fatos e personagens da vida, funcionando como um verdadeiro código compartilhado pelos que dividem esse tão peculiar modo de satisfação. A linguagem coloquial sofre uma distorção, as palavras assumem uma conotação própria, específica da cultura da droga.

O caráter criptográfico da fala, que se efetua muitas vezes em código, é muito presente na fala dos usuários de drogas, também utilizada para demarcar um determinado lugar no grupo. Grupo esse que está delimitado por certa exclusão social, por um lugar marginal, como é o caso do toxicômano.

Em nosso estudo, não se trata de decifrar essa linguagem própria, mas de tentar localizar através dela, a posição subjetiva do sujeito em questão e a relação estabelecida por este com a linguagem/língua.

Partimos do princípio de que a relação que o toxicômano estabelece com a linguagem o impede de utilizar-se da língua conforme a elaboração saussuriana que a define como um instrumento de promoção do laço social. Nesse sentido, temos o rechaço do sujeito ao saber do inconsciente e, conseqüentemente, a impossibilidade na produção de um sintoma, na medida em que este se caracteriza enquanto uma formação de linguagem.

Em seu lugar, a toxicomania apresenta uma solução para o impasse do sujeito com a linguagem, na contramão do sintoma, muito embora essa prática esteja incluída e nomeada como “novos sintomas”, a exemplo da anorexia, bulimia, síndrome do pânico e etc., que definem a configuração atual.

Exploraremos inicialmente, os fatos de linguagem, língua e fala, tanto na perspectiva saussuriana e lacanianiana, na abordagem dessas três categorias, na

tentativa de podermos, assim, discutir a relação do toxicômano com a linguagem/língua.

A partir de Ferdinand de Saussure, Jacques Lacan, psicanalista francês, estabeleceu aproximações entre a estrutura da linguagem e a do inconsciente, verificando que ambas possuem leis próprias de funcionamento, dando destaque à noção de sistema.

Saussure formulou a noção de sistema lingüístico baseado na concepção de signo lingüístico, constituído da relação entre significante/significado, tida como arbitrária e linear, o que quer dizer que o sentido não estaria dado a priori (princípio da arbitrariedade) e os signos se desenvolveriam tão somente uns após os outros (princípio de linearidade), na fala. A polissemia do sentido só teria existência exatamente em função da arbitrariedade do signo lingüístico, pelo fato de não haver um sentido fixado previamente.

Saussure produziu uma Lingüística que nada teve em comum com o que antes era abarcado por esse nome; antes de Saussure, a lingüística era comparativa, ocupava-se em saber se haveria uma língua mãe, uma língua que originasse todas as outras. Ele se opôs à concepção em torno da nomenclatura, onde o significado já estaria dado previamente no signo lingüístico, tendência até então vigente para a Lingüística.

Lacan pôde ler, no pensamento de Saussure, as indicações que serviram para localizar no sistema lingüístico do falante, o furo, a falha própria ao funcionamento inconsciente, ou seja, a noção de um sistema em movimento e não apenas o estudo da fonética. O movimento estruturalista, do qual Lacan fez parte, teve origem nas noções trazidas por Saussure, através do seu Curso de Lingüística Geral.

Uma distinção apontada por Saussure em seus estudos apresentou-se como fundamental: a separação entre língua e fala. Antes da aquisição da língua, o sujeito estaria imerso no mundo da linguagem, através da sua capacidade em comunicar-se através dos signos verbais. A língua, porém, é que estabeleceria um corte primordial no que antes era tido como a massa amorfa do pensamento (SAUSSURE, 1997, p. 130), possibilitando então, ao falante, utilizar-se da fala na tentativa de representar o mundo que o cerca. Podemos entender a língua enquanto abstrata e representativa do social e a fala, enquanto produção individual e concreta do falante.

O sujeito lingüístico, se assim podemos dizer, faria escolhas através das unidades lingüísticas (*in absentia*) e em combinações (*in presentia*). Esses dois eixos, sintagmático e paradigmático, dariam o valor do signo lingüístico.

Material precioso para Lacan, que pôde resgatar o que a descoberta freudiana já havia revelado, uma vez que a Psicanálise constituiu-se enquanto uma prática da palavra. A cadeia significante do falante acionada através da regra fundamental da Psicanálise (livre associação) se apoiaria também nas noções da lingüística saussuriana, de acordo com Lacan, na tentativa do sujeito humano, em poder encontrar pela palavra, uma via de acesso na ordem da representação do mundo que o cerca.

No entanto, essa representação não consegue se dar por completo: as palavras não recobrem plenamente as coisas, há sempre algo que resta dessa operação e foi exatamente a partir do que caí no sistema lingüístico, que Lacan pôde encontrar através de Saussure e da lingüística, a brecha que o permitiu rastrear a posição do sujeito.

O sujeito, nos diz Lacan, não é aquele que sabe o que diz, nem é a sua conduta, sobretudo quando sonha: a linguagem evidencia a divisão através do significante. “Que esse sujeito seja originariamente marcado por uma divisão, é a partir daí que a lingüística ganha força, para além dos gracejos da comunicação”. (LACAN, 1970, p. 402)

Ao traço proposto por Saussure entre significante/significado, Lacan agrega a este o valor de uma barra de separação entre os dois termos do signo lingüístico; uma barra que sugere a noção do recalque, de uma verdade censurada que permanece desconhecida para o sujeito, o que vai lhe permitir corrigir o que ele chama de “erro crasso” (LACAN, 1970, p. 404), que postulava ser o inconsciente a condição da linguagem. Muito pelo contrário, Lacan afirma: “a linguagem é a condição para o inconsciente” (LACAN, 1970, p. 404). Lacan promove uma torção no que até então era tido como sendo o inconsciente.

Temos uma definição dada por Lacan da tópica do inconsciente, a partir do algoritmo inicial de Saussure. Ele aprofunda a relação existente entre os dois termos do signo lingüístico propondo, para os dois, “ordens distintas e inicialmente separadas por uma barreira resistente à significação”. (LACAN, 1998b, p. 500).

S

s

Lacan não só inverte a ordem dos termos do algoritmo saussuriano, como desatrela radicalmente o significante do significado. A aproximação entre psicanálise e lingüística permite Lacan dizer que “um significante representa um sujeito (e não um significado), e para outro significante (o que quer dizer não para outro sujeito) (...)” (LACAN, 1970, p. 410), ou seja, o sujeito encontra uma representação possível através do significante, mas encontra-se fora do dito; o efeito sujeito é, por assim dizer, produto da cadeia significante, o que resta do deslizamento infinito entre um S1 e S2.¹

A linguagem, portanto, constitui-se enquanto uma estrutura prévia ao sujeito. O sujeito, Lacan o diz, além de servo da linguagem, também o é de “um discurso em cujo movimento universal seu lugar já está inscrito em seu nascimento, nem que seja sob a forma de seu nome próprio.” (LACAN, 1998b, p. 498).

A estruturação, a existência lexical do conjunto do aparelho significante, são determinantes para os fenômenos presentes na neurose, pois o significante é o instrumento com o qual se exprime o significado desaparecido. É por essa razão que de novo dirigindo a atenção para o significante, nada mais fazemos do que voltar ao ponto de partida da descoberta freudiana. (LACAN, 1985, p. 252).

O sujeito psicanalítico é habitado pela linguagem, constitui-se a partir dela e enquanto ser falante distancia-se de uma concepção cartesiana de sujeito, que fazia deste, dono e senhor de sua própria casa. É através da linguagem e dos princípios que regem o funcionamento do significante, que Lacan encontra a via privilegiada de acesso a esse sujeito. Ao destacar o valor do significante, Lacan inaugura uma nova concepção de sujeito, onde este perde sua condição de supremacia, passando a ser efeito da própria estrutura de linguagem. Ele também rompe com a idéia de um consciente ôntico, prévio ao sujeito, que o fundaria.

Não existe um inconsciente porque existiria um desejo inconsciente obtuso, pesado, *caliban*, até mesmo animal; desejo inconsciente erguido das profundezas, que seria primitivo e deveria elevar-se ao nível superior do consciente. Bem ao contrário, existe um desejo

¹ Significante um e significante dois.

porque existe algo de inconsciente, ou seja, algo da linguagem que escapa ao sujeito em sua estrutura e seus efeitos e que há sempre no nível da linguagem alguma coisa que está além da consciência. (LACAN, 2001, p. 32).

A experiência analítica revela, portanto, a estrutura da linguagem no inconsciente, situada para além da fala, desconstruindo a noção de que o inconsciente seria apenas a sede dos instintos. A partir dessa estrutura, teríamos a produção do inconsciente e a possibilidade de advir um sujeito.

O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem. E não somente o significante desempenha ali um papel tão grande quanto o significado, mas ele desempenha ali o papel fundamental. (LACAN, 1985, p. 139).

É pelo fato da linguagem não se confundir “com as diversas funções somáticas e psíquicas que a desservem no sujeito falante” (LACAN, 1998b, p. 498), que Lacan destaca a linguagem como sendo esta que faria o corte decisivo entre o humano e o animal, contrapondo a uma dualidade etnográfica entre natureza e cultura, uma concepção ternária da condição humana formada pela natureza, sociedade e cultura, onde “o último termo se reduziu à linguagem, ou seja, aquilo que distingue essencialmente a sociedade humana das sociedades naturais”. (LACAN, 1998b, p. 499).

Lacan deixa claro o quanto a linguagem é decisiva para a subjetividade humana. É essa condição inclusive, que possibilita ao humano romper radicalmente com a noção de instinto, uma vez que o fato de falar possibilita ao homem o acesso a uma dimensão da experiência que está vetada ao mundo animal, às sociedades naturais, ou seja, refletir sobre sua própria existência é algo que concerne apenas ao humano e isso diz respeito à sua condição enquanto sujeito.

Nesse sentido, é evidente a importância que o significante adquire para Lacan, em função de ser através deste que o significado desaparecido ou recalçado encontra uma forma de expressão, onde significante e significado estão constantemente em uma relação dialética.

Nessa perspectiva, ele nos aponta duas propriedades para o significante: a primeira está em ele ser articulado, pois suas unidades estão submetidas à dupla condição de se reduzirem a elementos diferenciais últimos e de

os comporem segundo as leis de uma ordem fechada. Quais são esses elementos? Os fonemas, como assim foram descobertos pela lingüística.

Como segunda propriedade do significante, temos o fato dele poder compor-se segundo as leis de uma ordem, dando origem à idéia de cadeia significante, que, por sua vez, remete a uma imagem: anéis cujo colar se fecha no anel de outro colar feito de anéis.

A estrutura da cadeia significante revela a possibilidade do sujeito servir-se da língua para “expressar *algo completamente diferente* do que ela diz.” (LACAN, 1998b, p. 508). O fato de o sujeito servir-se da língua para dizer o que não quer, aponta mais uma vez para o lugar do sujeito do inconsciente, uma vez que este se revela quando menos se espera, através de suas formações (sonhos, chistes, atos falhos, sintomas) e por que não dizê-lo, também através da sua fala.

Porém, a estrutura lingüística é incompleta e a aproximação entre psicanálise e lingüística facultou a Lacan a possibilidade de perceber que o significante não consegue recobrir a coisa, que há sempre algo que resta e que cai da cadeia significante.

1.2 O campo pulsional

“A linguagem por sua estrutura, deixa sempre algo por dizer; a linguagem mesmo deixa algo por dizer, na estrutura mesma da linguagem há algo que não tem nome”² (MILLER, 1991, p.10).

O que não é encontrado na ordem da enunciação e da representação, que não tem nome, Freud localizou sob o nome de pulsão, um representante psíquico dos estímulos internos que alcançam a mente, regido pelo princípio do prazer. Essa tentativa de representação se dá através da linguagem, que faria a ligação entre princípio do prazer e princípio de realidade, esses dois postulados freudianos para o funcionamento do aparelho psíquico. É através da articulação da linguagem que o isso, ou o pulsional, passa a ser incluído na esfera

² *El lenguaje, por su estructura, deja siempre algo por decir; el lenguaje mismo deja algo por decir; en la estructura misma del lenguaje hay algo que no tiene nombre.*

do eu, traduzido no aforisma freudiano: “*wo es war, soll ich werden*, traduzido por “onde estava o id³, ali estará o ego”. (FREUD, 1933, p. 102).

Porém o recalque, segundo Freud, só incidiria na representação ideativa, nunca no afeto pulsional, que permaneceria solto, conservando-se inatingível pela representação.

A pulsão, essa que escapa da cadeia significativa, é silenciosa e como tal, uma constante. “A fera sai de sua cova *querens quem devoret*, e quando ela encontrou o que ela tem para morder, ela está satisfeita, ela digere”. (LACAN, 1988a, p. 156).

Assim, Lacan (1964) se refere ao conceito de pulsão, no seminário “Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise”. Para esse quantum de energia, não há representação possível na cadeia significativa, o circuito pulsional segue outro caminho, que escapa à linguagem. Lacan representou esses dois movimentos esboçando o traçado de dois eixos paralelos em seu famoso grafo do desejo, apresentado no seu seminário “As formações do inconsciente” (1957-1958): linguagem e pulsão, ou significante e gozo.

Dessa forma, a pulsão trabalha sem que o sujeito se represente. A pulsão manifesta-se pela via do ato, sem que o sujeito saiba por que assim o faz. É a pulsão que faz. A atividade pulsional se presentifica sem sujeito.

Em nossa investigação acerca das toxicomanias, a vertente pulsional apresenta-se de fundamental importância para esse estudo. Na economia toxicômana, a pulsão se destaca por tratar-se de uma exigência onde, muitas vezes, a palavra parece não incidir. O ato toxicômano traz o silêncio de uma satisfação voltada para a impossibilidade do sujeito poder situar-se frente ao mal-entendido estrutural que rege a relação do sujeito com a linguagem. Entre o sujeito e a palavra, temos o imperativo da pulsão.

O sujeito toxicômano recorre a um artifício que passa pela satisfação encontrada no próprio corpo, num movimento que intercepta sua tentativa de representação pelo significante. Tentativa sempre parcial para os humanos, uma vez que a palavra nunca conseguirá dar conta do todo da experiência. Por outro lado, é

³ Id: instância psíquica denominada por Freud e traduzida assim, por seus editores. “Domina todos os seus processos o fator econômico, ou, se preferirem, o fator quantitativo, que está intimamente vinculado ao princípio do prazer. Catexias instintuais que procuram a descarga – isto, em nossa opinião, é tudo o que existe no id”. (FREUD, 1933, p. 95). Já Lacan adota a denominação “isso”, para referir-se ao id, a sede das pulsões, traduzindo assim o aforisma freudiano: “Lá onde isso foi, ali devo advir”. (LACAN, 1998, p. 528).

uma tentativa que nunca cessa de tentar se escrever, sendo inclusive esse exercício que constitui, em parte, o humano.

Já a toxicomania nos ensina que a subversão que o significante promove no organismo humano encontra um limite quando “o corpo foi invadido pela indicação de um prazer que não necessita passar pelo desfiladeiro das palavras”. (NOGUEIRA FILHO, 1999, p. 33).

(...) a intensificação da fonte orgânica da pulsão transforma o corpo em um verdadeiro turbilhão que favorece o escoamento da pulsão, na inevitável busca pelo alvo, por caminhos mais fáceis, des-signantizados. Isto colabora, decisivamente, para o distanciamento entre o corpo e a palavra, coalização tão fundamental para a constituição e a manutenção do sujeito desejante. (NOGUEIRA FILHO, 1999, p. 34).

O caminho mais fácil que o sujeito encontra para sua satisfação é através do consumo de uma substância que supostamente poderá oferecer-lhe uma satisfação direta e imediata. Podemos verificar a incidência do movimento pulsional desenfreado em busca da satisfação encontrada no consumo de crack, através das falas de usuários do CAPS Ad (Centro de Atenção Psicossocial Álcool e drogas), aqui denominados por N. e A.

N - eu vou dizer... pelo amor de Deus, aquela dali caiu do céu. E segurar minhas loucuras... tá doido! A última foi... quase mato ela do coração! Liguei pra ela, a gente ficou empenhado no motel, eu e um brother ali. O brother já tinha gasto mil e trezentos conto, o outro novecentos, tudo de pedra. A gente passou dois dias enfurnados. Aí a conta do motel deu seiscentos e quarenta e um reais. Aí eu fiquei lá. Aí o doido pá, saiu. Aí arrumaram quatrocentos e pouco, eu ligo pra ela pedindo duzentos conto, ela endoidou.

A. - Tá evitando, porque o crack é que nem a bebida, o cara tem que evitar a primeira pedra. Porque depois de fumar a primeira pedra, meu amigo, você vende até...

N. - Se você comprar cinco peda... foi um gênio o cara que criou o crack...porque se o caba compra cinco peda, o caba fuma as cinco, fica morrendo e ainda quer mais cinco. Quer ou não quer? Quer ou não quer?

Mesmo ao falar sobre sua devoção à mãe, um dos usuários não consegue impedir a força da compulsão que lhe impele ao consumo, apesar de todo sofrimento que sabe causar à própria mãe. Fica evidente também, a impotência de outro usuário em conseguir controlar o consumo desenfreado; claramente é algo que ultrapassa a própria vontade do sujeito em deter esse movimento que o leva a consumir mais e mais.

Temos então uma prática (a toxicomania), que pode ser considerada paradigmática da impossibilidade do humano encontrar, pela via da linguagem, uma representação, ainda que parcial, para o pulsional que habita em seu ser e para o qual há que se procurar um destino cuja prevalência não seja tão somente a da pulsão de morte.

Algumas palavras acerca do conceito freudiano de pulsão de morte se fazem necessárias na construção dessa discussão que estamos tentando estabelecer sobre a toxicomania. Em seus artigos “Além do princípio do prazer” (1920) e “O ego e o id” (1923), Freud aprofunda sua hipótese acerca de um tipo de pulsão, nomeada por ele de pulsão de morte, cuja principal finalidade seria a de conduzir a vida ao estado inanimado, ausente de toda estimulação possível enquanto aparelho psíquico. Assim, ele nos apresenta a pulsão de morte: “Se tomarmos como verdade que não conhece exceção o fato de tudo o que vive, morrer por razões *internas*, tornar-se mais uma vez, inorgânico, seremos então compelidos a dizer que ‘o objetivo de toda vida é a morte’ e, voltando o olhar para trás, que ‘as coisas inanimadas existiram antes das vivas’”. (FREUD, 1920, p. 56).

Essa tendência, digamos assim, constituiria uma oposição constitutiva do sujeito em relação ao plano da vida, representada pela luta entre Eros (a força vital) e Tanatos (o princípio de destruição). Freud distingue dois grupos de pulsões, “aqueles que procuram conduzir o que é vivo à morte, e os outros, as pulsões sexuais, que estão perpetuamente tentando e conseguindo uma renovação da vida”. (FREUD, 1920, p. 65). A importância desse conceito para a Psicanálise foi tamanha porque possibilitou uma abordagem dos impasses que a clínica psicanalítica já apontava: a raiz da compulsão à repetição. Apenas o conceito de pulsão de morte possibilitou lançar luz a determinadas questões clínicas como o masoquismo, por exemplo. Tal conceito ainda forneceu a Lacan os subsídios para a elaboração de outro conceito fundamental, o gozo, que está articulado diretamente ao de pulsão de morte.

No caso da toxicomania, não poderíamos prescindir desse instrumental teórico, uma vez que a prática toxicômana evidencia, de forma clara, a prevalência da pulsão de morte e o predomínio do gozo, tema que desenvolveremos no capítulo seguinte. É interessante ainda acompanharmos o desenvolvimento do pensamento freudiano no que consiste à pulsão de morte, quando ele se refere da seguinte forma: “(...) os instintos de morte são, por sua natureza, **mudos**, e que o clamor da vida procede, na maior parte de Eros.” (FREUD, 1923, p. 62). [grifo nosso]. Curiosa forma de Freud referir-se ao silêncio da pulsão de morte e ao clamor da vida. Parece-nos articular-se com o que tentamos desenvolver ao apresentar a toxicomania trazendo um silêncio sobre o sujeito, uma vez que o que percebemos é a presença insidiosa da pulsão de morte.

1.3 Linguagem, língua e fala: aproximações e diferenças entre Saussure e Lacan

O que é preciso deixar claro é se, quando Lacan faz referência ao campo da linguagem, está se referindo ao mesmo campo conceitual adotado por Saussure, em sua definição de língua. Parece-nos de fundamental importância estabelecer com mais precisão aproximações e/ou diferenças entre Saussure e Lacan, no sentido de podermos compreender a relação do sujeito com a linguagem/língua e, em particular, o estatuto da palavra para o drogadicto, nosso objeto de estudo.

Passaremos agora, a recolher alguns elementos deixados por Saussure que irão contribuir na nossa investigação sobre as distinções estabelecidas entre língua, linguagem e fala, através das referências encontradas a partir das leituras do “Curso de Lingüística Geral” (CLG) e dos “Escritos de Lingüística Geral” organizados por Simon Bouquet e Rudolf Engler, assim como as formulações de Michel Arrivé, que poderão contribuir para nossa tentativa de circunscrever com maior precisão o lugar do sujeito no sistema da língua.

No capítulo sobre o objeto da lingüística no CLG, Saussure (1997) coloca a necessidade de tomar a língua como norma de todas as outras

manifestações da linguagem, estabelecendo de forma muito nítida uma separação entre língua e linguagem, distinção essa que nos interessa acompanhar.

Saussure nos diz que a língua “não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente” (SAUSSURE, 1997, p. 17). É como se a língua fosse a parte desse todo maior que constitui a linguagem. Ele toma a língua como objeto de estudo, observando o seu movimento enquanto um sistema que estaria presente também em outros movimentos de linguagem, a exemplo de outros sistemas, como: a linguagem da moda, a linguagem cinematográfica, a linguagem musical e tantas outras, que apresentariam o mesmo funcionamento enquanto sistema.

A linguagem é multiforme e heteróclita, pertence ao domínio individual e social. Já a língua é “um todo por si e um princípio de classificação” (SAUSSURE, 1997, p. 17). Saussure coloca a língua em primeiro lugar entre os fatos da linguagem e diz ter introduzido uma “ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação”. (SAUSSURE, 1997, p. 17).

Temos para a linguagem uma natureza heterogênea, uma impossibilidade de classificá-la, enquanto que na língua encontramos uma possibilidade de classificação desta entre os fatos humanos.

Saussure aponta para a possibilidade do surgimento de uma ciência que passaria a estudar a vida dos signos no seio da vida social, ciência essa que constituiria uma parte da Psicologia Social, que poderia ser chamada de Semiologia, derivada do grego *semeion*, que significa signo.

A lingüística, Saussure nos diz, constitui apenas uma parte dessa ciência geral, dessa ciência ainda em construção, onde “a tarefa do lingüista seria a de definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (SAUSSURE, 1997, p. 17).

A língua é de natureza homogênea, constituída de signos lingüísticos que, embora psíquicos, não são abstratos. A escrita inclusive pode fixar esses signos em imagens convencionais. Temos então, “um sistema de signos que exprimem idéias” (SAUSSURE, 1997, p. 24), como tantos outros sistemas, como a escrita, o alfabeto dos surdos-mudos, os sinais militares, sendo o sistema da língua, o principal.

Foi o estudo desse sistema (o da língua), que forneceu os subsídios necessários para o estudo e compreensão dos demais sistemas, tendo tornado-se a

base do movimento estruturalista, se espalhado pelo mundo nos anos 50 e influenciado vários outros campos do saber, em especial, o das ciências humanas.

Saussure discute também o pressuposto vigente na época de que o fato de falar sempre foi tido como natural para o ser humano. Não há uma comprovação científica por parte dos lingüistas de que o aparelho vocal dos humanos tenha sido feito para falar, pois os homens poderiam ter continuado apenas utilizando-se dos gestos e das imagens visuais para comunicarem-se em lugar de terem começado a articular imagens acústicas. O homem fala, portanto, por outro motivo que não o fato de possuir um aparelho fonador. Por que, então, o homem fala?

Para Saussure, “não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de constituir uma língua”, como “um sistema de signos distintos correspondentes a idéias distintas.” (SAUSSURE, 1997, p. 18).

Para além da localização fisiológica da faculdade de falar defendida por muitos para justificar a linguagem como uma propriedade natural do ser humano, Saussure conclui que “acima desses diversos órgãos, existe uma faculdade mais geral, a que comanda os signos e que seria a faculdade lingüística por excelência”. (SAUSSURE, 1997, p. 18).

Essa faculdade lingüística que Saussure faz referência nos parece fundamental a partir de alguns pontos: em primeiro lugar, opera um corte radical com o reino animal; só o ser humano se constitui enquanto um ser falante e esse fato permite que ele possa servir-se da língua para refletir e expressar a sua própria existência. Os animais também estão inseridos no campo da linguagem, tanto é que possuem um sistema próprio de comunicação, muitas vezes por demais complexos, como é o caso das abelhas e dos golfinhos. Mas o que não está ao alcance do animal é essa subversão sofrida pelo aparelho fonador dos humanos, permitindo a eles, um uso desse aparelho que o permite utilizar-se da língua para ir além da comunicação, o que nos parece um fato decisivo em apontar para o lugar do sujeito nesse sistema. Pois é o sujeito, na perspectiva que a Psicanálise aborda que se faz presente através da língua, compreendida como tal, na perspectiva saussuriana.

Em segundo lugar, a faculdade lingüística que permite o uso da língua funcionaria como esse acordo que garantiria a própria organização social, já que um povo se constitui a partir da língua falada entre seus falantes. Nesse sentido,

podemos perceber o caráter social da língua, enquanto organizador de uma coletividade.

1.3.1 A língua enquanto promotora de laço social

A língua ocuparia, então, o primeiro lugar no estudo da linguagem; “porém a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade” (SAUSSURE, 1997, p. 18).

O principal papel na organização da língua enquanto um sistema é a faculdade de associação e de coordenação dos signos entre si, o que nos leva a abordar a língua enquanto um fato social.

Tal fato social consiste em um acordo tácito estabelecido pelos indivíduos em usar e reproduzir – se não exatamente, mas de forma aproximada – os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos, que é o que faz poder existir a comunicação entre os homens de uma dada cultura.

Nesse acordo, a parte física é posta de lado, pois o simples fato dos humanos possuírem um aparelho vocal não garante para eles a possibilidade de todos poderem usá-lo da mesma forma; caso assim fosse, teríamos apenas uma única língua e não existiria toda essa diversidade lingüística, assim como também não teríamos dificuldades em aprender outros idiomas.

É através do funcionamento das faculdades receptivo e coordenativo nos falantes, que se formam as marcas que virão a tornarem-se as mesmas para todos. A língua, nada mais é nos diz Saussure, que esse “liame social” (SAUSSURE, 1997, p. 21), constituída de imagens verbais armazenadas em todos os indivíduos.

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros dum conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo. (SAUSSURE, 1997, p. 21).

É a parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só, não pode nem criá-la nem modificá-la; ela não existe senão em virtude de uma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade.

Foi nos “Escritos de Lingüística Geral” que encontramos na metáfora do barco, utilizada por Saussure, a melhor definição do que vem a ser o uso que se faz da língua. A partir do momento em que um barco sai do estaleiro em que foi fabricado e lançado ao mar, uma diferença é aí colocada: não se trata mais do mesmo barco, concebido como tal pelos engenheiros. Ele passa a ser um barco por estar em movimento e isso traz conseqüências para a sua própria estrutura de barco a partir de então. O mesmo pode ser dito a respeito da língua. É só com a entrada do sistema de signos na coletividade que uma língua passa a ter existência, na medida em que passa a ser utilizada pelo falante.

Saussure é taxativo quando diz que “é apenas o sistema de signos tornado coisa da coletividade que merece o nome de sistema de signos e que é um sistema de signos”, (SAUSSURE, 2002, p. 249), ou seja, a língua. “Um sistema de signos feito para a coletividade, como o barco para o mar. Ele é feito para se ouvir entre vários ou muitos e não para se ouvir sozinho”. (SAUSSURE, 2002, p. 249).

Saussure apresenta, portanto, a importância da língua poder ser usada e o caráter social da língua, como sendo fundamental na compreensão do que esta vem a ser.

A partir do momento em que o sistema de signos é tomado pelo coletivo, origina tanto a pluralidade de línguas como as mudanças e transformações ocorridas no interior da própria língua. Saussure interessou-se particularmente sobre a incidência do tempo sobre a língua, pois constatava que havia uma garantia de história e mudança na língua.

Michel Arrivé (1999) nos apresenta uma perspectiva de separação entre linguagem e língua, da forma como foram utilizadas por Lacan e Saussure. Segundo ele, quando Lacan anuncia que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, ele está querendo dizer estruturado como uma língua. “Não seria ela vizinha da língua saussuriana?” (ARRIVÉ, 1999, p. 36).

E nos adverte que “importa estar atento, em Saussure, à distinção que se estabelece entre esses dois conceitos. E a que ponto convirá estar atento, em Lacan, aos contornos precisos do conceito de *linguagem*”. (ARRIVÉ, 1999, p. 36).

Se para Saussure língua e linguagem não se confundem, Arrivé também aponta que quando Lacan utiliza o conceito de linguagem, ele pode estar se referindo ao conceito saussuriano de língua.

De toda forma, podemos circunscrever esse dois conceitos – linguagem e língua – como campos próximos e, ao mesmo tempo, distintos, de acordo com essas indicações que recolhemos.

1.3.2 A linguagem enquanto ordenador simbólico

No interior do labirinto, Teseu tratou de desenrolar o fio fornecido por Ariadne, marcando assim seu caminho, retificando (intervenção do simbólico) de alguma maneira o tortuoso e extravagante labirinto; só assim conseguiria sair do labirinto e derrotar o Minotauro. (GARCIA, 1998, p. 90).

A linguagem para Lacan envolve uma concepção onde se destacam alguns elementos fundamentais: a atuação do significante sobre o significado através da cadeia significante faz funcionar a estrutura simbólica, dimensão organizadora dos fatos do mundo. Essa dimensão é representada para o sujeito pela delimitação de um campo definido por Lacan como sendo o do Outro, escrito com maiúscula, para demarcar uma separação com o campo da estrutura imaginária, tida como especular, dirigida ao semelhante. O Outro, lido como grande Outro, constitui o lugar do código fundamental da linguagem e do simbólico, por excelência, onde um sujeito é aí constituído. Lacan nos deixa a indicação em seu seminário “Os escritos técnicos de Freud” (1953-1954):

E a situação do sujeito – vocês devem sabê-lo desde que lhes repito – é essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico, ou, em outros termos, no mundo da palavra. É desse lugar que depende o fato de que tenha direito ou defesa de se chamar *Pedro*. (LACAN, 1986, p. 97).

O registro do imaginário está calcado no plano intersubjetivo, na relação dual, mas o mesmo não ocorre com o simbólico, onde é estabelecido um corte nessa dualidade, sendo introduzido o domínio da lei, que funciona como um terceiro. Lacan nos diz: “E quando se vai ao trabalho, há regras, horas – entramos no domínio do simbólico”. (LACAN, 1986, p. 255).

E continua nos esclarecendo acerca do processo simbólico que constitui a base da linguagem:

Pensar é substituir aos elefantes a palavra *elefante*, e ao sol um círculo. Vocês se dão bem conta de que entre essa coisa que é fenomenologicamente o sol – centro do que ocorre no mundo das aparências, unidade da luz – e um círculo, há um abismo (...) Porque o sol enquanto é designado por um círculo não vale nada. Só vale na medida em que esse círculo é colocado em relação com outras formalizações, que constituem, com ele, o todo simbólico no qual tem seu lugar, no centro do mundo, por exemplo, ou na periferia, pouco importa. O símbolo só vale se se organiza num mundo de símbolos. (LACAN, 1986, p. 256).

Portanto, linguagem e simbólico estão intimamente articulados para Lacan. O homem precisa da linguagem e da ordem simbólica para representar a realidade que lhe cerca. É a linguagem que vem instituir a realidade das coisas, pois antes da linguagem não há absolutamente nada. “Antes da palavra, nada é, nem não é. Tudo já está aí, sem dúvida, mas é somente com a palavra que as coisas são – que são verdadeiras ou falsas, quer dizer, que são – e coisas que não são.” (LACAN, 1986, p. 261) A palavra, também é promotora do engajamento do sujeito com as suas ações, por mais contraditórias que elas sejam, no sentido de poder fazê-lo assinar o que diz, uma vez que o homem encontra-se mergulhado no plano simbólico.

É função do simbólico também, segundo Lacan, promover, “o pacto que liga os sujeitos uns aos outros numa ação. A ação humana por excelência está fundada originalmente na existência do mundo do símbolo, a saber, nas leis e nos contratos”. (LACAN, 1986, p. 262). Gostaríamos de destacar essa função do simbólico em relação à promoção do laço social entre os homens. Noção essa que se aproxima da função social da língua, de acordo com Saussure, como vimos anteriormente. O liame social que a língua promove, no nosso entender, articula-se com a função simbólica da linguagem, na medida em que permite aos homens estabelecer acordos entre si que proporciona a eles, uma vida em comum.

Em 1930, no seu artigo “O mal-estar na civilização”, Freud desenvolve a tese de que na base do processo civilizatório, vamos encontrar o processo simbólico no que diz respeito à renúncia pulsional. Ele nos diz: “O programa de tornar-se feliz, que o princípio do prazer nos impõe não pode ser realizado.” (FREUD, 1930, p. 102). Nesse artigo, ele explora as mais diversas formas pelas quais as pulsões encontram uma subordinação simbólica, permitindo

assim que a cultura se produza. Se o homem fosse regulado unicamente pelo princípio do prazer, não haveria possibilidade de constituir uma civilização que, por princípio, é regida pela renúncia pulsional.

A substituição do poder do indivíduo pelo poder de uma comunidade constitui o passo decisivo da civilização. Sua essência reside no fato de os membros da comunidade se **restringirem em suas possibilidades de satisfação**, ao passo que o indivíduo desconhece tais restrições. (FREUD, 1930, p. 115) [grifo nosso].

A ferramenta mais eficaz para essa restrição da satisfação irrestrita, como nos diz Freud, no nosso entender, é o acordo realizado entre os membros de uma mesma comunidade, acordo esse regulado pela linguagem. É a linguagem enquanto meio simbólico que permite aos homens renunciarem à possibilidade da satisfação plena e encontrar outros meios de realização da pulsão, como a sublimação, por exemplo, que se encontra na base da produção cultural.

Consideramos, portanto, que o processo civilizatório é fruto desse extremo exercício de renúncia pulsional a que o homem viu-se convocado a fazer, sob pena de não conseguir as realizações culturais que ao longo dos séculos vêm sendo possíveis à humanidade. É claro que essa renúncia é sempre parcial e de natureza inconciliável com o próprio movimento pulsional. No entanto, é pautado nessa base que o laço social entre os homens tem se tornado possível.

Algumas manifestações que apresentam uma prevalência de exigência da satisfação pulsional distanciam-se dessa premissa fundamental da civilização, entre elas, a toxicomania. É o que estamos tentando discutir nesse estudo e que temos encontrado subsídios tanto nas articulações da psicanálise, quanto na lingüística. O laço social que se encontra comprometido na prática abusiva do consumo de drogas aponta exatamente para a impossibilidade de o sujeito encontrar através do simbólico, uma saída para as vicissitudes da pulsão.

A toxicomania enquanto uma prática não discursiva não propicia ao consumidor um uso da língua enquanto liame social, impossibilitando muitas vezes que o sujeito utilize-se do recurso simbólico enquanto moderador da exigência do princípio do prazer. É bastante claro o quanto o projeto civilizatório encontra-se comprometido em uma prática como a da toxicomania, a começar pela dificuldade que os usuários apresentam em sustentarem um trabalho, os bens adquiridos, as relações afetivas, a inserção em atividades culturais, etc.

N. - De rocha mermo. Perdi um emprego por causa de pedra, maconha nunca me atrapalhou, maconha eu fumava um quando me acordava, saía pra trabalhar, quando era nove e meia fumava outro, meu emprego de vendedor, sou profissional de venda...

A. – Eu perdi foi doze anos, irmão, ali naquele Instituto de Psiquiatra, carteira assinada, devido ao crack. Quando eu vivia na maconha... Eu fazia a feira pra meus filhos e acabava o dinheiro, pegava uma lata de leite, isso aquilo, aquilo outro e trocava no crack e depois batalhava o dinheiro pra comprar tudo de volta.

N. – Rapaz, eu vou dizer: sempre fumei maconha, nunca perdi emprego, nunca perdi minhas gatas, as mulheres tudo me deixaram por causa do uso, entendeu?

A. – Minhas festa era o que, minha diversão era comprar uma birita⁴, droga e se drogar e pronto. Pra mim aquilo ali era a maior festa do mundo. Não tinha outra. Somente. Era a minha diversão. São João, fogueira... às vezes pegava um milho, ia assar na fogueira – olha a minha viagem - lá na outra rua com um baseado⁵ na boca da palha do milho, aí ia fumar, voltava, pegava outro milho...aí é melhor o caba esquecer.

Observamos que os usuários se referem ao consumo do crack como tendo sido esse o responsável pelo maior descontrole e desajuste nas suas vidas, sendo impossível a construção, por mínimo que fosse, de qualquer projeto de vida que envolvesse uma família, trabalho, casamento. A exigência pulsional apresenta-se mais forte do que qualquer outra possibilidade substitutiva de satisfação. A fala do usuário A. referindo-se à maneira como ele se inseria no festejo de uma festa típica como o São João, tão importante culturalmente para o nordestino, nos parece indicativa do quanto o consumo de drogas afeta o sujeito em suas referências simbólicas e culturais, passando a ocupar um lugar secundário na sua economia libidinal.

⁴ Birita: nome popular para a bebida alcoólica.

⁵ Baseado: nome popular dado ao cigarro de maconha.

Destacamos o caráter exclusivo da droga em relação a todas as outras possibilidades de diversão que se apresentavam para o sujeito. Percebemos também que nesse circuito descrito por A. – comprar a birita, a droga, pegar um milho e assar com um baseado na boca, fumar, voltar, pegar outro milho – o usuário encontra-se só, ele satisfaz-se solitariamente no silêncio da pulsão através do corpo intoxicado prescindindo do vínculo com o outro. A droga e seus efeitos é o que há de mais interessante para ele nesse momento.

Mesmo quando aparentemente há uma vinculação com o outro, uma possibilidade de parceria, ainda assim somos levados a pensar que se trata mais de um encontro de solidões que têm em comum o objeto droga do que propriamente um encontro onde um laço possa se estabelecer. Observemos esse diálogo a partir do reencontro de dois usuários no CAPS, onde os dois estão tentando achar uma saída para o consumo do crack:

N. – Foi contigo que eu estudei, brother.

A. – Já tomou até Bentyl⁶ com Coca-Cola.

N. - A gente tomou Bentyl com Coca-Cola lá no Sete de Setembro. Foi contigo mesmo, por isso que eu tava olhando, brother ó.

A. – Pra tu ver como é a vida.

N. – Pra ver como é a vida.

Os dois se aproximaram inicialmente, em função das primeiras experiências em torno da droga, onde estavam descobrindo e experimentando os diversos efeitos das substâncias no corpo. Percebe-se que a única referência que um tem do outro, é o fato de terem compartilhado das sensações produzidas pelo objeto droga. Nenhuma referência sobre a vida de um e de outro, nenhum outro interesse em comum, apenas o compartilhamento da satisfação que a droga produzia. O reencontro se dá em condições adversas, anos depois, em que cada um encontra-se agora tombando sob a força do consumo de crack.

A ligação aparente entre os dois não é suficiente para estabelecer laço social; trata-se mais de um compartilhamento do gozo⁷ extraído de uma prática

⁶ Cloridrato de diciclomina: antiespasmódico. Indicado no tratamento de distúrbio funcional da síndrome do colon irritável (colon irritável, colon espástico e colite mucosa).

⁷ Gozo: conceito lacaniano que prolonga a noção de pulsão de morte introduzida por Freud em sua segunda tópica, a partir de 1920. Desenvolveremos esse conceito no próximo capítulo.

de adicção. O simbólico não operou introduzindo um corte na satisfação pulsional, que continuou seu movimento infinito, deslizando do Bently com Coca-Cola, passando pela maconha, para finalmente, vir encontrar o seu apogeu no consumo de crack. A constatação feita por eles dessa escalada não é nada mais do que apenas uma constatação, sem reflexão. O laço possível entre eles continua sendo tão somente em torno do objeto droga.

Observamos existir uma fratura tanto na função simbólica da linguagem, quanto no laço social através de uma prática de consumo segregativa, o que nos leva a pensar que a toxicomania revela, em especial, o quanto uma e outra função estão intimamente ligadas, permitindo o estabelecimento de um diálogo entre as noções de Saussure e Lacan, não como excludentes e, sim, como complementares de uma lógica que tenta tirar conseqüências dos fatos de linguagem/língua na vida dos seres falantes.

Saussure, no nosso modo de ver, indica uma distinção precisa entre linguagem e língua. Ele diferencia língua e linguagem, dando um caráter privilegiado e especial à língua, pelo fato desta se prestar à análise enquanto um sistema capaz de proporcionar um saber acerca dos movimentos do próprio sistema. Partindo da diversidade das línguas, ele pôde constatar que, apesar de toda essa pluralidade, havia um movimento único na língua – o movimento do sistema – que o fez colocá-la em primeiro plano dentro dos fatos da linguagem e tomá-la como objeto de estudo.

Há ainda outro aspecto desses fatos de linguagem que é o estudo da fala. Embora não se constituindo propriamente enquanto objeto de estudo da Lingüística e sim de outros campos do saber, a exemplo da Fonoaudiologia, a fala faz parte do campo da linguagem e nos interessa a partir de sua relação com a língua, estabelecida como um processo dialético. Se existem diferenças entre ambas, por outro lado, são interdependentes dentro do movimento do próprio sistema.

1.3.3 A parole enquanto executora da língua

A fala enquanto tal constitui o fator que permite o exercício da faculdade de linguagem. Temos para a língua, um produto que o indivíduo registra

passivamente, uma vez que ele já a recebe pronta e procura uma forma de ajustar-se a ela. Se o indivíduo estabelece com a língua uma relação de passividade, no processo de execução isso se inverte: essa execução nunca é feita se não for de forma individual, onde o sujeito é sempre senhor. A essa execução, Saussure nomeia de fala ou parole.

Temos para a fala, portanto, um ato individual de vontade e inteligência, composto de dois atos:

1º - as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua com o objetivo de expressão do pensamento;

2º - o próprio mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar tais combinações. A fala é um objeto que se pode estudar em separado, embora seja impossível registrar todos os pormenores dos atos da fala, ao contrário dos da língua.

O ato que constitui o circuito da fala pressupõe ao menos dois indivíduos, constituindo-se em “um fenômeno inteiramente psíquico, seguido, por sua vez, de um processo fisiológico”. (SAUSSURE, 1997, p. 19).

Com a separação entre língua e fala, temos: 1º: uma separação entre o social da língua e o individual da fala; 2º: uma separação entre o que é essencial do que é acessório. Se há uma separação entre as duas, por outro lado, temos também uma relação dialética estabelecida entre ambas, na medida em que é através de uma (a fala) que outra (a língua) se revela.

A fala do sujeito pode servir como um localizador privilegiado da relação estabelecida por este com essa capacidade que apenas o humano possui, a de refletir sobre sua própria existência através do significante, do registro simbólico, ou seja, a partir da sua relação com a linguagem e, ainda, de utilizar-se da língua como instrumento para o laço social. No caso específico do nosso estudo, a fala do consumidor de drogas evidencia essa tentativa do sujeito de uma forma precária. Podemos tomar como ilustração mais uma vez as falas de dois usuários, durante participação em atividades no CAPS Ad, aqui denominados pelas seguintes iniciais: N(usuário), M(usuário) e T(técnico).

M. – Sábado eu tive uma raiva e usei um Artane⁸ só.

⁸cloridrato de triexifenidila: usado no tratamento do mal de Parkinson, mas comumente utilizado como estimulante do Sistema Nervoso Central por usuários de drogas.

Técnico: – Usou o que?

M. – Um Artane.

Técnico: – Você pode contar pra gente sobre essa raiva?

M. – Minha mãe começou a discutir comigo lá em casa lá aí eu saí de dentro de casa. Aí eu usei o Artane já pra não me deixar quente e pá. Aí eu passei o dia inteiro na rua.

Podemos perceber que o sujeito faz uma tentativa de representação do afeto da raiva, como tendo sido este a condição para o uso da droga, embora não consiga tornar clara, pelo uso da palavra, a causa para sua raiva. Parece que o que aparece na fala é apenas o relato do consumo e não um sujeito afetado pela raiva que o impulsiona para o objeto droga.

Observemos alguns outros recortes de algumas falas:

A. - Pronto, aqui você tá escutando a paz, aqui você já tá escutando ali, ó pra ir descolar isso assim, vai tá entendendo, não sei o que, não sei o que, pá pá pá e tal, isso e aquilo, termina o caba embarcando naquela onda ali e se prejudicando. Eu tenho 33 anos, véi. 22 é de droga. 22 de droga.

N. - Aí o cara passa o dia... como sexta-feira...sexta-feira eu tive uma raiva de manhã e no desespero eu digo...rapaz...vou ali...péra aí...comprar uma dola agora mesmo. Aí fui, comprei uma dola e a boca do outro lado assim... peda e eu digo ...meu irmão...e eu naquela...e eu com a grana pra...aí eu digo: vou pra dola. Eu saí e comprei a dola. Naquela pra fumar e fumei um xara da dola, aí eu digo: meu Deus do céu!

Técnico: – E você, C. o que é o seu cartaz?

C. – Foi uma invenção maluca aí que eu inventei.

Técnico: – Que inspiração você teve...

C. – Inspiração neurótica, tá ligado não? Um bocado de parada engraçada...

Observamos que a partir dessas manifestações dos falantes, assistimos a um uso codificado da fala, trazendo dificuldade para aquele que escuta,

onde as palavras e expressões utilizadas não articulam necessariamente um sentido. No diálogo entre o técnico do serviço e o usuário C. sobre um cartaz elaborado por ele não conseguimos estabelecer um sentido na resposta dada por ele sobre o que o levou a inspirar-se para o desenho. O que seria exatamente uma inspiração neurótica para ele? Verificamos muito mais uma forma de falar que não diz nada – o uso constante do “tá ligado?”, a “parada engraçada” podendo significar o que? Um esvaziamento dessa fala que não permite que o usuário possa estabelecer certa relação com a causa; observamos quase que uma indiferença em poder saber sobre o que o afeta, mesmo que não se esteja necessariamente falando sobre a droga. Aliás, poderíamos dizer mesmo que, quando o assunto não é a droga, pouca coisa interessa.

O consumo da droga aparece justificado em alguns casos, pelo afeto da raiva mobilizada no sujeito, que recorre à substância na ausência de poder circunscrever pela palavra, a raiva que sente e os motivos para ela.

Observamos também que quando o usuário A se refere ao tempo de consumo – vinte e dois anos – ele não consegue explorar esse dado e tirar conseqüências do fato de que a maior parte da sua vida foi vivida em torno desse objeto que o destruiu. É apenas uma constatação, um relato sem implicação subjetiva, sem uma articulação simbólica.

Também evidenciamos no relato do usuário N, o que ele deixa entrever através das suas formulações sintagmáticas: seu movimento de hesitação, inquietação e compulsão para adquirir a droga. A escolha difícil entre a maconha e o crack, onde o usuário se debate entre a “peda”, como ele nomeia o crack e a “dola”, palavra usada para designar a quantidade de maconha comprada pelos usuários. Embora o conflito do sujeito esteja expresso em sua fala, observamos que uma reflexão não se faz possível, uma vez que essa construção não consegue ultrapassar o caráter meramente descritivo e informativo da fala, embora se utilizando da língua em uma perspectiva criptográfica, recheada de códigos como as nomeações que a própria droga assume, quase que decodificada apenas pelo próprio grupo de consumidores.

1.4 Primeiras conclusões antecipadas

Inseridos no campo da linguagem, todo ser vivo está. Mesmo os animais, que apesar de não desenvolverem uma fala, apresentam uma linguagem própria, uma vez que são dotados da capacidade de comunicação, passível, muitas vezes, de compreensão pelos humanos. Nesse sentido, estamos de acordo com que o plano da linguagem esteja situado num contexto mais amplo, onde a língua pode ser tomada como a possibilidade privilegiada de expressão do sujeito em relação aos fatos da linguagem.

A linguagem também pode ser encontrada nas mais variadas formas de expressão, como a linguagem corporal, a musical, a cinematográfica, a linguagem da moda, etc. Esses variados tipos de linguagem apontam para os diversos ângulos sobre os quais se pode olhar uma determinada maneira de expressão encontrada pelo humano em sua organização social.

Já a língua, tomada como objeto da lingüística por Saussure, possui algo de mais específico. Podemos considerar que não foi à toa que Saussure tomou-a como seu objeto de estudo e não a linguagem e a fala, embora estas duas estejam também implicadas no estudo da língua.

A constatação da noção de um sistema em movimento no uso da língua permitiu a Saussure a elaboração de todo um construto teórico que pôde subverter o trabalho da lingüística até então.

A maneira como o falante se utiliza da linguagem através da língua evidencia, no nosso entender, a relação que este estabelece com o fato de ser um falante, de estar imerso em um universo de linguagem.

Em nossa investigação acerca das toxicomanias, temos como objeto de estudo um sujeito que faz um uso abusivo de drogas e que, como todo ser falante, é um ser de linguagem.

Porém, a relação que esse sujeito estabelece com a língua encontra-se afetada pelo próprio uso abusivo da droga, indicando na prevalência do consumo uma perspectiva que afeta a possibilidade simbólica da linguagem. O uso de drogas interfere, além de outras coisas, na expressão lingüística do falante. Haveria uma relação diferenciada desses sujeitos com a língua, evidenciando assim a posição subjetiva que o próprio uso abusivo de drogas estaria apontando.

No início desse capítulo, abordamos tanto a função simbólica da linguagem no sentido de que esta estaria a serviço da representação que o sujeito faz do mundo, assim como a função social da língua na medida em que esta rege o acordo entre os falantes. Com o uso abusivo de drogas, as funções simbólica e social da linguagem/língua ficariam comprometidas?

Encontramos alguns indicativos de que a relação do toxicômano com a linguagem é problemática: “O toxicômano é um desistente do jogo de linguagem, é um desistente da simbolização”. (NOGUEIRA FILHO, 1999, p.14).

O recurso à intoxicação requer não falar, ainda que o sujeito fale muito da droga, muitas vezes em uma perspectiva informativa, criptográfica, descritiva e não-simbolizada, como temos observado nos relatos apresentados aqui. Observamos uma fala onde não se evidencia uma implicação do usuário enquanto um sujeito; a questão dele encontra-se deslocada toda para a própria droga, pois é dela que ele fala e não de si próprio.

“O sem sentido da *operação toxicômana*, da experiência vívida e **vazia** da droga, é que essa não tem nenhum sentido mais que o que se deriva de “não pude deixar de fazê-lo” e não há mais o que falar” (TARRAB, 2000a, p. 123) [grifo nosso]⁹. Podemos pensar que o que está implicado na maneira codificada do drogadicto falar, se trata na verdade, de um **não falar**, de um silêncio que aponta para o lugar vazio onde não há um sujeito. Somos levados a pensar no silêncio da pulsão de morte, de acordo com Freud, uma pulsão muda, onde o sujeito não fala, mas que, no entanto, se manifesta de forma gritante e insidiosa, evidenciando o princípio da destruição. No lugar do sujeito falar, a pulsão de morte se manifesta.

Nesse caso, as pulsões de morte, embora façam barulho, são consideradas mudas porque não falam a partir do inconsciente como nos sonhos, atos falhos, formações do inconsciente em geral. São manifestações percebidas, mas que não são reconhecidas pelo sujeito como produções suas. (RUDGE, 1998, p. 37).

Portanto, a fala do toxicômano estaria a serviço exatamente de que? Se a língua é esse liame social de que nos fala Saussure, poderíamos dizer que no caso do consumo abusivo de drogas, o uso que se faz da língua tem a função de

⁹ *El sin sentido de la operación toxicómana, de la experiencia vívida y vacía de la droga, es esa que no tiene ningún sentido más que el que se deriva del “no puedo dejar de hacerlo” y no hay más que hablar.*

liame social? Ou está a serviço exatamente da fratura no laço social, uma vez que encontramos no seio da drogadicção, o fenômeno da segregação?

A fala do drogadicto, ao estabelecer certo código compartilhado, funcionaria como liame social apenas em certo agrupamento humano, em uma determinada relação geográfica, espacial, uma vez que podemos entender a geografia ou o espaço físico como sendo marcados pela ação humana, por sua organização cultural, ou seja, marcas que o humano vai deixando no espaço, de acordo com Saussure (1997).

N - Meu irmão, eu comi cinco motos, os objetos de casa lotado, deu um internamento o ano passado...

A. - Eu já cheguei a pegar assim, ó... meti uma mola por três mil e oitocentos conto aí comprei logo o que, trinta grama. Aí peguei uma cumade, ó. uh...tremendo motel...quatro dia e três noite, vei...lá dentro com a bexiga. Alimento nenhum. Só água e birita... só saí lá de dentro quando acabou. E quando acabou que eu solicitei o táxi, direto pra boca de novo. Aí levei azar. Os homi pegou na saída. Mas também só fizeram tomar o crack. Até uma pedrinha de prensado que eu tinha, deixaram.

No relato de experiências como essas, observamos a compulsão pela droga determinando a perda dos objetos, de acordo com a fala do usuário N., que embora lamente o aspecto destrutivo do consumo, apenas comenta o fato, informando o ocorrido, como se a própria experiência com as sucessivas perdas causadas em sua vida, pelo consumo desenfreado, não houvesse sido subjetivada, ao que nos parece apontar para a precariedade do uso da linguagem enquanto recurso simbólico, conforme desenvolvemos anteriormente.

Na fala do usuário A., outro aspecto se destaca: a dificuldade no laço social do toxicômano, ainda que o consumo seja realizado coletivamente. Apesar de A. estar em companhia de uma mulher em um motel, o que é evidenciado em sua fala, não é o encontro sexual com a mulher, e sim, a parceria instituída mais uma vez em torno do objeto droga, que faz com que os parceiros estejam unidos em prol da satisfação encontrada no próprio ato de drogar-se ininterruptamente, por três dias consecutivos.

Podemos supor que não há encontro possível entre A. e a mulher, pois entre eles encontra-se instalado o objeto droga, onde até mesmo o prazer sexual fica secundário frente à extrema satisfação obtida com a droga.

A codificação tão bem compartilhada pelos usuários de drogas também tem uma função precisa: velar o sujeito que se oculta atrás das drogas e colocar no centro da cena tão somente o objeto droga, num processo em que o sujeito está substituído pelo objeto droga, existindo por intermédio dele.

Dessa forma, a língua tomada pelo falante drogadicto seria restrita a determinado agrupamento social, ou seja, aos pares que teriam em comum, o objeto droga. O uso da língua através da fala para esse agrupamento restrito teria um caráter específico: fazer consistir esse objeto, ainda que através dessa fala esvaziada simbolicamente, na tentativa de, através dessa existência, ser possível certa representação que o sujeito poderia encontrar. “Eu sou um toxicômano” assegura de certa forma, uma identidade onde o sujeito está ausente.

“A droga é o ponto de referência que nomeia uma prática (a toxicomania), a partir da qual se cria um personagem (o toxicômano). O toxicômano não é um sujeito, é um personagem que por seu *fazer* com a droga cria um *eu sou*: um *eu sou toxicômano (...)*”. (FREDA, 2005, p. 307).

Podemos pensar que o que está implicado na maneira codificada do drogadicto falar, se trata na verdade, de um não falar, de um silêncio que aponta para o lugar vazio da produção inconsciente, uma vez que não temos produção de sintoma, portanto, de sujeito.

Lacan faz referência a essa fala que não diz nada no seminário “Os escritos técnicos de Freud” (1953-1954), quando comenta acerca de uma paciente de Balint, psicanalista húngaro e discípulo de Freud. “Trata-se desta vez de uma paciente charmosa, que apresenta o tipo bem ilustrado em certos filmes ingleses, do *chatter*, o *falar-falar-falar-falar para não dizer nada*.” (LACAN, 1986, p. 261).

Temos encontrado essa particularidade nas falas dos usuários que escutamos. Eles muito falam sobre as suas aventuras com a droga, sobre a quantidade utilizada, os tipos de drogas que já consumiram, a maneira como se iniciaram no consumo, suas desventuras, mas nada dizem a respeito do sujeito, que se encontra mudo. Nos relatos escutados por nós, localizamos até mesmo o sofrimento advindo das tentativas, muitas vezes infrutíferas, para livrarem-se do vício, mas consideramos que as falas situam-se tão somente no plano da queixa, da

lamentação, sem ser possível acionar uma fala em uma perspectiva simbólica, que permitisse ao sujeito deparar-se com a realidade sexual do inconsciente e assim produzir um sintoma, tema que iremos contemplar a seguir.

O que fica evidente nesse limite é que, frente ao corte que a linguagem promove, o toxicômano encontra uma alternativa para a sua divisão. Não uma saída pela produção de um sintoma, a via simbólica por excelência, mas sim através de uma solução (a toxicomania), que consolida uma posição subjetiva onde o sujeito se coloca ele mesmo, enquanto um objeto frente à droga, que se personifica a ponto de passar a ser o ponto ao qual o sujeito está referido.

Passaremos agora a delimitar o campo do sintoma e da solução subjetiva, no caso da toxicomania, frente aos impasses da linguagem.

Capítulo 2 - A solução toxicômana

Eu não quero ver você cuspiendo ódio
Eu não quero ver você fumando ópio, pra sarar a dor
Eu não quero ver você chorar veneno
Não quero beber o teu café pequeno
Ópio - Zeca Baleiro

Sigmund Freud, em 1930, no seu artigo “O mal-estar na civilização”, já nos dizia que existiriam substitutos com os quais o homem poderia contar, para atenuar a sua infelicidade, entre eles as substâncias tóxicas “que influenciam nosso corpo e alteram a sua química”. (FREUD, 1930, p. 93).

Não acredito que alguém compreenda inteiramente o seu mecanismo (...) O serviço prestado pelos veículos intoxicantes na luta pela felicidade e no afastamento da desgraça é tão altamente apreciado como um benefício, que tantos indivíduos quanto povos lhes concederam um lugar permanente na economia de sua libido. (FREUD, 1930, p. 97).

Ele nos aponta, desde os primórdios da Psicanálise, o lugar privilegiado que as substâncias intoxicantes ocupam em determinadas culturas e na economia psíquica de alguns indivíduos, com o objetivo de manter afastados a infelicidade e o sofrimento.

Freud nos fala sobre a existência de um mal-estar estrutural inerente à própria organização humana, provocado pelo encontro entre o homem e a cultura. Para a Psicanálise, a partir de Freud, o homem é constituído por uma angústia primordial produzida nesse encontro. Para que a civilização possa se constituir, é preciso que o homem renuncie à satisfação plena de suas necessidades e desejos. A base da civilização humana constitui-se, assim, da renúncia à satisfação e isso é da ordem do que Freud chamou de “o mal-estar na civilização”, conforme abordamos no capítulo anterior.

A civilização apresenta-se como um vasto mercado de compensações, cujos mitos, religiões e moralidade se sobrepõem como tentativas do déficit de satisfação produzido pelo próprio circuito de forças pulsionais. Ela constitui-se, finalmente, em uma

espécie de contra-investimento simbólico absoluto da escassez constitutiva de satisfação (...). (SANTIAGO, 2001, p. 102).

O projeto civilizatório consiste, pois, num destino simbólico encontrado pelo homem frente à pressão exercida pelas forças pulsionais. Essa saída encontrada não é sem dor, pois isso custa, a ele, uma perda de satisfação da ordem de um mal-estar, aliviada de acordo com Freud, por outras satisfações substitutivas. Frente a esse mal-estar, o homem adota diferentes estratégias para aliviar sua dor de existir, entre elas o amor, a religião, a arte e os narcóticos.

“Distrações poderosas que nos faz parecer pequena nossa miséria, satisfações substitutivas que a reduz, narcóticos que nos tornam insensíveis a ela.” (FREUD, 1930, p. 93) Freud nomeia essa forma de enfrentar a dor como muletas e diz:

Devemos a tais veículos intoxicantes não só a produção imediata do prazer, mas também um grau altamente desejado de independência do mundo externo, pois sabe-se que, com o auxílio desse amortecedor de preocupações, é possível, em qualquer ocasião, afastar-se da pressão da realidade e encontrar refúgio num mundo próprio, com melhores condições de sensibilidade. Sabe-se igualmente que é exatamente essa propriedade dos intoxicantes que determina o seu perigo e a sua capacidade de causar danos. (FREUD, 1930, p. 97).

Então, para Freud, uma das soluções encontradas pelo homem na sua busca pela felicidade, seria o recurso à droga, uma muleta a mais, uma solução em meio a tantas outras, uma maneira de enfrentar a realidade, pois o projeto exitoso da felicidade e da satisfação não se encontra ao alcance do homem, por inteiro. O acesso à satisfação só pode ser de forma parcial. O homem é, portanto, um ser de falta, por excelência.

Temos com Freud, um princípio econômico no que diz respeito à distribuição da energia pulsional, estabelecida na relação do homem com a cultura. O método químico teria por objetivo o alcance a um prazer negado pela própria razão da existência humana. Percebemos o caráter de solução oferecido pelo método da intoxicação frente ao mal-estar, “ainda que precária e instável, de tratamento químico do mal-estar do desejo, isto é, a função de remédio das drogas”. (SANTIAGO, 2001, p. 105). A noção de uma solução para a dor de existir apontada por Freud em 1930 nos será extremamente útil para a nossa elaboração acerca da

toxicomania enquanto distanciada de uma formação sintomática, como veremos a seguir.

Essa solução paradoxal apontada pela intoxicação para o impasse estrutural do ser humano em busca da satisfação para sempre perdida, evidencia de forma paradigmática o conceito revolucionário introduzido por Freud nos anos 20, o de pulsão de morte. Quer dizer, o sujeito, enquanto submetido a um imperativo que o impele a sempre satisfazer-se, aponta para “o teor mortífero e destrutivo inerente ao circuito da satisfação libidinal”. (SANTIAGO, 2001, p. 108). Abordamos o tema da pulsão de morte no capítulo anterior, com o objetivo de adentrarmos a partir de então, em um campo circunscrito por Lacan, como sendo o do gozo, que se articula diretamente com o estatuto paradoxal do circuito pulsional descoberto por Freud.

O conceito de gozo é fundamental no ensino de Lacan, e mais ainda, para o nosso estudo sobre a toxicomania. Apoiado na noção de usufruto, ele nos demonstra que o gozo é uma instância negativa e o diferencia da utilidade. Usufruir de um bem significa poder utilizar-se desse bem de maneira apropriada. “O usufruto quer dizer que podemos gozar de nossos meios, mas que não devemos enxovalhá-los”. (LACAN, 1972, p. 11). O gozo, no entanto, “é aquilo que não serve para nada”. (LACAN, 1972, p. 11). Por não portar essa propriedade do bom uso, o gozo traz a dimensão do que extrapola, de algo que está situado para além do princípio do prazer, como já nos apontava Freud.

Na sua intervenção durante uma mesa redonda intitulada *Psicanálise e Medicina* (1966), Lacan nos diz a propósito do gozo:

Porque aquilo que chamo gozo, no sentido em que o corpo se experimenta, é sempre da ordem da tensão, do forçamento, do gasto, até mesmo da proeza. Há incontestavelmente gozo no nível em que começa a aparecer a dor e nós sabemos que é somente neste nível da dor que pode se experimentar toda uma dimensão do organismo que de outra forma fica velada. (LACAN, 2001, p. 32).

Jacques Alain Miller (1999), em seu seminário “Elementos de biologia lacaniana”, demonstra com muita clareza, através de um experimento com ratos, que a busca desenfreada pelo prazer pode conter, paradoxalmente, nada menos do que a presença da pulsão de morte apontada por Freud e que pode ser utilizada como um outro nome para o gozo; aplicação bastante plausível, no meu entender, à vivência toxicômana.

Há uma experiência que consiste em torturar o rato colocando eletrodos no seu osso occipital, em áreas isoladas como áreas de prazer. Se ele apóia a sua pata em uma plaqueta, pode enviar um estímulo elétrico para o seu cérebro, um estímulo prazeroso. O que acontece, então? O rato, que se comporta bem em seu estado normal, começa a enviar, sistematicamente, impulsos elétricos para o seu cérebro e, no final das contas, ele acaba morrendo de prazer. (MILLER, 1999, p. 56).

Podemos depreender dessa experiência, como a pulsão pode buscar a satisfação mesmo através de um objeto que seja nocivo ao sujeito e de como este não procura necessariamente, um objeto que lhe traga o bem. É bastante plausível que se possa encontrar gozo na dor, nos diz Lacan. Temos, portanto, uma articulação do gozo podendo ser tomado como o encontro com um certo prazer no mal. Lacan discute essa articulação entre o gozo e o mal no seminário “A ética em psicanálise” (1959-1960), onde ele aponta que o que está em jogo na experiência do gozo não é tanto o objeto em si e sim a própria pulsão em busca de satisfação. Lacan discorda de Kant quando esse diz que, se após uma noite de amor com uma mulher, estiver anunciado o cadafalso para o sujeito, ele irá renunciar a esse gozo para preservar a própria vida. Lacan nos diz que muito pelo contrário, por estarmos no campo do gozo, e por este não se articular necessariamente com o bem, o sujeito pode perfeitamente escolher o caminho da morte, contanto que obtenha também a satisfação. “É o critério lacaniano do gozo toxicômano como patologia” (MILLER, 2000, p. 176). Lacan também irá articular diretamente o gozo com a pulsão de morte em seu seminário “O avesso da psicanálise” (1969 -1970), quando nos diz: “Pois o caminho para a morte – é disso que se trata, é um discurso sobre o masoquismo -, o caminho para a morte nada mais é do que aquilo que se chama gozo”. (LACAN, 1992, p. 16).

Nesse sentido, partindo da premissa de que a pulsão de morte articulada com a inutilidade do gozo e os seus excessos não encontra na cadeia significante uma representação possível, podemos conceber que esse modo de satisfação ocorre fora do que é simbolizado, portanto, ocorre no plano do real

A partir do limite que encontra no simbólico, Lacan volta-se gradativamente, ao longo do seu ensino para o real, como o que está para além da simbolização. Inicialmente, Lacan o procurou através de uma aproximação entre o discurso da psicanálise e o da ciência, para então, tomar o real como sendo da ordem de uma ética concernente à relação do sujeito com o desejo. No último

momento do seu ensino, referiu-se à lógica e à topologia, como formas de interrogar esse real. Em particular, Lacan utiliza-se da figura do nó de Borromeu, constituída de anéis ligados uns aos outros simultaneamente, para demonstrar o funcionamento dos três registros psíquicos real, simbólico e imaginário enquanto relacionando-se de uma forma dialética entre si, sendo impossível o funcionamento de um sem os outros. Podíamos dizer então, que o real é o que se encontra fora do sentido, sendo impossível de ser simbolizado, a exemplo de várias experiências psíquicas, como a morte, a perda e o trauma enquanto sexual, porquanto introduz a diferença sexual, ponto esse de inacessibilidade do sujeito em que o simbólico tenta produzir um saber.

A diferença sexual, conforme já nos dizia Freud, não se inscreve em termos significantes, o fato de o sujeito ser homem ou mulher não está dado a princípio pela anatomia. O real se manifesta, sobretudo através do afeto da angústia que toca o corpo do sujeito sem passar pelo recurso simbólico. Nos momentos de irrupção desse real que é sem lei, temos o sujeito tomado pela angústia.

Essa indicação nos parece importante, pois se o plano simbólico não recobre inteiramente a dimensão do gozo e se o do imaginário apenas a contorna, revestindo esse gozo dos mais variados artifícios possíveis, temos na base da constituição humana um determinado aspecto da experiência que escapa à cadeia significante e ao campo da linguagem. Muito embora o homem utilize-se constantemente do simbólico e do imaginário na tentativa de poder representar esse real que lhe escapa.

2.1 A saída pelo sintoma

“O êxito da droga é que esta permite a ruptura do matrimônio do sujeito com o pequeno pipi”¹⁰. (LACAN, 1975 apud TARRAB, 2000a, p. 123). A frase de Lacan proferida durante as Jornadas Anuais de Cartéis da Escola Freudiana de Paris, no ano de 1975, acrescenta um elemento a mais nessa reflexão

¹⁰ *El éxito de la droga es que ésta permite la ruptura del matrimonio del sujeto con el petit-pipi.*

em torno da lógica toxicômana, onde a satisfação encontrada pelo sujeito é condensada através de um objeto: a droga.

Lacan nos fala de um casamento rompido, o do sujeito com o pequeno pipi, ou seja, com o falo. Algumas considerações acerca da relação estabelecida entre o sujeito e esse objeto privilegiado - que é o falo - para a Psicanálise, tomado como um significante, fazem-se necessárias, antes de adentrarmos na discussão sobre como o sintoma se produz nessa dialética entre simbólico e real.

É em torno do objeto fálico que o sujeito humano enoda o seu desejo. A dialética do ter, introduzida pelo complexo de Édipo, inaugura também o ingresso do sujeito no campo do desejo: para o menino, a renúncia em ser o falo para a mãe o permite depositar no pai os atributos fálicos que fazem deste, agente de castração; para a menina, sua decisão imediata em ter o falo, após a constatação da própria falta, a encaminha para um deslizamento simbólico, metafórico, onde o falo pode vir a recolocar-se para ela através da posição materna (ter um filho), garantindo com isso sua inscrição parcial na lógica fálica, pois a mulher, ao contrário do homem, é não-toda situada falicamente. Então, é a inscrição do significante fálico, enquanto produto da castração, que inaugura o acesso do sujeito à partilha sexual, ao fato de poder situar-se como homem ou como mulher, no mundo dos falantes.

Freud postula a sua elaboração acerca do que vem a ser a sexualidade humana em torno da primazia fálica, norteados pelo fato de toda escolha objetual ser ordenada por esse significante, indicando que o sujeito encontra-se inserido num universo de linguagem, portanto, simbólico. Uma vez que o falo é o indicador do jogo simbólico por excelência, a presença-ausência, que marca as relações do sujeito com seu próprio corpo. “(...) o aparecimento da função fálica resulta de uma operação simbólica na experiência do sujeito, em que a dimensão da linguagem e da palavra lhe é essencial (...)”. (SANTIAGO, 2001, p. 165).

É no campo fálico que a neurose encontra sua expressão maior, através do afeto da angústia, que vem sinalizar todo o conflito do sujeito em torno do falo. É o que vemos tão bem demonstrado no caso do pequeno Hans, como ficou conhecida a análise da fobia em um menino de cinco anos. O caso Hans foi publicado em 1908, onde Freud desenvolve várias das suas teorias acerca da sexualidade infantil e da constituição do sujeito, entre elas, sua concepção acerca da angústia de castração, tão expressamente encontrada nos casos de fobia como o

que se apresentava em Hans através do seu medo de cavalos. O sintoma fóbico pode ser tomado como um representante privilegiado da concepção freudiana acerca do sintoma enquanto metáfora.

No caso Hans, a angústia assume papel de destaque, revelando as peripécias do desejo quando este vê-se às voltas, ao mesmo tempo, com a ferocidade do desejo materno, com a insuficiência paterna ao barrar tal desejo e com a presença real do seu pênis que pulsa, sendo-lhe impossível ignorar o que se passa em seu próprio corpo.

A angústia surge para Hans, na tentativa desesperada de interpor algo entre o seu corpo (tomado como falo pelo desejo da mãe) e a demanda avassaladora do Outro materno. Um objeto totêmico, elegido por ele, como sendo um cavalo, o que constitui seu sintoma fóbico. É o que permite a Hans, inclusive, escapar de uma solução psicótica para o seu dilema relacionado ao encontro com o sexual e com o gozo do Outro. Na psicose, temos a impossibilidade do sujeito distanciar-se da posição de ser objeto do Outro, pela falência na função simbólica que permite ao sujeito metaforizar o gozo que advém do Outro. Ou seja, na psicose não temos a constituição de um sintoma enquanto aquele que serviria como anteparo entre o sujeito e o Outro, que faria essa mediação através de uma formação do inconsciente, estruturado enquanto uma linguagem. Na psicose, temos outra relação do sujeito com a linguagem, tema que não iremos contemplar nesse estudo.

No campo da neurose, sintoma e linguagem estão articulados, enquanto uma mensagem dirigida ao Outro à espera de decifração. Mensagem essa que se revela através de um material psíquico que sofre transformações, que não se apresenta em seu estado bruto e sim, condensado e deslocado em outras construções. Talvez a grande descoberta freudiana tenha sido exatamente o fato de Freud ter podido acercar-se desse texto grafado pelo inconsciente através dos sintomas, o que possibilitou outro estatuto para o sujeito na história humana, constituindo-se precisamente, em uma grande revolução prolongada por sua vez, pelo ensino de Lacan. Ele nos diz ser o sintoma o retorno pela via da substituição significativa do que se encontra no final do circuito pulsional, ou seja, a satisfação.

Lacan é taxativo ao associar sintoma e significante e destaca, nessa construção, o valor da interpretação do sintoma. Posteriormente, passará a considerar o sintoma também em seu valor de real.

Como paradigma do sintoma enquanto uma formação significativa, tomamos o caso do pequeno Hans para falar desse encontro traumático do sujeito com a castração, proporcionando sua divisão subjetiva evidenciada na produção de uma saída encontrada pelo sujeito através do sintoma. Assistimos entre Hans e o seu pênis, tido por este enquanto falo, um verdadeiro casamento ao preço da angústia, que o “salva”, do seu destino quase inexorável, em ser objeto de gozo materno. Essa acomodação ao gozo fálico o permite permanecer fiel ao casamento com seu “faz-pipi”, renunciando à posição mortífera de objeto do gozo insaciável da mãe.

“O pequeno Hans apostou no gozo fálico, mesmo se isso lhe custou um momento de fobia. (...) Na sua relação com a escolha e com a angústia, o pequeno Hans opta pelo falo. Ele não tenta escapar desse casamento. Falo e casamento que lhe deixam mais vivente que nunca. (FREDA, 1996, p. 109-110).

Temos assim, em nome do falo, a constituição do sintoma como sendo a saída que o sujeito encontra para a dinâmica sexual que envolve as relações objetais, no sentido de que o sintoma se apresenta como um substituto privilegiado da satisfação para sempre perdida.

Freud (1917) assim nos indica:

Já sabemos que os sintomas neuróticos são resultado de um conflito e que este surge em virtude de um novo método de satisfazer a libido. As duas forças que entraram em luta encontram-se novamente no sintoma e se reconciliam, por assim dizer, através do acordo representado pelo sintoma formado. (FREUD, 1976f, p. 419).

Lacan (1957-1958) define assim o sintoma:

Chamo aqui de sintoma, em seu sentido mais geral, tanto o sintoma mórbido quanto o sonho, ou quanto qualquer coisa analisável. O que chamo de sintoma é aquilo que é analisável. O sintoma apresenta-se sob uma máscara, apresenta-se de uma forma paradoxal. (LACAN, 1999, p. 335).

Esse operador simbólico que é o falo condensa o fato de que não existe, para a espécie daqueles que falam, um saber prévio que trace, para esses seres, um caminho determinado até a satisfação. Não ocorre assim com o reino

animal que se move pelo instinto. O comportamento sexual do animal é ditado por um script através da eleição de um parceiro que não carrega mal-entendido.

Podemos dizer que no reino dos falantes não há um saber no real que norteie os homens acerca do sexual como no caso do instinto, portanto, o que impera é o campo do mal-entendido. Os meios que levam à satisfação no caso dos humanos são variáveis e múltiplos porque não existe a priori, um objeto específico da pulsão. Nesse sentido, não há relação sexual possível entre os humanos, pelo fato de não haver uma correspondência, uma equivalência entre o sujeito e o seu objeto. Não se tem um saber sobre o sexual no sentido de uma garantia, o que faz o sujeito ser lançado num completo desconhecimento sobre a causa do seu gozo.

Sem dúvida, Freud se detém depois de descobrir o sentido sexual da estrutura. Aquilo de que em sua obra só encontramos suspeita, formulada, é verdade, é que o teste do sexo prende-se apenas ao fato do sentido, pois em parte alguma e sob nenhum signo inscreve-se o sexo por uma relação (...) o único real que não pode inscrever-se é a relação sexual. (LACAN, 2003, p. 551).

O sintoma vem em suplência a esse não-saber, esforçando-se por escrever incessantemente esse desconhecimento, na tentativa de fazer-se conhecer e escrever-se, o que o coloca na categoria do necessário em oposição à não-relação sexual que insiste em não se escrever pela própria impossibilidade de fazê-lo. Temos as categorias do necessário para o sintoma e do impossível para a não-relação sexual. É o sintoma que inscreve esse saber desconhecido para o sujeito na falta de um saber no real, metaforizando a ausência da não-relação, através de uma satisfação, ainda que substitutiva.

(...) uma vez que a não-relação sexual não cessa de não se escrever, de não comparecer ao lugar onde, por motivos certamente equívocos, nós a esperaríamos, enquanto o sintoma não cessa de se escrever, ao menos para o sujeito. (...) A não-relação sexual é uma qualificação da espécie, da espécie do ser vivo, que chamamos de espécie humana, e à qual, nessa dimensão, não podemos deixar de fazer referência. Tal fórmula quer dizer que não há ser proveniente dessa espécie que não tenha sintoma, ou seja, não há homem, no sentido genérico, sem sintoma. (MILLER, 2000, p. 171).

Lacan também destaca o paradoxo apontado por Freud com a descoberta do sentido dos sintomas, onde para além do aspecto de mensagem e sofrimento contido na própria estrutura sintomática, Freud pôde ler que havia algo

mais naquelas formações, uma máscara como ele nos diz. O que se encontra além da vertente do sofrimento nos sintomas, é o seu caráter de satisfação, ou de gozo, em termos lacanianos. “Ele indicou, por outro lado, que no próprio sintoma há alguma coisa que se assemelha a essa satisfação, só que é uma satisfação cujo caráter problemático é muito acentuado, uma vez que é também uma satisfação às avessas”. (LACAN, 1999, p. 331).

Então, encontramos duas vertentes no sintoma: uma simbólica, enquanto mensagem a ser decifrada, dirigida ao campo do Outro, enquanto queixa, sofrimento, ficção e outra vertente real, a que aponta para a maneira única e particular do sujeito conseguir extrair satisfação ali mesmo onde a operação significante produziu uma subtração de gozo. A vertente real do sintoma introduz uma faceta nova na interpretação do sentido dos sintomas: a presença do gozo que incide diretamente na posição do sujeito enquanto participante naquilo que se queixa, ou seja, o seu consentimento muitas vezes com o que lhe faz sofrer em nome do gozo que experimenta.

A operação significante - isso que estamos tratando como sendo da ordem da renúncia pulsional ocasionada pela necessidade de construção de uma civilização para os homens, ou seja, pelo advento da linguagem - proporciona um quantum a menos de satisfação que é recuperado pelo sujeito de acordo com a sua maneira particular de obter essa satisfação, ainda que de forma clandestina, através do sintoma. Numa primeira leitura, o sintoma em si traz apenas o sofrimento, revelado por intermédio das suas máscaras, o envelope formal do sintoma, conforme Lacan. No entanto, o que não é tão evidente assim é a satisfação obtida com o próprio sofrimento do qual o sujeito se queixa.

Nos dois casos, encontramos o sintoma enquanto uma operação de linguagem; tanto pelo advento do significante incidindo na pulsão exigindo uma renúncia, quanto pelo retorno da pulsão em busca da satisfação via operação de substituição através do sintoma. Por isso, o sintoma em Psicanálise é tratado não como uma disfunção, mas sim como um sinal do que há de mais particular em um sujeito, um traço do que há de mais real na sua relação com o objeto.

“Se o sintoma inicialmente é uma defesa do sujeito contra o gozo, ele torna-se o representante do gozo que ameaça o sujeito. Há, portanto, um fracasso estrutural em se metaforizar o gozo, sendo o sintoma a suplência desse fracasso.” (LIMA, 2000, p. 66).

O sintoma constitui-se como o representante do próprio sujeito, através de sua relação com o gozo. Esse circuito sempre precário, destinado ao fracasso, constitui o movimento do sujeito tentando fazer-se representar pelo sintoma em sua relação com aquilo que lhe causa. Porque ao mesmo tempo em que o sintoma apresenta-se como uma metáfora condensando o gozo, por outro lado o denuncia.

No entanto, algumas configurações nomeadas como novos sintomas não apresentam o mesmo percurso. Fazem outra escolha subjetiva para os impasses com o sexual e a castração, distanciando-se do uso do significante e do sintoma, ou seja, em detrimento da vertente simbólica apresentam uma prevalência da vertente de real, de gozo, presente em cada sintoma. A toxicomania é uma delas. Tentaremos compreender a sua lógica.

2.2 A lógica toxicômana em seu estatuto real

Você não tem heroína, então usa Algafan
 Viciou os seus primos, talvez sua irmã
 Mas aqui não tem Village, rua 42
 Me diz prá onde é que é que você vai depois?
 Por que você deixou suas veias fecharem?
 Não tem mais lugar pras agulhas entrarem
 Você não conversa, não quer mais falar
 Só tem as agulhas prá lhe ajudar

Dado viciado - Renato Russo

Freud concebe o sintoma enquanto uma satisfação substitutiva. Sua elaboração acerca da droga nos leva a pensar que esta colocava-se para ele como uma técnica de substituição ao sintoma. Ou seja, a satisfação substitutiva encontrada no sintoma não seria eficaz para determinados sujeitos, que precisariam encontrar outro caminho em busca da satisfação. “O recurso à droga faz-se, pois, como uma ação substitutiva, no momento em que o sintoma se mostra insuficiente como resposta para o sujeito”. (SANTIAGO, 2001, p. 109).

Ao discutir sobre os métodos que trilharia o homem em busca da felicidade, Freud aponta o sintoma, a intoxicação e a loucura, como três saídas possíveis encontradas pelo homem para seu mal-estar.

Como uma última técnica de vida, que pelo menos lhe trará satisfações substitutivas, é-lhe oferecida a fuga para a enfermidade neurótica, fuga que geralmente efetua quando ainda é jovem. O homem que, em anos posteriores, vê sua busca da felicidade resultar em nada ainda pode encontrar consolo no prazer oriundo da intoxicação crônica, ou então se empenhar na desesperada tentativa de rebelião que se observa na psicose. (FREUD, 1929, p. 104).

O recurso à intoxicação parece apontar para um fracasso do sintoma. Na impossibilidade de sintomatizar, o sujeito encontraria uma solução que não passasse necessariamente pela ação do recalque, premissa fundamental da concepção freudiana do sintoma. A intoxicação constitui uma fuga do recalque, não através de uma satisfação substitutiva, como é o sintoma, mas através de um artefato (a droga), que conseguiria burlar o próprio mecanismo do recalque. Isso porque, com o sintoma, temos um sujeito afetado pela linguagem, com o advento do significante que traz para ele a subversão promovida pela linguagem para o impasse do sexual ao qual todo ser falante está submetido. A experiência com a castração, como abordamos anteriormente, é uma vivência que não se dá fora do campo da linguagem; é antes de tudo o próprio efeito do significante que incide no gozo, interditando-o e proporcionando uma abertura ao inconsciente. Através do sintoma, o sujeito estabelece uma verdadeira parceria com o falo e uma inserção no campo do desejo, o que implica que a satisfação não pode ser imediata.

As outras duas saídas apontadas por Freud - intoxicação e loucura - têm em comum o fato de não possuírem a mesma estrutura de linguagem que o sintoma, mas de serem soluções, digamos assim, para a condição sexuada dos humanos com a particularidade de uma rechaçar o inconsciente (toxicomania) e outra (psicose) apresentá-lo a céu aberto.

Nas falas recolhidas por nós na presente investigação, temos feito um esforço para circunscrever essa estrutura de linguagem própria ao sujeito toxicômano e de como essa relação se evidencia através do uso que esse faz da língua, de acordo com Saussure. A maneira como esse sujeito localiza-se na existência e assim a profere, parece-nos ilustrativa das forças psíquicas que atuam

sobre ele, ou seja, a relação com o imperativo da satisfação e o rechaço ao inconsciente.

A. – Aí é que tá o problema, porque o desejo do cara é fumar e fumar e fumar e fumar mesmo, não tem outro não. Depois que vê ali, hómi... só o desejo e a vontade. Desejo de arrumar o dinheiro e a vontade de fumar.

E. – Depois da maconha usei resina, usei Artane... eu misturava às vezes, Artane e bebida.

A. – O Artane é o seguinte: você toma ele, você quando tá sob o efeito dele, você bebe dois dias seguidos e a cachaça não faz efeito.

A. É rocha! Aí no outro dia já não lanchei também! Digo, vou mandar comprar aranha¹¹ pra experimentar! Tomo uma bandinha, menino! Aí pronto, aí cresceu. Tomei uma bandinha aí já abriu a vontade de ver como é que vai ser... nesse negocinho, nesse negocinho, nesse negocinho...aí véi, aí perdi foi tudo na vida.

Técnico: – Quais foram as lembranças, os pensamentos que você teve quando tava construindo esse cartaz?

C. – Lembrança? Não, não pensei em nada não. Só pensei em criar mesmo, não pensei em nada do passado, não.

Técnico: – O que é que assim algumas figuras daí, você pode explicar assim o que é que elas representam pra você?

C. – Pra mim?

Técnico: – Sim, pra gente compreender melhor o que você construiu aí.

C.– Representa nada, não.

Percebemos a monotonia das falas dos usuários através dos relatos sobre suas experiências com a droga. A presença da compulsão ao consumo é

¹¹ Anticolinérgicos; as drogas anticolinérgicas podem ser sintetizadas em laboratório. É o caso de alguns medicamentos como Artane, Akneton, Bentlyl e outros. Em doses elevadas, além dos efeitos no corpo, são capazes de alterar as funções psíquicas. Entre eles, o Artane é conhecido pelos nomes populares de "artemis", "aranha" e "buquê"; e o Bentlyl por "bentinho".

prevalente nas falas onde fica evidente o quanto o sujeito está submetido ao imperativo da satisfação, onde ele ignora as razões para esse uso, assim como a causa que o leva a buscar sempre um a mais, um gozo a mais através da substância, seja ela qual for. Na fala do usuário A. referindo-se à “aranha”, ele fala de uma vontade de ver como seria, ou seja, uma curiosidade frente ao gozo. O que se experimenta nesse campo? Essa parece ser a impulsão do sujeito ao consumo desenfreado: aventurar-se no campo do gozo sem limites.

Frente à tentativa do técnico do serviço - oferecendo a palavra ao usuário denominado C. - para que alguma possibilidade de subjetivação fosse possível, ele responde com a recusa. Ele se esquivava ao que lhe é oferecido: franquear através da palavra alguma articulação que poderia levá-lo à construção de um saber. Observamos em vários momentos de nossa observação diálogos como esse, onde o sujeito não responde à tentativa de fazê-lo simbolizar nem sua relação com a droga nem com a vida.

No máximo, uma referência acerca das perdas sofridas, mas que em nada aponta para a experiência com a perda de gozo concernente à castração que insere o sujeito no campo fálico, terreno das inscrições simbólicas por excelência e onde a dialética da presença-ausência pode encontrar seu espaço. “Trata-se então de elevar o falo à função de operador lógico, operação a partir da qual o homem humaniza a realidade ao preço de se tornar escravo da palavra.” (FREDA, 1996, p. 110).

Pelo contrário, verificamos que o que se inscreve com intensidade na vivência do sujeito com a droga e refletida nas suas falas, é a satisfação a mais que ele busca extrair a todo custo, seja a que preço for, desconsiderando a palavra, ou seja, o significante que advém a partir da experiência de castração.

Temos, portanto, uma inscrição problemática da lógica fálica para esse sujeito que não se conforma, digamos assim, com a perda de gozo vivida com a castração. A toxicomania consiste em uma experiência de negação dessa castração e de ruptura com o significante do falo. É o que leva Lacan a dizer que o casamento do sujeito com o falo é rompido com o consumo abusivo de drogas.

No casamento com o falo, fica garantida a inscrição do sujeito na partilha sexual, permitindo que ele se localize enquanto homem ou enquanto mulher e dirija-se em busca de um parceiro. Não é que o usuário de drogas não se relacione sexualmente; isso ele o faz, mas podemos considerar que o verdadeiro

parceiro subjetivo do sujeito é o seu corpo, enquanto fonte de toda satisfação, pois é nos efeitos da substância sobre o corpo que ele tem a certeza do encontro com o gozo.

O que prevalece na economia toxicômana é o imperativo do gozo em detrimento do desejo, pois a droga é que funciona como causa, como um objeto que oferece uma certeza de que ali o sujeito poderá ter acesso direto ao gozo. Nesse sentido, outra parceria é estabelecida pelo sujeito, frente à castração que o divide. Não uma parceria com o falo enquanto um significante, e sim, uma parceria com o próprio corpo, o que podemos considerar como cínica, na medida em que a dimensão do Outro é escamoteada através de um curto-circuito, relançando-o num caminho inverso, localizado no próprio corpo.

Podemos falar, portanto, de uma satisfação auto-erótica encontrada pelo toxicômano com o seu corpo. A exemplo de Diógenes de Sínope, figura representativa do cinismo clássico que negava a existência de Deus, do valor das leis e da idéia da pátria, defendia o canibalismo e praticava a masturbação em público, como uma forma de afrontar o Outro social. É tomado como paradigma da relação do sujeito adicto com o seu gozo auto-erótico, pois Diógenes exibia através da polis seu gozo masturbatório da mesma forma que o sujeito que lança mão do recurso da intoxicação resume-se ao circuito auto-erótico, tomando o próprio corpo como sede de toda satisfação.

(...) Na toxicomania não se passa pelo Outro sexo, que supõe ter que passar pelo encontro com o corpo do outro e que implica a diferença. Por sua vez, já vimos que esse passar pelo Outro supõe pôr em função o falo. (...) Quer dizer, que a solução toxicômana ao mal-estar não se busca pela via de encontrar ou de fazer do Outro a metáfora do objeto perdido, ainda que não o alcance. (NAPARSTEK, 2005, p. 59).¹²

O campo do Outro, simbólico por excelência, encontra-se rebaixado. O sujeito não endereça ao Outro a sua causa e nem procura neste uma solução para o seu mal-estar. Ele não procura no Outro essa solução porque ele já a tem através do objeto droga, que se não diminui a sua dor de existir – muito pelo

¹² *En la toxicomania no se passa por el Otro sexo, que supone tener que pasar por el encuentro con el cuerpo del otro y que implica la diferencia. A sua vez, ya vimos que esse passar por Outro supone poner em función al falo. (...) Es decir, que la solución toxicômana al malestar no se busca por la via de encontrar o de hacer del Otro la metáfora del objeto perdido, aunque con esto no alcanza.*

contrário, só aumenta o seu desconforto – por outro, também não o interpela, não o questiona, não o divide. Apenas oferece o acesso direto ao gozo.

Nesse sentido, o chamado toxicômano só é leal a seu gozo, a seu *partenaire* que não é o Outro, nem o semelhante senão o que há colocado ali, nesse lugar da perda estrutural de gozo, da falta de relação sexual. E a esse lugar na operação toxicômana não vem o falo senão o tóxico, que é justamente ruptura com o falo. (TARRAB, 2000b, p. 93).¹³

No experimento com o rato relatado anteriormente, percebemos claramente o circuito infernal de empuxo ao gozo onde há um imperativo que impele o rato para a morte, sem que ele o saiba. O mesmo ocorre na operação toxicômana, movida por isso a que chamamos gozo, essa instância negativa que, em nome do prazer obtido seja por qual instrumento, coloca o sujeito em relação direta com o que Freud nomeou por pulsão de morte, ou ainda, com o registro do real, segundo Lacan, na medida em que é este registro que aponta para o limite do recobrimento pelo simbólico, dessa dimensão da experiência humana.

(...) Essa prática de consumo, é uma intenção de apanhar algo real e quando digo real me refiro a algo que está fora do simbólico. Parto da definição do real como o que está fora do simbólico, é algo que não se pode nomear. Que quero dizer com isso? Que a prática do consumo – seja a que seja – é uma operação sobre o real que não vai pela via da palavra. (...) Podemos chegar a entender uma prática de consumo como uma intenção de abordar o real, pela via do real, por uma via real. Qualquer prática de consumo, desde tomar uma pílula para baixar a angústia, para dormir ou o consumo destas drogas é uma prática onde se aborda o real pelo real. (NAPARSTEK, 2005, p. 66 e 76).¹⁴

É o recurso do simbólico que se apresenta como uma possibilidade de subjetivação de um real sem sentido para o sujeito, onde o uso que este faz da língua, da linguagem, da palavra, torna-se um meio ainda que precário de lidar com

¹³ *Em este sentido el llamado toxicômano solo es leal a su goce, a su partenaire que no es el Otro, ni el semejante sino lo que há colocado ahí, em ese lugar de la perdida estructural de goce, de la falta de relación sexual. Y a ese lugar em la operación toxicômana no viene el falo sino el tóxico, el goce tóxico, que es justamente ruptura con el falo.*

¹⁴ *(...) Esa práctica de consumo, es un intento de atrapar algo real y cuando digo algo real me refiero a algo que está fuera de lo simbólico. Parto de la definición de lo real como lo que está fuera de lo simbólico, es algo que no se puede nombrar. Qué quiero decir con esto? Que la práctica de consumo – sea la que sea – es una operación sobre lo real que no va por la via de la palabra. (...) Podríamos llegar a entender una práctica de consumo, como un intento de abordar a lo real, por via de lo real, por una via real. Cualquier práctica de consumo, desde tomar una pastillita para bajar la angustia, para dormir, o el consumo de estas drogas, es una práctica donde se aborda lo real por lo real.*

esse real. Já vimos que o simbólico não atua sobre o real de forma a recobri-lo por completo, mas é o meio que o sujeito dispõe de operar sobre esse real. No entanto, há práticas que dispensam esse recurso adotando uma maneira de abordar o real através de intervenções que não passam pelo simbólico, a exemplo da toxicomania que aciona uma ação direta sobre o corpo. Uma maneira de abordar o real pelo real.

Esse real impossível de ser assimilado em sua totalidade pelo simbólico relaciona-se com o advento, para o sujeito, da experiência com a castração, com a impossibilidade de o significante recobrir por completo, a inscrição da diferença sexual, o que faz alguém ser homem ou mulher. A aflição da descoberta da própria castração para o sexo feminino e da ameaça de castração para o masculino, faz com que tanto um sexo quanto outro possa estabelecer uma relação de casamento com o falo, enquanto uma operação simbólica, como já abordamos anteriormente.

No entanto, essa operação produz um resto para esse traumatismo fundamental para o falante que advém da inscrição da diferença sexual. É o que escapa da cadeia significante, frente o qual todo sujeito encontra sua maneira própria, particular de lidar com isso que cai do simbólico. Esse resto, propriamente falando, constitui o sintoma de cada um.

2.3 A solução toxicômana

Mais uma dose?
 É claro que eu estou a fim
 A noite nunca tem fim
 Por que que a gente é assim?
 Canibais de nós mesmos
 Antes que a terra nos coma
 Cem gramas, sem dramas
 Por que que a gente é assim?
 Por que a gente é assim? - Cazuza

Não é o que ocorre na drogadicção. É como se, na impossibilidade do simbólico dar conta da própria experiência com a castração, a solução toxicômana não reconhecesse essa operação e preferisse outro meio de se haver

com o real em jogo, desconhecendo a própria divisão. A adicção às drogas apresenta-se como uma solução que vem exatamente romper com a angústia frente à própria castração, propondo a recuperação da unidade do sujeito ante a constatação do abismo da divisão.

Uma nova escrita do real se apresenta a partir do declínio do simbólico que prolifera nos tempos de hoje e que constitui a parceria dos sujeitos que nada querem saber sobre o seu inconsciente com um objeto inanimado, dócil, porém feroz, onde fica rechaçada a angústia, onde a fronteira entre o consumidor e o consumido apresenta-se bastante tênue e que constitui uma tentativa desesperada do sujeito em livrar-se do enigma que o funda. Angústia a qual o sujeito não consegue deparar-se, que o impede de interrogar-se acerca desse modo mortífero de satisfação.

Observemos um pouco mais as falas recolhidas:

N. – Eu tô fazendo 19 anos. Faço 19 anos que uso droga. O que for droga eu já usei. Quando eu vim aqui a primeira vez, mandou eu escrever em três linhas não deu pra o tanto que eu já usei. Que loucura! Agora essa veio pra desgraçar, meu irmão. (risos). Essa é a desgraça.

Técnico: – Como é que tá se sentindo?

E. – Tô me sentindo bem.

Técnico: – Tá com vontade de usar?

E. – Não, não, só tô com vontade de parar o remédio agora.

(risos)

Técnico: – Como é que tá teu dia, o que é que tá fazendo?

E. – Tô fazendo nada.

N. – Tá dormindo, né? (risos)

Técnico: – O balão subindo... Tem boas recordações dessa etapa?

M. – Não.

Técnico: – Lembrou de alguma coisa quando foi desenhando?

M. – Meu bairro tem quadrilha.

Tecnico: – Seu bairro tem quadrilha? Já fez parte alguma vez de alguma quadrilha?

N. – A quadrilha que ele quer participar... (risos) foi extinguida.

Nesse conjunto de falas observamos a existência de um componente bastante presente nas observações que fizemos entre os usuários: o riso. Questões graves, como o longo tempo de uso de drogas (dezenove anos de consumo) e a diversidade de substâncias já experimentadas pelo usuário denominado N., assim como o fato do usuário E. não conseguir fazer nada, apenas dormir, são encaradas como motivo de graça pelo grupo, provocando o riso entre todos. O fato de E. desejar parar com a medicação que o deixava impregnado também é outro fator que mobiliza o humor. Vale ressaltar que E. apresentava no momento dificuldades de locomoção e de fala, devido aos efeitos colaterais da medicação empregada no tratamento, sendo tomado pelo grupo, como motivo de piada.

Também nos chamou a atenção o diálogo entre o técnico do CAPS, interrogando o usuário denominado M. sobre a quadrilha, dança típica do período junino, que ele havia acabado de desenhar. Outro usuário, N., interrompe a conversa, subvertendo o sentido da palavra “quadrilha”, apresentando o significante que os associa entre si, numa quadrilha. Através da polissemia de sentido se revela um aspecto peculiar do agrupamento de consumidores que os leva, muitas vezes, a ingressar no mundo do crime, uma vez que precisam financiar o próprio consumo. Na medida em que não conseguem mais uma inserção na cadeia produtiva, a marginalidade, muitas vezes, passa a ser a única opção. O uso que o usuário faz do significante quadrilha parece-nos ser revelador da maneira que o sujeito se utiliza da língua a seu favor, demonstrando, sem pudor, sua inserção social por meio do crime. A quadrilha a que N. se refere talvez seja a vinculação máxima que possa ser assegurada para os usuários através de um pacto de gozo que não faz laço social e que revela a dificuldade do sujeito em manter-se nele.

Essa observação nos leva a pensar numa certa indiferença do drogadicto com o próprio vício e a condição advinda desse, sendo essa encarada como algo que provoca o riso, onde a própria adicção é abordada com certo cinismo. Embora o discurso dos consumidores seja, em sua maioria, composto de falas acerca dos prejuízos que a droga trouxe para suas vidas e de como seria importante livrar-se dela, ao mesmo tempo, de forma sutil, percebemos uma

satisfação insidiosa, revelada através das falas, que denunciam a posição cínica e o gozo.

O diálogo abaixo retrata para nós com clareza essa posição do sujeito através do flerte que ele mantém com a morte através do perigo e dos riscos que corre pela dívida contraída com o tráfico:

N. - O caba diz: pedra tem asa e é azul. Aí o caba diz: não, boa é a chocolate. Boa é a cristal. É nada, ela tem asa e é azul. O caba vendeu foi um azulão por dez pedras, o cabeção. Aí beleza. No meio da semana eu vi outra, doído. Pedra não tem asa, não?

J. – Pior que passarinho. Quando foi domingo eu dei fim no bichinho. Dois passarinho por cento e cinqüenta. Troquei em doze pedras.

T. – Você gosta de passarinho? Criar passarinho? Qual?

J. – Todo tipo de passarinho. Até borboleta.

(risos)

J. – De primeiro eu não achava quem trocasse. Depois achei o caba que trocava passarinho em pedra, aí foi bom, meti o pé. Aí eu nem precisava de dinheiro, só precisava de passarinho.

T. – Quais são os passarinhos?

J. – Caboclo lindo, Azulão, Curió, Papa capim, Galo, Canário. Agora não tenho nenhum, só devendo agora.

N. – Devo não nego, pago quando puder. (risos)

A. – Um dia, né não? Um dia.

Não percebemos, por exemplo, sinal de angústia entre eles. Muito pelo contrário, até certa indiferença e desdém com uma condição que os torna escravos de uma prática adictiva que os segrega, mantendo-os afastados do convívio social, o que tem nos levado a pensar no rompimento com o falo de forma crucial. Só a droga, os seus prazeres e desgraças são encontrados na fala desses consumidores. Nenhum outro objeto consegue a fidelidade do sujeito, que demonstra estar casado não com o falo, mas com o gozo obtido no seu corpo através da substância.

Consideramos bastante sugestivo que o usuário J. tenha se desfeito dos pássaros que ele tanto admirava para casar com a pedra. O traço particular

desse usuário (criar pássaros) se apaga frente ao brilho da pedra que, nas palavras do usuário N. “voa e é azul”. N se refere à pedra quase como a um ser animado que com seu brilho, apaga tudo o mais ao seu redor. A droga pode ser um pássaro, aranha, chamada através de nomes próprios como Bentinho. Maneiras de o usuário demonstrar, através da linguagem, a personificação da substância em um ser. Suas cores, suas qualidades, inclusive sua volatilidade estão presentes nessa construção.

Ao ser interpelado sobre seu gosto por pássaros, o usuário J. utiliza-se do deboche (“gosto de tudo, até de borboleta”) para ocultar o que supomos ser um esboço do sujeito. Criar pássaros certamente diz algo desse sujeito em particular, da sua maneira própria de situar-se na vida, sobre sua história. Esse sujeito que se evade encontra por fim, na figura do traficante, aquele que aceita equivaler os pássaros que pouco a pouco J. se desfaz, por seu equivalente em pedras de crack. Dois pássaros correspondendo a doze pedras de crack e um sujeito que se transforma em usuário, abrindo mão do seu sintoma e rompendo com o falo através dos seus equivalentes (pássaros).

Frente a uma perda que pode ter um significado em sua vida, ele apenas constata sua condição de devedor, corroborada pelos outros usuários que apontam para o pagamento em um ponto qualquer do infinito (um dia), ou seja, sem previsão. Poderíamos mesmo pensar que é a morte que se apresenta como esse ponto limite que possa finalmente, trazer um fim à dívida do sujeito.

Então, poderíamos dizer que a experiência toxicômana se produz da seguinte forma: para conseguir o acesso a esse gozo que se encontra para além dos limites que o significante estabelece, gozo esse que está para além da barreira fálica, o sujeito oferece um corpo em declínio, a ser liquidado, por intermédio do que Freud destacou como “amortecedor de preocupações” (FREUD, 1930, p. 97).

(...) simples máquina metabólica sem desejo (...) uma espécie de penhora dada em troca da dívida, pela qual o alcoolista e o toxicômano respondem à demanda insaciável de um credor usuário (...) onipotente (...) um agiota, cuja avareza não tem limites (...). (SANTIAGO, 2001, p. 193).

Em tempos de hoje, em tempos de um Outro que já não existe, no sentido de que não temos mais a sustentação promovida pelo Ideal, onde o simbólico já não constitui-se como recurso privilegiado de acesso ao real, encontramos o terreno fértil para a proliferação de soluções fora do gozo fálico, entre

elas, a toxicomania. É a Ciência que assume a face desse Outro feroz e que se distingue de um Outro do simbólico, pois oferta desmesuradamente no mercado objetos que propiciam satisfação direta, em curto-circuito, uma vez que não passam necessariamente, pelo desejo. São muito mais soluções já prontas, que não permitem ao sujeito nem ao menos desejá-las, como imposições de um mercado que em nada favorecem a divisão subjetiva.

Muito pelo contrário, são soluções cujo objetivo é oferecer a ilusão de que, de posse do objeto, o sujeito estaria completo. São ofertas que não consideram em nada uma lógica da falta, onde a angústia não tem lugar, onde o que impera é a exigência do consumo. Temos portanto, uma equivalência entre a lógica do consumo e a lógica toxicômana. Ambas tentam dar conta do real em jogo na experiência humana através da retaliação da falta e do preenchimento compulsivo desta, sem intervalo.

Observemos mais algumas falas:

N. – Eu tava lá na esquina domingo de noite, tô cheio de cana lá na esquina, tive uma recaída aí fumei pedra. Aí me acordei logo cedo com uma carteira de cigarro e uma dola. De repente uma meiotá com uma feijoada, aí endoidou N. Aí tome loucura, pá, aí a galera a gente pá... a gente viajando em casa, a gente desceu pra esquina umas nove horas.

J. – Eu tô vendo com meu pai pra ele me botar lá pra Lucena, homem. Lá tem pedra também, sabe? Mas é mais difícil, né boy? O caba tá sem dinheiro, boy lá... Lá eu tenho que me virar nos trinta, comprar uma feira pra mim, eu pretendo passar uns seis meses por lá, só com a medicação e trabalhando...

Percebemos nas falas acima um sujeito (N), submetido à lógica do consumo sem apresentar nenhum tipo de intervalo onde a dimensão da falta pudesse aparecer. O sujeito a preenche com a substância e com o estado de entorpecimento (a cana, a pedra, o cigarro, a dola, a meiotá) onde o que se destaca nesse circuito é o imperativo do consumo.

Na fala de J. temos o usuário tentando escapar dessa lógica do consumo mantendo-se distante dele. Não só o consumo da substância, mas dos apelos da cultura. Manter-se em condições frugais (comida, trabalho e medicação)

apresenta-se para o usuário como ferramentas que o possibilitem resistir a esse modelo de consumo.

2.4 Outras conclusões antecipadas: a overdose generalizada, nomeação e segregação

A discussão acerca das toxicomanias pode ser ampliada a partir da abordagem desta não somente enquanto uma configuração sintomática atual, mas também enquanto o próprio caráter toxicômano da civilização atual, ancorado num modelo consumista. O paradigma do sujeito dos nossos tempos é o do consumidor voraz, seja de drogas lícitas ou ilícitas ou da infinitude de objetos descartáveis lançados no mercado. O gozo está acessível para todos e de forma direta, o que aproxima bastante a experiência da overdose tão presente na toxicomania com a experiência da *alloverdose* (para todos). Esse termo, proposto por Éric Laurent (2007), pode ser utilizado para falar da fruição do sujeito contemporâneo em relação aos objetos que garantem esse acesso direto ao gozo. Temos assim, também uma operação real na tentativa de dar conta do próprio real, prescindindo do simbólico.

Lacan já nos advertia que o uso e abuso de substâncias tóxicas seriam uma maneira de liberar-se da barreira fálica, de romper com o significante fálico e aproximar-se de um gozo distante, infinito, situado no rompimento com o significante para apoiar-se nos limites rechaçados do gozo do corpo. Ele também chegou a profetizar a escalada do racismo e da segregação no horizonte da nossa época, como efeito da incidência do discurso da Ciência sobre a subjetividade. A toxicomania, através de uma prática de gozo auto-segregativa nos demonstra que essa solução ancorada no rechaço ao inconsciente, em nada favorece o laço social e sim, posições isoladas do gozo autístico, como se os usuários estivessem cada um dentro do seu tonel num exercício masturbatório, como Diógenes.

Nesse sentido se cria uma categoria (a das adições), que se define pelo modo particular de gozar, criando-se assim uma homogeneidade fictícia, entre os sujeitos que formam o conjunto. Sem dúvida seu efeito é devastador. Basta identificar-se a esta

categoria, consentir a ela e aceitar chamar-se “adicto” para que seu efeito de marginalização se faça sentir. (SILLITTI, 2000, p. 100).¹⁵

Tal é a condição encontrada nos sujeitos da nossa observação que, no momento, encontram-se – com exceção do vínculo com o CAPS – completamente apartados de uma inserção fálica, seja através do trabalho, de uma vida social e amorosa. A própria nomeação de adictos faz coincidir o fenômeno da segregação com a ruptura fálica a qual essa prática de consumo vem demonstrar. Na medida em que é a inserção na lógica fálica que produz a cultura - pois temos um gozo enquadrado pelos limites da linguagem - a ruptura com o falo retira o sujeito desse exercício de renúncia pulsional, uma vez que ele está vinculado a um gozo sem limites, para além do falo, auto-erótico e autista. O resultado dessa operação é o advento da segregação, pois temos sujeitos comprometidos socialmente, instalados à margem do laço social.

Mesmo quando praticada em grupos, ainda assim a experiência com a droga é algo que se restringe a uma experiência autista, uma vez que o sujeito está só, frente a frente com o seu gozo. Não há um endereçamento ao Outro e os pares são tomados apenas como coadjuvantes nessa performance. Como nos diz o autor citado acima, ocorre apenas uma homogeneidade fictícia, que une os sujeitos pelo vínculo através do gozo experimentado com a droga. As diferenças entre os usuários desaparecem, o que os faz únicos em sua relação com o mal-estar que os atinge é recoberto pela nomeação “sou um toxicômano”, como se essa formulação pudesse dizer do sujeito, quando não diz. É o que temos recolhidos nas falas dos usuários observados por nós no presente estudo. Do muito que escutamos, quase que em sua totalidade foi sobre a droga. Do sujeito, sabemos muito pouco. Este se encontra oculto, desvanecido, ofuscado pelo brilho do objeto que lhe devasta.

Enquanto experiência de satisfação silenciosa, esvaziada de significação, a solução toxicômana caminha na contramão do sintoma, uma vez que é este que permite o estabelecimento da parceria ainda que sintomática. É o que faz Lacan dizer que é o sintoma o que faz a relação sexual existir, ainda que esta não seja possível. O sintoma, portanto, é metáfora da não-relação sexual que não existe, na medida em que não há uma razão de proporção entre os sexos, onde um possa

¹⁵ *Em este sentido se crea una categoria (la de las adiciones), que se define por el modo particular de gozar, creándose así una homogeneidad ficticia, entre los sujetos que forman el conjunto. Sin embargo su efecto es devastador. Basta identificarse a esta categoría, consentir a ella y aceptar llamarse “adicto” para que su efecto de marginación se haga sentir.*

complementar o outro. “Em suma, esse gozo, se ele vem àquele que fala e não por nada, é porque é um prematurozinho. Ele tem algo a ver com essa famosa relação sexual que se tem oportunidades demais de perceber que ela não existe”. (LACAN, 1985, p. 83). O gozo do sujeito é o que atrapalha a sua relação com o outro e é o sintoma que vem exercer essa função de ligação, uma vez que é endereçado ao campo do Outro.

Ao contrário do sintoma pleno de sentido e dirigido ao Outro, o ato toxicômano não requer palavras. Ou quando as requer, as palavras não se encontram exatamente a serviço do registro simbólico, veiculando significação àquilo que, para o sujeito, apresenta-se como sem sentido, a exemplo da experiência com a castração, com a morte, o sexo, o desejo do Outro.

Se nos interessamos hoje pela toxicomania, que existe desde sempre, é porque ela traduz maravilhosamente a solidão de cada um com seu parceiro-mais-de-gozar. A toxicomania pertence ao liberalismo, à época em que nos lixamos para os ideais, em que não nos ocupamos de construir o Outro, em que os valores ideais do Outro empalidecem, desagregam-se frente à globalização de que ninguém está a cargo, enfim, uma globalização que prescinde do Ideal. (MILLER, 2000, p. 170).

É através da adicção a uma substância que o sujeito encontra uma saída para o impasse sexual sem ter que se defrontar com a diferença que o sexual introduz na vida, sem ter que tirar conseqüências do fato da linguagem subverter sua própria condição de animal. “A partir da fórmula *eu sou toxicômano*, o fato de ser homem ou mulher não tem importância. Não há na toxicomania o masculino e o feminino, só existem consumidores e este é o sonho do discurso capitalista”. (FREDA, 2005, p. 307).¹⁶

Freud e Lacan coincidem em um ponto: a toxicomania é uma solução, nunca um sintoma. “(...) é uma resposta não sintomática que tenta anular a divisão, a marca de uma posição subjetiva caracterizada por um *não querer saber nada do inconsciente*”. (FREDA, 2005, p. 305).¹⁷

¹⁶ *A partir de la fórmula yo soy toxicômano el hecho de ser hombre o mujer no tiene importancia. No hay en la toxicomania lo masculino y lo femenino, solo existen consumidores, y este es el sueño del discurso capitalista.*

¹⁷ *(...) es una respuesta no sintomática que intenta anular la división, la marca de una posición subjetiva caracterizada por un no querer saber nada del inconsciente.*

Gostaríamos, portanto, de destacar essa distinção fundamental entre solução subjetiva e sintoma: a toxicomania pode até ser um sintoma social – e talvez seja um dos maiores que a civilização atual produziu - sem que se constitua enquanto um sintoma subjetivo. Para que a toxicomania pudesse vir a ser um sintoma, seria preciso crer no próprio sintoma, “se necessita crer que se trata de um fenômeno onde há algo a ser decifrado, um fenômeno em que há que ler algo, eventualmente uma causalidade, origens, um sentido”. (MILLER, 2006, p. 310). O drogadicto não consegue formular uma pergunta acerca do próprio consumo que não constitui um enigma a ser desvendado por ele, em função da própria adicção já ser uma resposta. Como vimos, uma resposta ao mal-estar estrutural pelo fato de existir.

Seria preciso que, como o sintoma, a solução toxicômana estivesse vinculada às leis da linguagem ou que pudesse utilizar-se da língua para promoção de liame social e não que rompesse com essa possibilidade que a língua oferece aos falantes. Seria preciso que o sujeito recorresse ao artifício sintomático para fazer-se representar enquanto ser sexuado, utilizando-se do sistema da língua exatamente para constituir um sintoma endereçado ao Outro. O que vemos é exatamente o contrário. O consumidor utiliza-se da língua para, através de uma nomeação, forjar esse personagem “o toxicômano” e manter-se segregado em uma prática de gozo, onde o sujeito sucumbe.

Capítulo 3 - A não existência do inconsciente, do sintoma e do laço social na toxicomania: a perspectiva ética da Psicanálise

Na tentativa de tirar conseqüências dos dois grandes eixos debatidos por nós, quais sejam: a função social da língua na toxicomania e a solução toxicômana enquanto diferenciada da formação sintomática – trataremos agora de articular a perspectiva que o discurso analítico poderá introduzir na clínica da toxicomania, no sentido da aposta que faz na produção do inconsciente e, conseqüentemente, de um sujeito.

Retomando o caminho percorrido até aqui e entrelaçando os fios do nosso tecido nessa dissertação, partimos da premissa de um diálogo possível entre Psicanálise e Lingüística nessa discussão acerca do sujeito da toxicomania. Essa tentativa entre duas disciplinas distintas constituiu-se em um exercício desafiador, pois na medida em que adentramos no campo da Lingüística – campo esse inicialmente desconhecido - pudemos verificar o quanto entre uma disciplina e outra existem aproximações, ainda que possam tratar de objetos distintos. Encontramos no campo da Lingüística um terreno mais fértil para investigarmos a relação do sujeito psicanalítico com a linguagem do que no campo da Psicologia, por exemplo. À medida que nos familiarizamos um pouco mais com o arcabouço conceitual da Lingüística e com os estudos de Saussure, ficou mais claro compreender o porquê de Lacan ter encontrado justamente nessa área, o aporte teórico necessário para pensar sobre o lugar do sujeito, as questões com o inconsciente e o sintoma.

Nos estudos saussurianos, não encontramos indicações diretas sobre o lugar do sujeito. Esse não era o objeto de estudo de Saussure; sua preocupação foi claramente demonstrar o funcionamento de um sistema da língua e de promover o estudo desta, concedendo-lhe um estatuto de ciência. O *corpus* teórico da Lingüística não necessitava da noção de sujeito, tendo sido duramente acusada, inclusive, de promover a morte do sujeito ao voltar-se para o estudo do sistema.

O que morreu com a introdução da concepção do sistema saussuriano da língua foi a supremacia do sujeito sobre os fatos do mundo. Freud (1915-1917) já havia anunciado essa morte quando se referiu aos três golpes

narcísicos sofridos pela humanidade: a revolução copernicana, a teoria evolucionista de Darwin e a descoberta do inconsciente, “(...) a partir da pesquisa psicológica da época atual, que procura provar ao ego que ele não é senhor nem mesmo em sua própria casa (...)” (FREUD, 1915, p. 336).

Quando Saussure debruça-se sobre os fatos da linguagem e apresenta o funcionamento da língua enquanto um sistema, ele acrescenta mais um elemento na morte desse sujeito, na “megalomania humana”, como nos diz Freud. A autonomia desse sistema independe da vontade do homem, pois há um funcionamento regido pelas leis do próprio sistema que se movimenta conforme uma dinâmica que subverte a posição de supremacia do homem, ultrapassando a ele mesmo.

À primeira vista, pode-se pensar que não haveria lugar para o sujeito no estudo do sistema da língua saussuriano, pois se o que é abordado é tão somente o movimento do sistema, desconsiderando o sujeito, como esse poderia intervir de alguma forma nesse próprio movimento? No entanto, foi exatamente aí que Lacan encontrou a brecha para o advento do sujeito, uma vez que este intervém no sistema de uma forma quase sempre inesperada.

Saussure não tratou desse ponto. A ele interessou apenas descobrir e descrever o modo próprio do funcionamento da língua, descoberta inédita para os estudos lingüísticos realizados até então. Ele é bastante crítico no que se refere ao que era desenvolvido pela Lingüística até então:

(...) durante um período de cinqüenta anos, a ciência lingüística, nascida na Alemanha, desenvolvida na Alemanha, amada na Alemanha por uma inumerável categoria de indivíduos, não tenha tido jamais a veleidade de se elevar ao grau de abstração que é necessário para saber, por um lado, *o que se faz*, por outro lado, em que *aquilo que se faz* tem legitimidade e razão de ser no conjunto das ciências (...). (BOUQUET e ENGLER, 2002, p. 176).

De acordo com Bouquet e Engler (2002), Saussure ainda se referiu à ciência lingüística como estando envolta em um torpor pelo fato de se deter apenas nos estudos de gramática comparada. Então Saussure não tinha em mente nenhuma especulação acerca do sujeito, tal como hoje nós nos debruçamos para tentar rastrear seus movimentos através do uso da língua. Ele dedicou seus estudos

a encontrar outra função para a Lingüística que não fosse tão somente os estudos comparativos.

“Na verdade, o sujeito é o limite epistemológico de toda a Lingüística. Isso acontece porque a Lingüística, como ciência, não necessita de uma teoria do sujeito. Saussure sabia disso e não tentou incluir uma teoria do sujeito nas suas considerações sobre a língua.” (NÓBREGA, 2008, p. 10).

Portanto, não poderemos encontrar em Saussure, referências acerca do sujeito. Além de não ser objetivo dele, o corpus da Lingüística prescindia completamente dessa referência, ainda mais em relação ao sujeito psicanalítico que porta em seu cerne, um estatuto de subversão. Só a Psicanálise poderia abordar essa categoria. A Lingüística saussuriana não precisou pensar sobre o sujeito, mas o mesmo não podemos dizer sobre a Psicanálise. O foco de todo o seu corpus sempre foi o sujeito do inconsciente, desde o caminho iniciado por Freud que encontrou seu prolongamento em Lacan. Se por um lado a Lingüística não lidou diretamente com a possibilidade do sujeito, por outro forneceu a Lacan o instrumental necessário para que ele extraísse da teoria do sistema saussuriano o caminho privilegiado de acesso ao sujeito psicanalítico. Nessa altura, Lingüística e Psicanálise encontram um ponto de encontro como duas paralelas que em dado momento se cruzam no infinito.

Não foi nosso objetivo no presente estudo tecer maiores considerações sobre os desdobramentos desse encontro para a Psicanálise. Sabemos que na medida em que Lacan avançou em seu ensino, ele recorreu a outros campos do saber a exemplo da lógica, da matemática e por fim à topologia, sem, contudo afastar-se por completo da Lingüística, embora tenha realizado uma torção em sua relação com ela. Naquele que é considerado como o último período do seu ensino, no seminário “Mais, ainda” (1972-1973), ele assim se refere: “Um dia percebi que era difícil não entrar na lingüística a partir do momento em que o inconsciente estava descoberto”. (LACAN, 1985, p. 25). Entendemos que a Lingüística se impôs a Lacan, tornando-se necessária.

Mas no mesmo seminário fica evidente a separação entre o campo da Lingüística e o da Psicanálise, quando Lacan precisou responder a Jakobson que dizia “que tudo que é da linguagem dependeria da lingüística, quer dizer, em último termo, do lingüista.” (LACAN, 1985, p. 25).

Mas se consideramos tudo que, pela definição da linguagem, se segue quanto à fundação do sujeito, tão renovada, tão subvertida por Freud, que é lá que se garante tudo que de sua boca se afirmou como o inconsciente, então será preciso, para deixar a Jakobson seu domínio reservado, forjar alguma outra palavra. Chamarei a isto de linguisteria. (LACAN, 1985, p. 25).

Se a Lingüística foi o ponto de partida para Lacan, o mesmo não poderemos dizer sobre o ponto de chegada. Lacan precisou forjar outra palavra para designar os limites de um e outro saber – Psicanálise e Lingüística – e deixar cada um em seu campo próprio conservando, porém, o ponto de encontro no infinito, na nossa maneira de ver.

O neologismo linguisteria define com precisão os limites entre Psicanálise e Lingüística e inaugura uma nova relação de Lacan com a linguagem, sobretudo a partir dos anos setenta, em especial com a publicação do seminário XX, já citado acima. De qualquer forma, a Lingüística que embasou o estruturalismo forneceu a Lacan as premissas fundamentais para que ele pudesse fundamentar a existência do sujeito psicanalítico. Foi sobre esse encontro inicial entre Psicanálise e Lingüística que o nosso trabalho se deteve.

O fato de o sujeito ser falado antes de tudo, de ser um efeito de linguagem, poderia nos levar também pelo caminho da morte do sujeito, como se esse fosse apenas um mero resultado do sistema sem participação alguma. Mas para a Psicanálise é exatamente o assujeitamento aos fatos de linguagem que possibilita o advento do sujeito do inconsciente, este que acena com a verdade do sujeito, distanciado do eu. A linguagem passa a ser o que funda o inconsciente e, ao mesmo tempo, um veículo privilegiado de acesso ao sujeito que se revela através dos movimentos do próprio sistema descoberto por Saussure.

Um psicanalista deve assegurar-se nessa evidência de que o homem, desde antes de seu nascimento e para-além da morte, está preso na cadeia simbólica (...) deve habituar-se à idéia de que é em seu próprio ser, em sua personalidade total, como se expressam alguns comicamente, que ele é efetivamente apanhado como um todo, só que à maneira de um peão, no jogo do significante, e isso, desde antes que as regras desse jogo lhe sejam transmitidas, contanto que ele acabe por surpreendê-las (...) (LACAN, 1998c, p. 471).

É curioso que a alusão que Lacan faz do peão no jogo do significante encontra também uma ressonância, segundo Bouquet e Engler (2002), em Saussure

nas “Notas para um artigo sobre Whitney” (1894), quando ele compara a língua a uma partida de xadrez: “(...) uma língua só é comparável à idéia *completa* da partida de xadrez, comportando, ao mesmo tempo, as *posições* e os *lances*, ao mesmo tempo as *mudanças* e os *estados* da sucessão (...). (BOUQUET e ENGLER, 2002, p. 178).

Essa idéia de um sistema em movimento onde as peças se deslocam segundo posições previamente estabelecidas parecem apontar para “a ação totalmente inelutável dos signos diante do espírito”. (BOUQUET e ENGLER, 2002, p. 178). Entendemos que o termo “espírito” aqui utilizado por Saussure faz referência ao que habita a matéria do corpo dos homens, sendo esta uma forma de nomear. A dança dos signos, digamos assim, se impõe ao espírito que passa a utilizar-se dos signos de acordo com suas possibilidades.

No jogo do significante, o homem é apanhado como um peão. Porém, esse fato não faz do homem um fantoche meramente comandado pelo sistema. Há por parte do sujeito, uma atividade no uso que este faz da língua, revelando a maneira como a linguagem incide sobre si.

Pois, ao mesmo tempo em que a língua parece se impor ao sujeito, constituindo-o, fazendo parte dele como uma herança, seja através da linearidade, do *um após o outro* da relação sintagmática, seja através das inúmeras possibilidades de associação, na cadeia paradigmática, o sujeito faz escolhas, limita e, por isso, também, fala. (NÓBREGA, 2008, p. 9).

Entendemos, portanto, que se a língua se impõe para o sujeito e se este se encontra submetido a ela, por outro lado ele conserva um arbítrio que o faz situar-se na língua a partir das escolhas que faz. É claro que não se trata de escolhas deliberadas, nem muito menos da ordem do consciente. O sujeito escolhe sem saber que escolhe, sem ter noção de sua posição no jogo da língua.

Inúmeras são as possibilidades que o homem encontra para localizar-se no jogo de xadrez da língua e na dança dos signos. Somos levados mesmo a pensar na função da linguagem enquanto fundadora de subjetividade e por outro lado, no uso que o espírito faz da língua enquanto variado e múltiplo, sem uma única função definida previamente. É no campo da psicopatologia que vamos encontrar de forma mais evidenciada, as múltiplas soluções combinatórias encontradas pelos sujeitos que retratam essa relação com a língua. A psicopatologia

nos ensina sobre o fato da incidência da linguagem e dos múltiplos usos da língua para os falantes. Na psicose, por exemplo, a presença dos fenômenos de linguagem nos aponta para um laço singular entre sujeito e linguagem. Não foi sobre essa relação, porém, que nossa escolha recaiu nessa investigação a que nos propusemos e sim sobre outro fenômeno psicopatológico que no nosso entender, também evidencia uma particularidade em relação a esse laço: a toxicomania.

Tomamos o campo das toxicomanias enquanto uma das possibilidades que se apresenta para o sujeito estar na língua; partimos do pressuposto que havia uma especificidade na relação do sujeito drogadicto com a linguagem/língua, fato esse que nos interessou compreender. Localizar essa especificidade constituiu nosso objetivo inicial. E qual seria essa especificidade?

O toxicômano apresenta, em seu discurso, um emprego abundante de gírias e expressões características para nomear os fatos e personagens da vida, funcionando como um verdadeiro código compartilhado pelos que dividem esse tão peculiar modo de satisfação. A linguagem coloquial sofre uma distorção, as palavras assumem uma conotação própria, específica da cultura da droga.

A fala, muitas vezes, assume um caráter criptográfico, efetuada em código e também utilizada para demarcar um determinado lugar no grupo. Grupo esse que está delimitado pela exclusão social, por um lugar marginal, base da segregação. A partir dessa constatação, que desde o início nos inquietou, fomos levados a pensar se essa especificidade ao falar poderia ter algo mais a nos dizer. Partimos do fato de que a segregação a que o toxicômano se destina poderia ser uma conseqüência da relação estabelecida por ele com o campo da linguagem.

Na relação estabelecida do drogadicto com a língua, esta teria a função de liame social, tal como nos aponta Saussure? O sentido da palavra “liame”, de acordo com o dicionário eletrônico Aurélio, é “aquilo que prende ou liga uma coisa ou outra”, originada do latim *ligamen*.

No nosso entender, os falantes são ligados pela língua e dessa ligação teríamos a possibilidade de uma relação, assim como a produção de cultura pelo homem. Entendemos por cultura todas as realizações humanas que estão na base do processo civilizatório. É nesse sentido que abordamos o caráter social da língua, de acordo com Saussure. No nosso ponto de vista, é preciso cautela ao discutir esse ponto, pois este pode se prestar a um entendimento equivocado, como se essa função estivesse a serviço tão somente da comunicação entre os falantes.

Quando Saussure aponta para a língua enquanto um fato social, entendemos que a língua é esse instrumento do coletivo colocado a serviço da produção cultural. Os fatos de comunicação estão inseridos na função social da língua, mas entendemos que o liame social enquanto função da língua ultrapassa a comunicação e diz respeito ao laço que se constitui entre os falantes, estabelecido pelo corte promovido pela linguagem.

Nesse ponto da discussão, pensamos ser plausível a aproximação entre a função social da língua e a função simbólica da linguagem. E qual seria o ponto de intersecção entre ambas? Em que medida essas duas funções têm a chance de dialogarem entre si?

Para estabelecermos essa discussão foi necessário abordarmos o conceito de pulsão para a Psicanálise, como sendo aquilo que escapa à cadeia significante, que evidencia a impossibilidade de representação dessa energia pela linguagem. A linguagem poderia ser tomada como essa tentativa de representação daquilo que em sua essência é irrepresentável para o humano. Mas que, no entanto, é essa tentativa eterna de representação da pulsão pelo significante que garante, em parte, à possibilidade do projeto civilizatório, uma vez que este se baseia na renúncia pulsional.

Essa idéia foi bastante explorada por Freud no seu artigo “O mal-estar na civilização” (1930). O registro do simbólico que se apresenta com o advento da linguagem teve uma importância fundamental nessa reflexão que ora desenvolvemos, pois é a estrutura simbólica que garante a dimensão organizadora dos fatos do mundo. Tal fato se constitui como um corte radical estabelecido em relação às sociedades naturais. Esse processo simbólico está na base da linguagem que também efetua um corte no imaginário, no registro do especular, introduzindo a possibilidade de um limite, de uma lei que em última instância, incide sobre o reino desgovernado das pulsões. Se o homem fosse regulado unicamente pelo princípio do prazer, não haveria possibilidade de constituição da civilização que se assenta na renúncia pulsional, é o que Freud já nos dizia em 1930 e que se faz de uma atualidade impressionante, sobretudo na nossa discussão sobre a toxicomania que traz em seu cerne o imperativo pulsional.

A ferramenta mais eficaz para essa restrição da satisfação irrestrita, no nosso entender, é o acordo realizado entre os membros de uma mesma comunidade, acordo esse regulado pela linguagem. Uma negociação aí se

processa para o sujeito, entre o projeto civilizatório ao qual todo ser falante está submetido e sua maneira peculiar de obter satisfação. É a linguagem enquanto meio simbólico que permite aos homens renunciarem à possibilidade da satisfação plena e encontrar outros meios de realização da pulsão, como a sublimação, por exemplo, que se encontra na base da produção cultural. A linguagem exerce uma função de mediação entre o que pode ser satisfeito e o que um sujeito precisa renunciar.

Nesse sentido, pareceu-nos plausível a aproximação entre a linguagem enquanto promotora do laço social e a função social da língua que funciona como a argamassa que liga os falantes em uma dada organização social. O uso da linguagem possibilita que os falantes possam utilizar-se da língua a serviço do laço social, da produção de cultura, é o que somos levados a considerar.

Entretanto, algumas manifestações que apresentam uma prevalência de exigência da satisfação pulsional distanciam-se dessa premissa fundamental da civilização, entre elas, a toxicomania. O laço social que se encontra comprometido na prática abusiva do consumo de drogas aponta exatamente para a impossibilidade de o sujeito encontrar através do simbólico, uma saída para as vicissitudes da pulsão.

Podemos concluir que na negociação entre pulsão e representação intermediada pela linguagem, o drogadicto faz uma escolha que prescinde desta. Na toxicomania essa negociação não é possível, o sujeito escolhe a via pulsional. O sujeito é habitado pela linguagem numa perspectiva meramente comunicativa, não se apropriando do recurso simbólico que a linguagem lhe proporciona enquanto regulador do gozo, nem muito menos se utiliza da língua enquanto veículo a serviço do laço social.

Através das falas recolhidas por nós é muito evidente o embaraço dos sujeitos no que se refere à produção cultural. Encontramos sujeitos completamente à margem de qualquer possibilidade de inserção quer seja social, de trabalho, lazer, amor, estudo ou família, numa condição de exclusão e fratura no laço social. O CAPS pode vir a funcionar para eles como um movimento de recuperação desses vínculos que no momento encontravam-se extremamente comprometidos.

O próprio uso que o drogadicto faz da língua através de uma fala hermética e criptográfica como apresentamos no decorrer da nossa pesquisa reforça essa prática segregativa, na medida em que o sentido do que é dito – quase sempre relacionado às descrições sobre a droga – muitas vezes só consegue ser apreendido pelo próprio grupo, dificultando a compreensão daquele que tenta estabelecer outro tipo de vínculo com o usuário que não seja o compartilhamento da satisfação através da substância. Vale ressaltar que essa barreira no estabelecimento de outro tipo de vinculação não parece ter muita importância para os usuários, como se a única coisa que realmente importasse na vida fosse a droga. Ficamos com a impressão que em torno desse objeto, tudo ao redor cai.

Nossa hipótese se constituiu a partir da dificuldade com o simbólico da linguagem por parte do drogadicto que incide no laço social estabelecido por ele. Se o laço encontra-se comprometido em relação ao Outro, compreendido por nós como expressão da vinculação do sujeito também ao social, por outro lado, pareceu-nos inicialmente, que só haveria possibilidade de vinculação entre os parceiros da prática adictiva. Porém, nossa observação levou-nos a concluir que nem assim podemos referir-nos à existência de uma parceria com o outro. Observamos que o que faz às vezes de um laço entre os pares é a prática de gozo compartilhada, o que nos leva a dizer que ao invés de laço social, temos na toxicomania tão somente um laço de gozo ou ainda, um laço social intoxicado.

Além disso, somos levados a concluir também que não tivemos acesso ao sujeito da toxicomania através das falas dos usuários escutados por nós. Isso porque consideramos a fala do toxicômano como a de um silêncio sobre o sujeito, uma vez que o que se apresenta preferencialmente é tão somente a presença insidiosa da pulsão de morte e do gozo, que enquanto tais silenciam o sujeito. Reportamo-nos a Freud que fala da pulsão de morte enquanto muda, conforme citado por nós em nosso primeiro capítulo (p. 48).

Na toxicomania, parece não haver a possibilidade de representação do gozo pelo significante, uma vez que não temos a formação do inconsciente apontando para a possibilidade de um sintoma enquanto indicativo do sujeito. Adentramos, assim, na discussão sobre o sintoma e a solução toxicômana que se articula com a dificuldade do toxicômano no laço social.

Entendemos que o social ou ainda o coletivo, na perspectiva de Saussure, é um campo passível de constituição a partir da relação com o Outro,

relação essa que se dá pelo sintoma, esse sim, podendo ser tido como o que faz laço social. Aproximamos, portanto, laço social e sintoma. Pois é o sintoma enquanto dirigido ao Outro que rompe com a satisfação puramente auto-erótica, própria de uma configuração como a toxicomania.

Inicialmente abordamos o campo do gozo como fundamental na discussão sobre a toxicomania, por se tratar de um conceito introduzido por Lacan a partir da pulsão de morte. Somente a dimensão do gozo pôde nos ajudar a compreender um pouco mais sobre o mecanismo que faz com que alguém possa enveredar pelo caminho da intoxicação.

A ausência de um tratamento para o gozo presente no ato toxicômano faz com que muitas vezes sejam inócuas intervenções de caráter pedagógico ou religioso que tratam através da prevenção, informação e conscientização o que é de ordem completamente inversa ao bem estar do sujeito. Muito pelo contrário, o que é próprio ao gozo, é que o prazer possa ser obtido mesmo que através do mal.

A constatação de tal fato – a compulsão a drogar-se apesar do sujeito ser conhecedor dos riscos e danos que sofre com o consumo – só vem comprovar que a prática toxicômana é regida quase em sua totalidade pelo gozo mortífero que não encontra um destino para a pulsão pela via do significante.

Essa prática que realiza – a intoxicação – com a que tenta se pôr a salvo do mal-estar e **demonstrar a inexistência do inconsciente**, funciona. E quando funciona, não há quem o detenha. Nem o Mestre, nem o Pai, nem a mentira da palavra, nem uma mulher. Nem o Ideal, nem a lei, nem o simbólico, nem o falo. (TARRAB, 2000a, p. 122).¹⁸ [grifo nosso].

Desse modo, é perfeitamente plausível que o usuário se queixe do vício, constate a destruição que impera ao seu redor com a prevalência do consumo, se arrependa e até se puna – como verificamos nos relatos das falas apresentados aqui – e mesmo assim continue a se drogar. O paradoxo do ato toxicômano só vem nos ensinar que não se pode esperar da ação humana que esta seja regida unicamente pelo significante; que há algo que escapa da possibilidade de

¹⁸ *Esa práctica que realiza – la intoxicación – con la que intenta ponerse a resguardo del malestar, y demostrar la inexistencia del inconsciente, funciona. Y cuando eso funciona, no hay quien lo detenga. Ni el Amo, ni el Padre, ni la mentira de la palabra, ni una mujer. Ni el Ideal, ni la ley, ni lo simbólico, ni el falo.*

representação pela cadeia e se apresenta, muitas vezes, de forma desordenada e caótica como parece ser o fluxo da pulsão toxicômana. Podemos tomar a toxicomania como paradigmática da incidência da vertente do gozo só que em bloco, sem possibilidade de dialetização pelo simbólico.

Como diz o autor citado acima, frente à enxurrada pulsional nenhum uso possível do significante detém, estanca esse movimento. Todos os apelos (o Mestre, o Pai, a mulher, a lei, etc.), revelam-se inúteis frente ao imperativo do gozo. Pois se há um rechaço ao inconsciente enquanto fundado pelo significante, pela linguagem, que saída será possível para o sujeito toxicômano?

Deixaremos por enquanto essa questão em suspenso, reservando essa reflexão para o final dessa discussão. Por hora, gostaríamos de sublinhar que a toxicomania apresenta-se como um discurso que aponta para a inexistência do inconsciente e, portanto, do sintoma. Consideramos que a existência do inconsciente se produz a partir do consentimento do sujeito com o saber que dele pode ser extraído. É claro que o ato toxicômano é inconsciente, no sentido de que o sujeito desconhece por completo as razões que o levam a isso, suas motivações. Mas é completamente diferente dizermos que o ato toxicômano engendra um saber sobre o inconsciente do sujeito; muito pelo contrário, o que podemos concluir é que a intoxicação é uma forma “bem sucedida” de continuar não querendo saber da causa do sujeito, daquilo que está em jogo na sua relação com o objeto.

Essa paixão pela ignorância, digamos assim, ficou muito evidente para nós a partir das falas dos usuários. Por diversos momentos, eles apresentam um saber quase que pleno sobre a droga, seus diversos tipos, características, efeitos, numa perspectiva meramente informativa e descritiva sobre a droga. Da relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto, muito pouco ou quase nada podemos vislumbrar. Nem muito menos uma inquietação, uma pergunta que o levasse a interrogar-se sobre o porquê ele precisa subjetivamente dessa substância ou de qualquer outra. Percebemos que geralmente a medicação prescrita pela psiquiatria do serviço instala-se como mais uma substância que vem conceder certa garantia de que ele suporte passar sem a droga, ocupando o lugar vazio que pudesse dar origem a uma pergunta sobre a causa.

Portanto, apesar do sujeito agir motivado por razões que desconhece, ele adquire um saber sobre a droga que lhe fornece uma ilusória sensação de poder, ao mesmo tempo em que o deixa exilado num total

desconhecimento sobre o lugar que a substancia ocupa em sua vida. É como se o inconsciente não encontrasse nenhum espaço para ser produzido, manifestando-se tão somente através da vertente do puro ato toxicômano.

Uma vez que constatamos que a toxicomania caminha na contramão do inconsciente, conseqüentemente não podemos falar de produção de sintoma. Aparentemente estamos nos contradizendo, uma vez que, ao mesmo tempo, estamos tratando da toxicomania enquanto um sintoma contemporâneo. Porém, mesmo podendo ser situada na categoria dos novos sintomas, a toxicomania não possui a estrutura de um sintoma, uma vez que este veicula o saber do inconsciente sobre o sexual.

E o que faz a toxicomania se distinguir de um sintoma? Para formular essa distinção, abordamos inicialmente, o sintoma em sua vertente clássica, digamos assim, a partir do pensamento freudiano, que descobre o sentido sexual do sintoma e seu estatuto de mensagem dirigida ao Outro, pronta para ser decifrada. O sintoma é tido como o que se deduz da relação estabelecida entre o sujeito e o falo, esse significante privilegiado que garante ao sujeito sua inscrição na partilha sexual, como homem ou como mulher.

Tomamos como referência o caso do pequeno Hans que demonstra o casamento do sujeito com o falo e sua necessidade de produção de um sintoma fóbico na tentativa de preservação para ele, do próprio falo. O sintoma se apresenta, portanto, como uma mensagem endereçada, um recado do inconsciente, a exemplo de suas outras formações como o sonho, o ato falho, o chiste e o lapso. A estrutura da linguagem oferece o suporte necessário para que essas formações encontrem seu escoadouro.

A vertente simbólica do sintoma o situa na categoria do necessário, uma vez que este não cessa de escrever a ausência da relação sexual. A constatação feita por Lacan de que não há em nenhuma parte uma inscrição que garanta para os sexos um saber prévio sobre o sexual faz com que os falantes recorram à possibilidade de produzirem sintomas que denotam um saber singular a cada um, de como é situar-se como homem ou como mulher. Esse saber é produzido pelo inconsciente numa perspectiva simbólica e manifesta-se através do sintoma, enquanto mensagem cifrada. Essa é uma operação que se dá na e pela linguagem, uma vez que é o significante do falo que garante o acesso ao saber ainda que precário acerca da diferença sexual.

Já a vertente real do sintoma traz a sua outra face, que está situada para além da significação e do envelope formal do sintoma que se apresenta geralmente pela via do sofrimento e da queixa. As diversas máscaras do sintoma têm por função velar o que ele também oculta: a extração de um a mais de gozo, de um quantum qualquer de satisfação, através da maneira única e particular do sujeito estar no mundo, o que vem constituir o sintoma enquanto modo de gozo e ampliar, consideravelmente, a noção de sintoma.

O sintoma é uma fixação de gozo, nos diz Jacques-Alain Miller (2007-2008), no Curso de Orientação Lacaniana (inédito):

Esse relegar do sintoma a um acontecimento de corpo significa, no meu entender, que não se trata de uma formação do inconsciente e que ele não decorre do sujeito do significante, mas sim, ao corpo, concebido como um possuir corpo investido de libido – motivo pelo qual Lacan pode dizer que ele esvazia o ser – e do corpo como sede de gozo. (MILLER, Orientação Lacaniana III, 10 - aula do dia 12 de março de 2008, p. 6).

Portanto, o sintoma apresenta essas duas faces, a vertente simbólica e a real que convivem entre si numa relação dialética. Significante e gozo habitam ao mesmo tempo o sintoma. O sintoma enquanto acontecimento de corpo, como nos diz Lacan no seu seminário “O sintoma” (1975-1976), diz respeito ao que se passa no corpo de um sujeito, pois o corpo é a sede do gozo. A vertente de gozo ou real está presente em toda formação sintomática, mesmo que não seja evidente a satisfação que dele o sujeito consegue obter, mas é factível que é preciso um corpo que se preste ao sintoma. De toda forma, temos um gozo enquadrado na perspectiva fálica, uma vez que o sujeito encontra uma forma de extraí-lo através do sintoma. É o que faz Lacan (1973) dizer que “o sujeito é feliz” (LACAN, 1993, p. 45). Do ponto de vista pulsional, o sujeito encontra a felicidade de satisfação da pulsão, mesmo que seja através do sofrimento.

Se em todo sintoma o gozo está presente, entretanto nem em toda configuração sintomática pode-se localizar a vertente simbólica. Em nossa civilização atual, onde não temos mais tão assegurada a existência do campo do Outro, podemos falar de um declínio do simbólico na cultura que se reflete também nas formações sintomáticas. Os nossos tempos podem ser definidos como tempos onde o Outro não existe, expressão cunhada por Jacques-Alain Miller (1996-1997)

para falar do declínio do simbólico e da prevalência da vertente real nas configurações sintomáticas que se apresentam na clínica contemporânea.

A toxicomania é uma delas. Abordamos em nosso estudo a toxicomania enquanto uma escolha subjetiva distanciada do significante e do sintoma em sua vertente simbólica. Gostaríamos de destacar que o próprio Freud (1930) opõe o recurso da intoxicação à satisfação substitutiva do sintoma. Mesmo sem contar com o conceito do gozo, ele leu nos sintomas o registro da satisfação, ainda que substitutiva. Já na intoxicação, essa substituição da satisfação não é possível. Ele nos diz que o que ocorre é uma técnica de substituição do próprio sintoma. Isso nos leva a pensar que ou há sintoma ou há intoxicação, ou um ou outro. O recurso à intoxicação impediria a constituição do sintoma, é o que podemos extrair da formulação freudiana.

Outro elemento apresentou-se como fundamental na nossa investigação nessa distinção entre a toxicomania e o sintoma. Apesar de o gozo estar presente em todo sintoma, ainda assim é um gozo que está regulado pela premissa fálica, é tanto que se apresenta através de uma satisfação substitutiva, de acordo com Freud. Com a toxicomania essa demarcação do falo está rompida e o gozo não admite um substituto através do objeto fálico. “O êxito da droga é que esta permite a ruptura do matrimônio do sujeito com o pequeno pipi” (LACAN, 1975 apud TARRAB, 2000a, p. 123), ou seja, com o falo. A frase lapidar que Lacan deixou como indicação nos orientou no sentido de tirar consequências dessa ruptura que se processa na toxicomania onde o gozo que não está regulado pelo falo apresenta-se não recoberto pelo simbólico.

Se considerarmos que a toxicomania não se constitui enquanto um sintoma, qual é então a lógica do seu funcionamento? O funcionamento da operação toxicômana denota que se trata de uma operação real sobre o real. Não constatamos na toxicomania o apelo ao simbólico, teríamos do sintoma apenas a prevalência da vertente real do gozo e enquanto desvinculado da premissa fálica. Essa peculiaridade foi percebida por nós nos relatos dos usuários que parecem carecer ou rechaçar a possibilidade simbólica que pudesse inclusive, dialetizar a própria dificuldade de inserção deles na lógica fálica.

Não compreendemos que tal característica tenha ligação com o nível social e/ou cultural dos usuários de nossa coleta. É verdade que todos os sujeitos investigados por nós no CAPS eram pessoas simples, do povo, que foram

trabalhadores ou estudantes e que nenhum deles tinha uma condição social e intelectual privilegiada. Utilizamos o verbo no passado porque essa condição (trabalhadores e estudantes), no momento estava perdida para aqueles usuários. Podemos mesmo dizer que a inserção deles no campo fálico tinha sido rompida. Eles estavam em um momento de tentativa de recuperação dessa condição.

Compreendemos que o acesso ao simbólico não está relacionado com as condições econômicas e/ou intelectuais na vida de um sujeito e sim com a possibilidade deste servir-se da linguagem para lidar com o real que lhe cerca.

O real que se apresenta como insuportável muitas vezes para um sujeito diz respeito à ausência de um saber que garanta sobre o sexual. A inserção na lógica fálica conforme foi abordado por nós através do caso Hans, permite ao sujeito encontrar um ancoramento simbólico ainda que precário, para o real que lhe assola.

Esse ponto nos parece fundamental na discussão sobre a toxicomania porque toca a questão com a causa. Evidentemente não foi possível demonstrar nas falas dos usuários a relação destes com o real da ausência da relação sexual. Podemos mesmo dizer que o consumo de substâncias entorpecedoras nem permite que tal questão possa ser formulada.

“Assim, na psicanálise (porque também no inconsciente), o homem nada sabe da mulher, nem a mulher do homem. No falo se resume o ponto de mito em que o sexual se torna paixão do significante”. (LACAN, 2003, p. 410).

Tomar o falo enquanto um mito produzido pelo sujeito para dar conta dessa ausência de saber através do simbólico e, assim, introduzir-se na lógica fálica é uma operação que precisa da implicação do sujeito. Entendemos que essa paixão pelo significante a que Lacan se refere se articula com a possibilidade do uso da língua proposto por Saussure e é isso que faz com que a linguagem/língua tenha um caráter social. Compreendemos que o mito fálico é produto dessa paixão pelo sujeito e que é essa introdução dele na lógica fálica que constitui o social, que o faz estar na língua, utilizar-se dela e assim dirigir-se ao outro. Não encontramos essa paixão pela palavra na toxicomania. O sujeito toxicômano encontra outra paixão para manter-se afastado do real da não relação (a droga).

O sujeito encontra através da solução toxicômana uma maneira distinta do sintoma para situar-se frente ao impasse do real (a ausência da relação sexual entre os falantes). Uma vez que é estabelecida uma ruptura com o campo

fálico, o sujeito aproxima-se de um gozo desmedido, sem limites que o deixa em posição de exílio do laço social, voltado unicamente para o gozo que consegue extrair do próprio corpo, num circuito auto-erótico. Tomamos como referência maior do caráter autístico do gozo a figura de Diógenes, emblemática de uma posição cínica onde o campo do Outro é desprezado, conforme discutimos em nosso segundo capítulo.

Eric Laurent (1988), no artigo “Três observações sobre a toxicomania”, extrai algumas indicações preciosas que muito nos ajudaram a tirar algumas conclusões: “Não é uma formação de compromisso, senão uma formação de ruptura”. (LAURENT, 1997, p. 16).¹⁹ Ele apresenta-nos três conseqüências da ruptura com o gozo fálico:

A primeira conseqüência, então, da pequena frase de Lacan, é a ruptura com o Nome do Pai e fora da psicose. A segunda conseqüência que se pode tirar é a de uma ruptura com as particularidades do fantasma (...) Terceira observação: Me parece que se pode tratar a toxicomania como o surgimento em nosso mundo de um gozo *uno*. Portanto, não é sexual. O gozo sexual não é uno, está profundamente fraturado, não é apreensível mais que pela fragmentação do corpo. (LAURENT, 1997, p. 19-20).²⁰

Tais observações nos pareceram bastante esclarecedoras para a discussão que ora promovemos. Entendemos que apesar de constatarmos na toxicomania uma solução de ruptura com o significante Nome do Pai (o produto da metáfora paterna que opera a resolução do Édipo) e com o enquadramento da fantasia, não temos como conseqüência a psicose e a perversão. O Nome do Pai é o significante que se instaura e que vem constituir o bilhete de acesso do sujeito à lógica fálica, inaugurando também o campo do desejo que interdita o gozo. Esse retorna para o sujeito via satisfação substitutiva do sintoma, de forma clandestina. Já a intoxicação é um recurso que o sujeito encontra para romper com esse significante e com a sua relação com o falo, embora o significante Nome do Pai não se encontre fora da cadeia, como na psicose. Não vamos poder aqui discutir em profundidade as

¹⁹ *No es una formación de compromiso, sino una formación de ruptura.*

²⁰ *La primera consecuencia, entonces, de la pequeña frase de Lacan, es la ruptura con el Nombre del Padre por fuera de la psicosis. La segunda consecuencia que se puede sacar, es la de una ruptura con las particularidades del fantasma. Tercera observación: Me parece que se puede tratar la toxicomanía como el surgimiento en nuestro mundo de un goce uno. En tanto tal no es sexual. El goce sexual no es uno, está profundamente fracturado, no es aprehensible más que por la fragmentación del cuerpo.*

diferenças da toxicomania com a psicose e com a perversão, mas poderemos de forma breve, acompanhar a dedução lógica da construção proposta por Laurent.

Na psicose o campo fálico também se encontra dificultado, não em função de uma ruptura do sujeito com o significante Nome do Pai, mas sim pelo fato desse significante situar-se fora da cadeia significativa, não encontrando possibilidade de inscrição, o que é diferente de uma solução de ruptura, como na toxicomania. O que não quer dizer que a psicose também não possa se utilizar do recurso à intoxicação.

A toxicomania pode também confundir-se com a perversão, na medida em que temos nesta última, uma exclusividade do objeto de gozo, uma fixação que se torna condição para o gozo. O mesmo ocorre na toxicomania, porém, uma grande lacuna instala-se entre as duas: o uso perverso da fantasia. A posição do perverso é regulada pela fantasia enquanto que na toxicomania o uso do objeto não se encontra vinculado a nenhuma produção fantasmática. É o que faz Laurent falar de uma ruptura também com as particularidades do fantasma. A fantasia se constitui enquanto elemento regulador entre o significante e o gozo, entre o sujeito e o objeto funcionando como mediador privilegiado entre esses dois termos que garante aos objetos um valor fálico. O ato toxicômano prescinde do componente fantasmático, levando-nos, uma vez mais, a poder estabelecer a diferença desse ato com o sintoma, uma vez que este inclui a fantasia.

Mas o peso maior para nós das observações propostas por Laurent sobre a toxicomania está na terceira delas. O gozo do Um enquanto não sexual. O gozo fálico ou sexual como ele nos diz, é fragmentado, não sendo possível uma unicidade. Nesse campo temos o reino do mal entendido da linguagem, do desencontro entre os sexos, do furo que faz com que um objeto não satisfaça em sua totalidade um sujeito, onde este precisa investir os objetos de forma sempre parcial, ininterruptamente. Inclusive a própria representação do significante do falo se dá pelo negativo através do símbolo matemático “menos phi”, ou seja, a imagem da falta.

Diferentemente, o gozo do Um se inscreve pela positividade, é um gozo autista, auto-erótico, sem espaço para a diferença e o mal-estar do encontro com o sexual. Esse gozo que concerne apenas a si mesmo pode ser relacionado ao “autismo como sendo, talvez, a categoria fundamental, o *status* nativo do sujeito”. (MILLER, 2006-2007, aula de 07.03.2007, p. 02, inédito). Sem espaço para a falta,

temos um movimento autofágico. É referida a esse gozo que a toxicomania se coloca. Para que a dimensão do Outro possa introduzir-se, é preciso romper com o estatuto autístico do Um e o sujeito aventurar-se pelo campo fálico, dirigindo-se ao Outro.

Nesse sentido, fica mais clara para nós a dificuldade dos sujeitos toxicômanos com o laço social. Se aproximarmos a dificuldade do sujeito com o uso da língua como liame social e a impossibilidade em constituir um sintoma articulado ao gozo fálico, vamos encontrar um sujeito às voltas com o caráter autístico e segregatório do gozo. Nesse campo, nem há produção do inconsciente e o sujeito se exila através das práticas do gozo, sem chance para o laço, pois é o matrimônio estabelecido do sujeito com o falo que possui um caráter social, possibilitando ao sujeito, uma relação com o Outro. É o sintoma que funciona como elemento de ligação com o Outro; se não há relação sexual possível entre os sexos, por outro lado há sintoma. O sintoma permite que as parcerias se constituam pelo sintoma de cada um. Destacamos, portanto, o caráter social do sintoma.

Se a toxicomania não é um sintoma, por sua vez, ela pode ser uma solução. Uma solução para o enigma que o sexual introduz para o sujeito, uma maneira de ele esquivar-se do fato de ser homem ou mulher. “Situada assim frente à encruzilhada sexual, a *operação toxicômana* oferece uma solução, que em seu extremo consegue liquidar a questão do sexo, junto com a liquidação eventualmente do sujeito mesmo”. (TARRAB, 2000a, p. 120).

Se dissemos que o sintoma e o uso da língua têm um caráter eminentemente social e se na toxicomania verificamos que nem se trata de uma produção sintomática nem que a língua está a serviço do laço social, então nos aproximamos do último ponto discutido por nós e que está articulado diretamente com a solução toxicômana : a segregação.

A discussão sobre a toxicomania pode ser ampliada no sentido de que a nossa civilização atual está estruturada sobre uma lógica adicta em função do consumo generalizado dos objetos. Se não podemos falar da toxicomania enquanto um sintoma para o sujeito, podemos falar enquanto um sintoma do social.

O que Freud denomina de mal-estar na civilização ou o que Lacan indica como sintoma na civilização, Jacques-Alain Miller (1996-1997) estabelece sob a fórmula $a > I$, para definir a conjuntura atual da civilização que tem como predomínio a “ascensão ao zênite social” (LACAN, 1970, p. 411) do objeto. Vivemos,

portanto, numa época em que os Ideais declinaram e, em contrapartida, o objeto tem encontrado seu apogeu, através da oferta em massa da promessa de gozo contida neles.

Éric Laurent (2007) indica-nos outro aspecto da experiência de gozo da civilização que se aproxima da *overdose* (experiência do todo) tão comum na vivência toxicômana. Ele denomina de *alloverdose* (para todos), um gozo desmedido acessível para todos, permeando a subjetividade contemporânea através do hedonismo de massa e o fetichismo da mercadoria generalizada. Podemos dizer que o toxicômano está para a pós-modernidade como a histérica esteve para a modernidade

A toxicomania se oferece como paradigma da relação do sujeito contemporâneo com o objeto de consumo, acarretando novos re-ordenamentos subjetivos, como por exemplo, agrupamentos dos sujeitos a partir de suas formas de gozo. É o que ocorre na toxicomania onde, pela sua prática, o sujeito se isola enquanto refém do seu próprio gozo, só encontrando possibilidade de relação com os pares que também compartilham a mesma forma que a sua. Nesse sentido, temos uma prática que se orienta pela segregação ao invés de favorecer ao laço social. Percebemos nitidamente essa característica no grupo de usuários que freqüentavam o CAPS, onde a inserção social estava severamente comprometida. O CAPS passa a representar para eles uma alternativa de romper com o circuito auto-segregativo, oferecendo uma nova possibilidade de relacionar-se com o mundo.

A categoria dos adictos e a conseqüente nomeação do usuário enquanto tal só vem reforçar a prática segregativa, na medida em que através dessa nomeação o consumidor passa a reconhecer-se aí e aceitar os efeitos de marginalização que a própria nomeação engendra. É criada uma categoria que supostamente possa dizer do sujeito, um “eu sou”. Como um personagem que oculta o sujeito, o toxicômano passa, inclusive, a ter um lugar social ainda que marginalizado, segregado. Tal é o paradoxo do empuxo da civilização atual à prática segregativa.

Portanto, somos levados a considerar que a nomeação “eu sou um toxicômano” revela-se extremamente problemática para uma clínica da toxicomania, pois congela e fixa o sujeito numa posição rígida e estereotipada, que nada diz da relação deste com o advento do sexual e de como ele o enfrenta.

Portanto, frente a esse panorama desenhado por nós no decorrer dessa investigação, qual seria a saída para o sujeito toxicômano? Qual a oferta da Psicanálise à solução toxicômana?

Pelo desenvolvimento que vimos traçando, percebemos que a solução toxicômana se opõe ao que é próprio à Psicanálise: a paixão pelo significante, a fluidez do jogo de xadrez da língua e da dança dos signos e o amor ao saber. Nenhum desses termos se encontra presente no consumo abusivo de substâncias. Muito pelo contrário, prevalece o silêncio do gozo e a paixão pela ignorância. Enquanto essa prática é de rechaço ao inconsciente, a Psicanálise pretende produzi-lo. A princípio, há uma antinomia entre toxicomania e psicanálise.

Tal é o desafio que se apresenta no atendimento clínico da drogadicção. O personagem toxicômano que se apresenta como anteparo ao sujeito não traz consigo nem o afeto da angústia, nem uma pergunta sobre sua adicção, nem demanda de saber, nem um sintoma. Ele traz um corpo em declínio, uma vida esburacada, o laço social rompido, uma imensa “fissura”²¹ que o impele a continuar se drogando e o silêncio.

Nas entrevistas preliminares temos a impressão de estarmos frente a um ser sem história cuja vida se desenvolve no imediatismo do consumo, empobrecido no seu uso da linguagem que só fala de seus rituais, da droga de sua preferência, dos problemas com a justiça e manifestando um franco desinteresse para com tudo e com todos. (RÉQUIZ, 2007, p. 380).

Como furar essa blindagem subjetiva, introduzindo minimamente que seja, uma divisão? Se não podemos contar com o uso nem da língua enquanto produtora do laço social e nem da linguagem enquanto a que veicula o mal entendido do inconsciente, se o toxicômano se serve da língua para comunicar apenas a certeza que ele obtém com o gozo, onde ele é o mestre haverá uma chance para que o discurso psicanalítico possa operar?

É pelo fato de considerar a vertente do gozo que a psicanálise pode ter uma chance para com a toxicomania. Oferecer um tratamento ao gozo pela palavra é o que pode fazer a diferença frente às tentativas de enquadramento desse gozo pelas mais variadas técnicas repressivas, pedagógicas e/ou religiosas que

²¹ Fissura: estado de sofreguidão, de avidez, de apaixonamento pela droga. No consumo do crack a fissura se instala imediatamente após o término do consumo.

visam tão somente à modificação do comportamento e que proliferam na atualidade frente à explosão do consumo abusivo de substâncias.

“Nas psicoterapias de um modo geral, a suspensão do consumo é índice do êxito terapêutico, mas a psicanálise reconhece que tal suspensão pode se dar sem que tenha modificado a causalidade inconsciente que sustenta a adicção”. (RÉQUIZ, 2007, p. 381).

Ao ofertar o desejo de saber, o psicanalista pode criar uma demanda ainda que precária, onde uma pergunta possa ser formulada, reintroduzindo a possibilidade da vinculação com o Outro, tão problemática na toxicomania. E a pergunta fundamental da qual o personagem toxicômano tenta evadir-se é, sobretudo, acerca da sua posição enquanto ser sexuado, sobre o sentido sexual do inconsciente que ele rechaça.

Obter que o sujeito dê sentido sexual a sua experiência não quer dizer: *dar* ao sujeito um sentido sexual *para* sua experiência, já que isso seria não uma operação analítica senão religiosa (...) Obter que o sujeito dê um sentido sexual a sua experiência é outra coisa. É que a significação seja efeito de uma operação significante e de um encontro. (TARRAB, 2000a, p. 124).

A aposta no encontro com um analista pode fazer a diferença para um sujeito, concedendo à palavra um estatuto distinto do que ela teve até então para ele. No caso da toxicomania, tomamos de empréstimo a construção de Philippe Lacadée (2006), que nos fala de “uma língua de gozo” (LACADÉE, 2006, p. 44), usada por jovens adolescentes que se utilizam do grafitti, do rap e do hip-hop para veicular, através de uma escrita, a língua de gozo. No caso da toxicomania o sujeito não sabe o que fazer com essa língua, a não ser pela via do ato intoxicatório. Cabe ao psicanalista não desistir da palavra, insistir na instalação do dispositivo analítico enquanto recurso privilegiado para a produção do saber inconsciente, onde o consumo de drogas abra espaço por fim, à constituição de um sintoma que traga o particular do sujeito, retirando-o da classificação universal que o toma na categoria toxicômano anônimo. “Não se trata então de fazer um discurso sobre a droga, se trata de dar a toxicomania um tratamento discursivo, que desde o discurso psicanalítico pode muito bem resumir-se em uma fórmula que indica a direção do

tratamento: ir do fazer ao dizer”²² (TARRAB, 2000c, p. 147), que opera uma torção no agir compulsivo do toxicômano, substituindo-o pela palavra. A Psicanálise pode ser o instrumento para questionar o consumo.

Ou seja, tornar a língua viva enquanto aquela que pode veicular um desejo que prevaleça ao gozo da intoxicação e, assim, possibilitar que os objetos sejam recobertos pelo valor fálico, restaurando o laço social antes fraturado e rompido. “Acho que precisamos concluir que é preciso salvar a língua. A língua está em perigo (...) O mal-entendido precisa ser salvo (...) Estamos em uma época em que se deve encontrar o gosto pela fala”. (LACADÉE, 2006, p. 49-50).

Manter a língua viva na atual civilização e frente aos desafios da clínica contemporânea é tarefa do psicanalista.

²² *No se trata entonces de hacer discursos sobre las drogas, se trata de darle a la toxicomanía un tratamiento discursivo, que desde el discurso psicoanalítico puede muy bien resumirse en una fórmula que indica una dirección de la cura: ir del hacer al decir.*

Considerações finais

Agora é chegado o momento de apresentarmos as conclusões que se fizeram possíveis após esse percurso pelo campo da toxicomania à luz do diálogo entre Psicanálise e Lingüística.

Basicamente, concentramos nossa investigação em torno de três eixos fundamentais: 1 - o uso da língua na toxicomania; 2 - a relação entre o sintoma e a toxicomania e 3 - as perspectivas clínicas da psicanálise no campo da drogadicção.

Em relação a esses três pontos podemos concluir que:

A língua possui um caráter social por constituir-se a partir do acordo firmado entre os falantes que garante a organização social. Através das falas recolhidas, verificamos a existência de uma dificuldade dos usuários firmarem esse acordo com a civilização, na medida em que o laço social encontra-se comprometido, sejam nas relações pessoais, no trabalho, na impossibilidade de manter os bens adquiridos... Isso nos leva a pensar que o uso da língua pelo toxicômano não favorece o liame social pelo fato da precariedade na função simbólica da linguagem. É através do simbólico que se torna possível a renúncia pulsional, base do processo civilizatório. A toxicomania apresenta uma dificuldade de inserção social pela impossibilidade que o sujeito encontra em ajustar o seu gozo às exigências da civilização, processo esse mediado pela função simbólica. Aproximamos, portanto, a função simbólica da linguagem com a função social da língua. A prática de consumo é segregativa por não conseguir, por meio do simbólico, fazer com que o sujeito se utilize da língua para inserir-se no coletivo dos falantes.

Não podemos falar do estabelecimento do laço social entre o sujeito e o campo do Outro na toxicomania. Observamos que o que faz as vezes de um laço entre os pares é a prática de gozo compartilhada, o que nos leva a dizer que ao invés de laço social, temos na toxicomania tão somente um laço de gozo, ou ainda, um laço social intoxicado.

Além disso, somos levados a concluir também que não tivemos acesso ao sujeito da toxicomania através das falas dos usuários escutados por nós.

Isso porque consideramos a fala do toxicômano como a de um silêncio sobre o sujeito. Não tivemos acesso ao sujeito na perspectiva da Psicanálise porque a droga apresenta-se no lugar dele, impedindo a divisão subjetiva.

Nesse sentido, uma vez que não temos um sujeito na toxicomania e sim um consumidor, não podemos falar de sintoma, visto que a toxicomania não reconhece a existência do inconsciente. Muito pelo contrário, ela se empenha em negá-lo através do recurso da intoxicação.

Distinguimos, portanto, sintoma e solução toxicômana. O recurso à intoxicação aponta para o fracasso na constituição de um sintoma pelo sujeito. Consideramos que é o sintoma o representante privilegiado da relação do sujeito com o saber inconsciente que se refere à ausência de um significante que possa dizer da relação sexual. Essa ausência de inscrição faz com que possa se estabelecer uma verdadeira parceria do sujeito com o significante do falo como consequência do advento da incidência da linguagem no gozo, o que se pode chamar de castração. É o que faz o sujeito produzir sintomas em suplência à ausência de relação sexual entre os falantes.

Quando a toxicomania rompe com o falo, está fechando também a possibilidade para o sintoma e estabelecendo outra forma de posicionar-se frente à relação sexual que não existe, mantendo afastada a angústia. Trata-se de uma solução de ruptura e não uma formação sintomática.

O sintoma toxicômano é um sintoma do social, da civilização em que estamos inseridos, mas não se refere ao sujeito enquanto um representante de sua divisão. No máximo, podemos equivalê-lo a um estandarte do gozo onde a linguagem não conseguiu incidir de forma a torná-lo social, pois seu caráter é profundamente autista.

Nesse sentido, podemos mesmo dizer que é através do sintoma que o sujeito estabelece uma conexão com o Outro. Se não há relação sexual possível entre os sexos, por outro lado há sintomas. Destacamos, portanto, o caráter social do sintoma. O advento da linguagem que incide no gozo possibilita um uso da língua que produz sintomas e que permite aos falantes, cada um a seu modo, romper com o caráter autista da satisfação do Um e constituir sintomaticamente, parcerias ao longo da vida.

Podemos concluir que a solução toxicômana caminha na contramão do discurso psicanalítico. Pela precariedade com o recurso simbólico, pela

dificuldade em constituir um sintoma e o laço social e, por último, por encontrar através da nomeação toxicômano, uma posição segregada que deixa o sujeito anônimo, trazendo dificuldades para a clínica da drogadicção.

A toxicomania se coloca como refratária ao inconsciente e constitui um desafio para a prática analítica. Porém, o fato de considerar a vertente do gozo que escapa ao significante, pode fazer com que essa prática adote uma política que concerne à ética do desejo.

O desejo do analista, enquanto um operador norteado por essa política, permite que as recaídas e a abstinência, tão presentes na clínica das toxicomanias, sejam direcionadas não para uma “clínica do bem” do paciente, através de medidas adaptacionistas, mas sim para a introdução de um desejo ainda que mínimo, de saber.

Devolver à palavra sua dignidade é também facultar ao sujeito sua recolocação no jogo de xadrez da língua e na dança dos signos, recuperando a condição de vivente perdida para o toxicômano.

Referências

ALVARENGA, E. **El uso de drogas y el uso de la red**: Pharmakon Belo Horizonte: Publicacion de grupos e instituciones de toxicomania y alcoholismo del Campo Freudiano, 2005.

_____. Variedade dos sintomas, unicidade do tipo clínico: Correio: **Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**. Rio de Janeiro; nº. 58; 2007.

ARRIVÉ, M. – **Linguagem e psicanálise** – lingüística e inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

BALLY, Charles; SECHEHAVE, Albert (Orgs.). **Ferdinand de Saussure**: curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 1997.

BOUQUET, S.; ENGLER, R (Eds. E Orgs.). Notas para um artigo sobre Whitney (1894). **Ferdinand de Saussure**: escritos de lingüística geral. São Paulo: Ed. Cultrix, 2002.

BRASIL. **Ministério da Saúde**. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Pragmáticas Estratégicas, Brasília, 2004.

ESPINHEIRA, C. G. **Os tempos e os espaços das drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

FIGUEIREDO, A.C., NOBRE, L., VIEIRA, M. A. **Pesquisa clínica em psicanálise**: a elaboração de um método. Rio de Janeiro: Edições IPUB-CUCA, 2001.

FREDA, H. La secta y la globalización. In: MILLER, Jacques Alain. **El outro que no existe y sus comités de ética**. Buenos Aires: Editorial Paidós, 2005.

_____. **Da droga ao inconsciente**. In: Subversão do sujeito na clínica das toxicomanias. Publicação do Centro Mineiro de Toxicomania. Belo Horizonte: 1996.

FREUD, S. (1930 [1929]). **O mal-estar na civilização**. Vol. XXI. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976a.

_____ (1933 [1932]). **A dissecação da personalidade psíquica**. Vol. XXII. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976b

_____ (1923). **O ego e o id**. Vol. XIX. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976c.

_____ (1920). **Além do princípio do prazer**. Vol. XVIII. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976d.

_____ (1908). **Análise de uma fobia em um menino de cinco anos**. Volume X. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976e

_____ (1917 [1916-1917]). **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. Parte III. Teoria geral das neuroses. Conferência XVII: O sentido dos sintomas. Volume XVI. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976f.

_____ (1917 [1916 -1917]). **Conferências introdutórias sobre psicanálise**. Parte III. Teoria geral das neuroses. Conferência XVIII. Fixação em traumas – o inconsciente. Volume XVI. Edição Standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976g.

GARCIA, C. **Uma questão de linguagem?** Disponível em: <www.ebp.org.br>. Acesso em: 20 nov. 2006.

_____. O ato de consumir drogas e a realidade virtual. In: BENTES, Lenita; GOMES, Ronaldo Fabião (Orgs). **O brilho da infelicidade**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 1998.

GUERRA, A.M.C. **A lógica da clínica e a pesquisa em psicanálise**: um estudo de caso. Belo Horizonte: Ágora, 2001.

GURFINKEL, D. **A pulsão e seu objeto droga**: estudo psicanalítico sobre a toxicomania. Petrópolis: Vozes, 1996.

LACADÉE, P. A modernidade irônica e a cidade de Deus. In: Invenções paternas – **Revista Curinga** nº 23 – Belo Horizonte: Contra Capa, 2006.

LACAN, Jacques. (1953). Escritos. In: **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a.

_____. (1957). **Escritos**. In: **A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b.

_____. Escritos. In: **Situação da psicanálise em 1956**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998c.

_____. Outros escritos. In: **Radiofonia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1970.

_____. Outros escritos. In: **Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. (1964). **O Seminário** – Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988a.

_____. (1955-1956). **O Seminário** – As Psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988b.

_____. (1957-1958). **O Seminário** – As Formações do Inconsciente. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

_____ (1953-1954). **O Seminário** – Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____ (1972-1973). **O Seminário** – Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____ (1959-1960). **O Seminário** – A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

_____ (1969-1970). **O Seminário** – O avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____ (1974-1976). **O Seminário** – O sintoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

_____. O lugar da psicanálise na medicina - Opção Lacaniana – **Revista da Escola Brasileira de Psicanálise** – São Paulo: Edições Eólia, 2001.

LAIA, S. Crítica da razão toxicômana. In Correio nº. 37. **Revista da Escola Brasileira de Psicanálise**. Rio de Janeiro: 2002.

LAURENT, Eric (1988). Tres observaciones sobre la toxicomanía. In: SILLITTI, D.; SINATRA, E. S.; TARRAB, M. (Comp.). **Sujeto, goce y modernidad** – Fundamentos de la clínica II. Buenos Aires: Editora Atuel, 1997.

_____. **A sociedade do sintoma** – a psicanálise hoje. Rio de Janeiro: Contra capa editora, 2007.

LIMA, C. R. (relator) Sintoma: satisfação às avessas. In: **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Escola Brasileira de Psicanálise (Org). Rio de Janeiro: Contra Capa Editora, 2000.

MILLER, J. A. **Elementos de biologia lacaniana**. Belo Horizonte: Escola Brasileira de Psicanálise, 1999.

_____. (1996-1997). **El otro que no existe y sus comités de ética**. Buenos Aires: Editora Paidós, 2005.

_____. **Logicas de la vida amorosa**: Primera conferência. Buenos Aires: Ediciones Manantial SRL, 1991.

_____. A teoria do parceiro. In: **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). Rio de Janeiro: Contra Capa Editora, 2000.

_____. **Percorso de Lacan** – uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

_____. **Curso de orientação lacaniana 2006-2007**. Orientação lacaniana III, 9. (Inédito).

_____. **Curso de orientação lacaniana 2007-2008**. Orientação lacaniana III, 10. (Inédito).

NAPARSTEK, F. **Introducción a la clínica com toxicomanias y alcoholismo**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2005.

NÓBREGA, M. – Sujeito e sistema em Saussure: uma relação possível? *ReVEL*. Edição especial n. 2, 2008. ISSN 1678-8931. Disponível em: <www.revel.inf.br>

NOGUEIRA FILHO, D. M. – **Toxicomanias**. São Paulo: Editora Escuta, 1999.

RAE, E.M. **A metodologia qualitativa na pesquisa sobre o uso de psicoativos**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

RÉQUIZ, G. Toxicomania. In: Opção Lacaniana. **Revista Brasileira Internacional de Psicanálise** nº 50. São Paulo: Edições Eólia, 2007.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social** – métodos e técnicas. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

RUDGE, A. M. **Pulsão e linguagem**: esboço de uma concepção psicanalítica do ato. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

SANTIAGO, J. **A droga do toxicômano**: uma parceria cínica na era da ciência. Belo Horizonte: Jorge Zahar, 2001.

SILLITTI, D. Lo que entra clásicamente en el psicoanálisis. In: SILLITTI, D.; SINATRA, E. S.; TARRAB, M. (Comp.) **Mas allá de las drogas**: estudios psicoanalíticos. Buenos Aires: Plural Editores, 2000.

TARRAB, M. Una experiencia vacia. In: SILLITTI, D.; SINATRA, E. S.; TARRAB, M. (Comp.). **Mas allá de las drogas**: estudios psicoanalíticos. Buenos Aires: Plural Editores, 2000a.

_____. La substancia, el cuerpo y el goce toxicomaniaco. In: SILLITTI, D.; SINATRA, E. S.; TARRAB, M. (Comp.). **Mas allá de las drogas**: estudios psicoanalíticos. Buenos Aires: Plural Editores, 2000b.

_____. Las salidas de la toxicomanía. In: SILLITTI, D.; SINATRA, E. S.; TARRAB, M. (Comp.). **Mas allá de las drogas**: estudios psicoanalíticos. Buenos Aires: Plural Editores, 2000c.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS DE ARTES PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

Esta pesquisa é sobre "A localização do sujeito toxicômano através da linguagem" e está sendo desenvolvida por Cassandra Dias Farias aluno (a) do Curso de Pós Graduação do Curso de Letras, na qualidade de mestranda da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do (a) Prof (a) Mônica Nóbrega.

Os objetivos do estudo são. Pesquisar qualitativamente a linguagem particular do sujeito que faz um uso abusivo de drogas, identificar que tipo de produção lingüística seria mais reveladora da posição subjetiva do usuário e estabelecer qual o estatuto do uso da palavra na linguagem particular do sujeito drogadicto.

A finalidade deste trabalho é. fornecer elementos teóricos que possibilitem um maior conhecimento da problemática em questão, trazendo..subsídios que possam servir de fundamentos aos tratamentos oferecidos aos sujeitos adictos e seus familiares.

A sua participação na pesquisa é voluntária e, portanto, o (a) senhor (a) não é obrigado (a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador (a). Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição.

O fato de um pesquisador estranho à Instituição passar a fazer parte das atividades e assim, ouvir o relato de questões particulares de sua vida, talvez possa trazer algum tipo de constrangimento ou desconforto em relação à privacidade de sua fala.

No entanto, não está em questão por parte desse pesquisador, nenhum tipo de julgamento seja de que ordem for, moral, religioso ou jurídico. O objetivo dessa

participação é tão somente, a observação da maneira de falar dos sujeitos envolvidos numa prática de consumo de drogas.

Solicito sua permissão para que a entrevista seja gravada, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de saúde e publicar em revista científica. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo.

O(s) pesquisador (es) estará(ão) a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido (a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

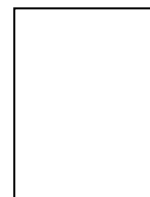
Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

Assinatura do (a) Pesquisador (a) Responsável

Assinatura do (a) Pesquisador (a) Participante

OBS: (em caso de analfabeto - acrescentar)

Assinatura da Testemunha



Endereço (Setor de Trabalho) do Pesquisador Responsável:

Av. Flávio Ribeiro Coutinho 707 – sala 217 – Manaíra - Edf. Empresarial Center

Telefone para contato: 3245 4761 3246 6069 9372 3967

Qualquer dúvida, entre em contato com o CEP/HULW: 3216.7302

Apêndice 2 - Transcrição das fitas

1ª visita

A. - Não, eu to retornando.

Técnico: Como é o teu nome?

- A. J. porque eu vim e comecei a freqüentar e houve um problema aí eu fui parar no presídio, aí saí agora no dia 08 e aí vim falar com o pessoal pra perguntar se eu podia retornar ao grupo. Eu vim uma vez, aí dois dias após aconteceu o imprevisto, eu fui detido e não retiraram a queixa e eu fui parar lá no presídio.

T- Você passou quantos dias ou meses?

A - Passei pouco tempo, passei quase um mês.

T - Como foi a experiência?

A – Não, pelo amor de Deus, não desejo que ninguém queira passar por essa experiência, não. Pelo uma parte, assim a pessoa chega lá dentro, tendo conhecimento, isso aquilo outro, você se dá bem. Melhor que na rua. Não falta nada. Agora quem não tem conhecimento lá dentro, é humilhação por cima de humilhação, passa fome se brincar.

T - Foi no Roger?

A – E assim vai, né? Né coisa pra...

N. - Doideira. Eu dei uma entrada na 2ª DD, pá meu irmão, aí dei outra por tentativa de homicídio aqui em Cruz das Armas, uma viagem, uma loucura, doideira, doideira, eu tenho que andar na linha...

A. – A minha foi 129.

N - E a minha felicidade foi porque o doidão tirou a queixa lá, sabe? Porque se não tivesse tirado eu tinha me ferrado já com uma entrada, eles colaram.

A. – Os poucos dias que eu passei lá dentro... é assim, olhe...botam assim pra você escolher, o que você quer...

T - E no seu retorno, quais os dias que você vai participar?

A. – Terças e quintas.

A. – Eu só to preocupado porque eu pra fugir do crack, tá entendendo? Eu to usando mais maconha. Aí pronto, aí é aquela coisa que... um cigarro bem dizer um atrás do outro, um atrás do outro pra passar a abstinência pelo crack.

T - Você está substituindo no caso a maconha pra ver se tenta deixar o crack.

A. - É e no caso assim tá dando certo, pra mim tá dando certo, sabe? Tá evitando, porque o crack é que nem a bebida, o cara tem que evitar a primeira pedra. Porque depois de fumar a primeira pedra, meu amigo, você vende até...

N - Meu irmão, eu comi cinco motos, os objetos de casa lotado, deu um internamento o ano passado...

A. - Mesmo que você não tenha nada pra vender, você sai manguendo, pedindo um real a um , quando menos espera, tá o dinheiro da desgraçada na mão, aí fuma, com quinze minutos tá na mesma cara, fissurado, afim de mais, com a bexiga taboca.

Aí a maconha não, a maconha eu tô fumando, tô relaxando, já não saio de casa, tá entendendo?

T - Como você tá preenchendo o seu dia?

A. - No momento, só ficando em casa mesmo, com meu menino. Vou no campo, dou uma olhadinha nas pelada, bato uma bolinha, volto...tentando evitar os noiado..

N - É que na realidade, o caba tem que desovar a galera, sair de perto da rapaziada já é uma batalha, só o caba se controla, mas chega um...uh...aí o caba...meu irmão, já quer logo nessa...pô, pei, pei, pei, pá...quando o caba ver...pô, pei...ferrado...é complicado. Tem que se afastar da rapaziada. Porque pra oferecer um prato de comer, quer dizer... Esses anos todinhos, 19 anos que eu uso droga, a senhora acredita que emprego tem uns três que já me ofereceram, já chegaram me dando as coisas, moto, coisa que eu digo de dinheiro, tem uns três, quatro e um que tocou o meu coração que até hoje eu lembro, faz uns três anos isso, não vi mais esse doidão. Ele chegou lá em casa de manhã logo cedo: N., N.! Eu abri. Vim saindo do trabalho agora, ó. Trouxe um meio metro pra gente endolar todinho, dola de dois reais que eu vou deixar na favela perto de casa. Aí eu disse vamo nessa. Aí eu fui tomar um banho. Quando eu saí, ele disse: meu irmão trouxe droga não, doido. A droga tem, um baseado pra gente fumar. Mas aí o que é que eu trouxe: um café massa pra gente tomar. De todos que já me ofereceram emprego, essas coisas, me ajudaram, mas esse tocou meu coração porque todo ele que vem só vem pra oferecer a droga, a destruição. Olhe, eu fiquei tão revoltado que chamei o cara de o diabo na terra na esquina lá perto de casa. Chamando ele de...acho que se ele tivesse saído eu tinha dado um pau, entendeu ? Porque meu pai e minha mãe nunca arrumou culpado pra loucura do cara; pras minhas loucuras, não. O safado sou eu. Eu to fazendo aquela piração. O caba lá, o tio do cara me parou e veio me dizer que

eu era um artefato do sobrinho dele ser o que é hoje, ó ? Meu irmão, eu endoidei. Eu endoidei. Veio dizer que eu era o culpado, que o sobrinho dele faz hoje, culpa ser minha. Que conversa, rapaz. Quando o caba é pilantra mesmo, safado, um puto – desculpem o português– ele entra na onda. Minha mãe nunca disse “a culpa é de fulano”. Que conversa! Ela não dizia isso. Tem isso, não. A realidade... a amizade influencia muito porque chega lhe proporcionando naquele momento de delírio que é o da droga, entendeu ? Fumar um, fumar dois, fumar três, fumar quatro... mas o caba vai analisar mesmo, o que é que ele tem que fazer ? Se afastar, tô doidinho...

T. – Como é que está seu consumo?

N. – Rapaz, faz uns dias. Eu fumei maconha a semana passada, sexta-feira. E tomei álcool, aí fiquei doente, passei o sábado doente. Já domingo mesmo, eu enjeitei. Eu com um doido dentro de casa lá, ele puxou uma pedra e vamo fumá, eu fiquei naquela, naquela e não fumei. Não fumei de jeito nenhum...é complicado. É porque o caba diz: certas horas é melhor o caba partir pra esse lado quando tiver...do que fumar uma pedra. Sexta-feira eu endoidei, fiquei transtornado, não sei que loucura foi que me deu... aí eu pirei a cabeça, comecei a beber, mas não fumei a maldita. Porque eu só to nessa roubada por causa de pedra.

A. – É rocha.

N. – De rocha mermo. Perdi um emprego por causa de pedra, maconha nunca me atrapalhou, maconha eu fumava um quando me acordava, saía pra trabalhar, quando era nove e meia fumava outro, meu emprego de vendedor, sou profissional de venda...

A. – Eu perdi foi doze anos, irmão, ali naquele Instituto de Psiquiatra, carteira assinada, devido ao crack. Quando eu vivia na maconha...

N. – Não atrapalha o cara, meu irmão.

A. – Atrapalha, não. Eu tomava uns Artanezinho, uns Roupinol, mas nunca abalou tanto...

N. -... O cara...como o...o crack...diga aí...veio pra destruir...

T. – Não é porque a reação do crack é mais rápida e essas outras drogas é mais lento o processo?

N. – Eu acho que não, porque é uma droga que quem criou foi um gênio, porque é uma droga que alucina o cara. a querer mais...eu fui viciado em cocaína bicho, eu perdi só uma motocicleta na parada, me toquei aí...no final do ano, Natal, na virada, controlei a onda, quer dizer, pra um cara que cheirava todo dia, meu irmão, eu ia

assistir aula, a turma sentada fumando uma coisa e eu e outro parceiro metendo a venda com todo veneno pra assistir aula, será que o caba tava noiado ? Eu ia trabalhar, eu ia drogado toda hora, perdi uma motocicleta, criei vergonha na cara e se você pega um saco de pó, você cheira agora, quando terminar ele você não tem alucinação de querer outro...

A. – Querer mais, é...

N. – Entendeu? Aí você gasta cinqüenta. Se você comprar cinco peda... foi um gênio o cara que criou o crack...porque se o caba compra cinco peda, o caba fuma as cinco, fica morrendo e ainda quer mais cinco. Quer ou não quer? Quer ou não quer?

A. – Eu já cheguei a pegar assim, ó... meti uma mola por três mil e oitocentos conto aí comprei logo o que, trinta grama. Aí peguei uma cumade, ó. uh...tremendo motel...quatro dia e três noite, vei...lá dentro com a bexiga. Alimento nenhum. Só água e birita...só saí lá de dentro quando acabou. E quando acabou que eu solicitei o táxi, direto pra boca de novo. Aí levei azar. Os homi pegou na saída. Mas também só fizeram tomar o crack. Até uma pedrinha de prensado que eu tinha, deixaram.

T. – Mas você tinha só pra usar? Nunca entrou na questão do tráfico, não.

A. – Só consumo.

T. – Alguém aqui já trabalhou como traficante?

N. – Deus me livre. Tá doido, vei. Pra mim droga é consumo. Isso não dá certo. O caba tem que procurar trabalhar, se quer usar... Pegaram eu com um baseado no ano de noventa e nove ali na feirinha, eu tinha um fusca e uma moto, o fusca a coisa mais linda. A minha esposa tinha ido ver o pai, nessa noite um fumei um backão em casa, umas cerveja em lata, descii pra praia, cheguei lá apertei o baseado, fumando um, vei! Tomei duas cerveja, digo vou fumar outro, aí fui pro banheiro, dois PM me enquadrrou, brother, isso eu com uma tuca dentro do cofre do carro e debaixo do banco do carro um revólver. Ó mesmo a doideira! Isso eu... não tem sujeira...meu irmão, bem à vontade, doido. Comeram trezentos conto. Quase eu danço, tive que dar dinheiro pra não me levarem pra delegacia. Ainda bem que eu tinha o dinheiro pra pagar.

A. – Eles come mermo. O caba tem que pedir a Deus, home. Pra livrar o caminho do cara que...eu tô almoçando, chega lá e: e aí ? Vamo buscar tantas ali pra nós ? Passa até...oxe...só em pensar que vai usar ela, passa até o... apetite passa. Aí pronto, aí começa. Aí isso o cara passa um dia, dois, três, quando não tiver mais

sem dinheiro, você tá sem dormir e sem comer, só fumando ela. Menino, perdendo peso...oxe...menino...

N. – É porque é difícil. Como eu escutei aqui de uma psicóloga, o cara precisa de quatro coisas na vida, o cara tem que ter. Primeiro é Deus, se apegar a Deus. Segundo, é o cara... família do cara, é o cara ter uma alucinação e a família tá em cima do cara. Terceiro, emprego. O quarto, um amor na vida. É onde o cara vai deixar, entendeu ? Porque eu tenho um brother meu – isso é comprovado – tenho um brother meu, amigo meu... de quando ainda das bicicletas junto. O doidão trabalha hoje aí no Tribunal. Conheceu uma gata e tá com ela até hoje. Isso o ano passado agora, de Dezembro pra cá. Não tá usando mais porra nenhuma. Nada, nada, nada. Tá tomando uma cervejinha com ela na praia, pá, de rolê. Não tá mais usando droga de qualidade nenhuma. Quer dizer, que tem enes fatores para ajudar o cara a. a...

A. – É porque tem muitos viciados que pensa que pra crer tem que se tornar evangélico. Crer é uma coisa e ser crente é outra. A pessoa que crê mesmo no Senhor lá de... de...do coração...bate uns papos com ele à noite e tal, pá, antes de dormir, agradece...

N. – Quando o cara tá transtornado, o cara tem que ter a arma dele. Qual é a arma dele ? A Bíblia, brother. O cara chega num cantinho e...

A. – Porque só quem pode perdoar é ele. Você me agredir aqui e depois vier...rapaz, você me perdoa ? Eu digo, não posso. Não posso perdoar porque só quem perdoa é o homem lá de cima. Só ele que tem essa autoridade.

N. – Pode crer.

A. – Aí o cara às vezes... chega uns ex-viciados, evangélicos, aí aquela galera, sabe ? Aí começa a falar e começa a criticar e pá e isso, aquilo e aquilo outro, eu digo: meu irmão, deixa o cara, vei. Não, não sei o que e pá e pá... Quando chega um ser assim que é evangélico que vem falar da palavra pra mim... home, ele passa o dia todinho ali, pelo menos ali eu tô escutando alguma coisa de bom.

N. – E tá em paz, né ?

A. – Pronto, aqui você tá escutando a paz, aqui você já tá escutando ali, ó. pra ir descolar isso assim, vai tá entendendo, não sei o que, não sei o que, pá pá pá e tal, isso e aquilo, termina o cara embarcando naquela onda ali e se prejudicando.

Eu tenho 33 anos, véi. 22 é de droga. 22 de droga.

N. – Eu tô fazendo 19 anos. Faço 19 anos que uso droga. O que for droga eu já usei. Quando eu vim aqui a primeira vez, mandou eu escrever em três linhas não deu pra o tanto que eu já usei. Que loucura! Agora essa veio pra desgragar, meu irmão. (risos) Essa é a desgraça.

T. - Você tá usando o que atualmente ?

N. – Rapaz, doutor, de vem em quando, quando eu tenho uma recaidazinha pra não fumar a pedra eu fumo uma ervazinha e tomo uma birita porque aí concentra a história e vem uma potência pra deixar o caba transtornado e o cara vem dormir e se aquieta. Aí o cara passa o dia... como sexta-feira...sexta-feira eu tive uma raiva de manhã e no desespero eu digo...rapaz...vou ali...pêra aí...comprar uma dola agora mesmo. Aí fui, comprei uma dola e a boca do outro lado assim...peda e eu digo ...meu irmão...e eu naquela...e eu com a grana pra...aí eu digo: vou pra dola. Eu saí e comprei a dola. Naquela pra fumar e fumei um xara da dola, aí eu digo: meu Deus do céu! Aí num pé e noutro dentro de casa, fumo não fumo, fumo não fumo, fumo não fumo, eu digo: uma meiotá. Aí pô: depois da meiotá já deu aquele negócio, eu digo: duas cervejas. Vou dormir, pêra aí. Duas cervejas, aí fiquei naquela, eu digo, meu Deus! Outra cerveja. Aí botei os fato pra fora, pronto. Aí deu logo a fraqueza, me deitei, apaguei, vim me acordar no outro dia, doido. Também fiquei doente.

A. – Se o cara não tiver aquela força, meu irmão, o cara desanda. Eu já passei, já fui pra Caruaru, duas vezes já. Pra um Centro, se chama Jardim Jovem, sabe?

T. – Internado lá?

A. – É.

T. – Passou quanto tempo lá?

A. – Passei, a primeira vez passei dois meses e dezessete dias. A segunda vez só passei um mês mesmo.

T. – Ajudou em algum momento assim, na sua reabilitação?

A. – Rapaz, quando o caba quer deixar, o caba ói, não precisa de tá gastando dinheiro com internamento isso aquilo, aquilo outro, não. E eu não passava o dia sem fumar oito, dez peda, não.

T.- E o dinheiro, vinha de onde?

A. – Hein? Trabalhava.

T. – Aí trabalhava, usava, dava pra conciliar?

A. – Dava, hómi. Mas chegou o tempo que me aprofundei mais aí comecei a relaxar, a abandonar o serviço, faltar, tá entendendo? E era chamado a atenção e o pessoal

sabia que eu era usuário da maconha, mas nunca faltei, era homem de confiança, tudo, tal. Graças a Deus saí de lá ainda de confiança, né, que eu nunca precisei tirar nada dos outros também, não. Aí ela me chamou a atenção várias vezes, eu levando na brincadeira... recebia dinheiro hoje, passava dois, três dias sem ir trabalhar, só enfurnado dentro de casa, fumando.

Eu fazia a feira pra meus filhos e acabava o dinheiro, pegava uma lata de leite, isso aquilo, aquilo outro e trocava no crack e depois batalhava o dinheiro pra comprar tudo de volta.

N. – Televisão, geladeira, sofá...meu irmão ! Comprar de novo, trocar de novo...

T. – E quando perdeu o emprego, como foi que conseguiu manter ?

A. – Fiquei recebendo parcelado o dinheiro lá.

T – E quando acabou?

A. – Quando acabou... comecei a vender os objetos que eu tinha possuído com o dinheiro que eu tinha...comecei a vender um, vender outro, vender um, vender outro, voltei pra casa da minha mãe, tô tentando sair, tô fazendo de tudo, tentando não, tô fazendo...

T. – Encontrou apoio em casa?

A. – Encontro. Minha mãe...

T. – Você é solteiro?

A. – Eu? Sou. Já... casado, não né ? Vivi com uma mulher 14 anos, mas...que ela também é dependente, aí não dá certo. Procurar o melhor pro cara.

T. – E M., conta aí M., fala aí um pouquinho pra gente como é que você tá. Você disse que tá bem, dá pra falar como é esse bem?

M. – Melhor

A. – Melhor não, meu irmão, você diga aí seu dia-a-dia como é que tá.

N. – É, diga como é que tá. Se solte...

A. – Fosse numa roda que tivesse rolando um baseado ele tava... plá,plá...

N. – E pá, diga aí...

T. – Como é que tá a família?

M. – Um colega meu lá chamou lá pra eu tanger o carro lá mais ele lá no ponto lá, mas eu vou só no sábado.

T. – E a semana? Continua desenhando por lá?

M. – Passo mais em casa mesmo, por isso eu não tenho muito que falar.

N. – Só. De rocha.

T. – De vez em quando aparece um serviço?

A. – É outra coisa que o cara também perde.

T. – Há quantos dias está sem usar?

M. – Sábado eu tive uma raiva e usei um Artane só.

T. – Usou o que?

M. – Um Artane.

T. – Você pode contar pra gente sobre essa raiva?

M. – Minha mãe começou a discutir comigo lá em casa lá aí eu saí de dentro de casa. Aí eu usei o Artane já pra não me deixar quente e pá. Aí eu passei o dia inteiro na rua.

T. – Aí a droga ajudou a preencher. Teve uma raiva, né?

T. – E valeu a pena?

M. – Mais piora. Fica mais... fica mais com a mente mais.. mais preocupada.

T. – Por isso a gente fala muito assim na questão das estratégias, né? Em vários “Boa-tarde”, eu sempre conversei a questão da gente saber em que lugar da minha vida o vício, a droga, tá preenchendo. Porque o vício, como a gente até já discutiu outras vezes, tudo demais é um vício. Cartão de banco é um vício, cada um tem uma forma de vício. E em que lugar da nossa vida esse vício tá ocupando? Tem gente que compra, compra, compulsivamente. Tem gente que rói a unha. Só dorme com a luz toda apagada, no escuro. Tudo isso é um vício. E a droga também é um vício. Então a gente tem que tá refletindo que lugar essa droga ocupa na minha vida. De alguma forma, o espaço, o exemplo que M. trouxe. Ele ficou contrariado, ficou com raiva e aí usou o Artane.

N. - Eu já fumei um baseado e tomei cana. E aí? Cada um usa uma estratégia.

T. – Outros procuram usar a maconha... é uma estratégia, né?

A. – E funciona.

N. – Rapaz, eu vou dizer: sempre fumei maconha, nunca perdi emprego, nunca perdi minhas gatas, as mulheres tudo me deixaram por causa do uso, entendeu?

T. – E essas loucuras, de onde vinham?

N. – Das drogas, meu amigo. Uma...eu ganhava muito dinheiro.O caba que...quer ver...há dez anos, doze anos, treze anos atrás, o vendedor...o salário mais baixo de um vendedor era mil e quinhentos contos, eu ganhava mil e quinhentos contos. Gasolina era noventa centavos.

T. – E saiu porque lá do trabalho?

N. – Não, saí porque chegou meu tempo e o caba segurando as comissão, segurando as comissão e a gente dando carga pro cara e o cara...pagava uma premiação mas não pagava comissão e...descontando cheque do cara, cheque do cara...se o mercadinho é dele...eu vendo pra tu...eu vou tá pagando mercadoria que tu tá vendendo...isso não existe.

T. – O cara do supermercado não pagava o produto, aí descontava...

N. – Aí eu fui me chateando com isso, chateando com isso, três, quatro vezes sem receber comissão, recebendo um salário que tinha na carteira mais a premiação. E a minha comissão e a minha comissão? Eu digo meu irmão, sabe de uma coisa que eu vou fazer? Vou sair daqui. Passei três dias sem ir, ele mandou o supervisor me chamar, eu fui lá, sentei com ele, eu digo: não interessa. Pode botar fora e ficou aquela zoada nós dois e botou pra fora. Aí eu fui pra outro e esse cara começou com essa mesma sacanagem. Você recebe dinheiro por mês, você... todo dia você tá botando dinheiro na mão do cara...quer ver uma sexta-feira tu chegar pra mim...só gosto de trabalhar até a quinta...vendedor de frios só trabalha até a quinta...na sexta, o caba só pra uma reunião, fazer um vale...aí eu chego na sexta-feira, né? Ei, fazer um vale, todinho. Todo dia eu boto dinheiro na tua mão e tu vem dizer pra mim: dinheiro não pode, se quiser fazer umas compras, aí pra liberar pra você levar pra casa...eu digo: eu quero. Aí eu fazia, comprava um bocado de coisa, de frios e ele no outro dia...saí também. Agora, o último que foi em 2006 eu perdi por causa das drogas. Foi, 2006 eu perdi por causa das drogas. Eu fui... alucinado...tinha trabalhado já a noite todinha, aí...tinha fumado dois melado, aí endoidei. Aí comecei a beber e fazendo entrega e bebendo, fazendo entrega e bebendo. Isso no domingo, ó. Depois eu digo: meu irmão vou dar um pitu aqui, cara.

Aí eu inventei que tava doente. Aí o cara disse que não tinha, que não ia fazer o vale pra mim que era blefe. Eu digo: eu tô doente, meu irmão. Pá, pá, pá, pá. Tô doente. E o caba... aí eu fui...peguei...vou fazer essa entrega e vou disparar. Aí ganhei cinqüenta conto na entrega, doido. Aí fui-me embora. Eu digo: eu vou e assino amanhã o vale. Só que tudo bem, eu assinei o vale, mas o caba se sentiu magoado com o que eu fiz, entendeu? Fiz um vale na onda mas ele se sentiu magoado e aí ele disse: porra velho, você é um caba massa mas você tá desequilibrado, não tenho condições de ficar com você, você desse jeito. Aí tá beleza, dê o que você quiser tô errado mesmo, faça do jeito...

A. – Até pra o caba arrumar um bico assim num bairro é... muito difícil porque o pessoal não tem a confiança que tinha antigamente. Cê chegar assim: pessoal, posso arrancar esse mato aí? O cara, pá. Às vezes eles querem ajudar mas sabe que se ele for lhe ajudar, no mesmo tempo tá lhe prejudicando, tá entendendo? Que sabe que você vai pegar aquele dinheiro ali pra ir atrás da...pedra, né ?

N. – Família também o caba fica queimado com a família...eu penso na minha mãe, penso na minha mãe, eu tenho um amor tão grande pela minha mãezinha que...sinceramente, é só ela que me ajuda mesmo. Eu vou dizer, um filho com trinta e três anos, prestes a trinta e quatro anos, a mãe pagar pensão de filho que o caba tem aí, fazer feira toda semana, pagar água e luz que eu moro, é ela que paga água e luz, faz feira pra mim toda semana, não deixa faltar...meu irmão...eu vou dizer...pelo amor de Deus, aquela dali caiu do céu. E segurar minhas loucuras...tá doido! A última foi...quase mato ela do coração! Liguei pra ela, a gente ficou empenhado no motel, eu e um brother ali. O brother já tinha gasto mil e trezentos conto, o outro novecentos, tudo de pedra. A gente passou dois dias enfurnado. Aí a conta do motel deu seiscentos e quarenta e um reais. Aí eu fiquei lá. Aí o doido pá, saiu. Aí arrumaram quatrocentos e pouco, eu ligo pra ela pedindo duzentos conto, ela endoidou. Meu filho! Porque é despesa, né? Tudo vem... só de pensão é trezentos e tantos conto. Aí vem enes fatores. Meu irmão, tá doido! Termina matando! Eu vou dar um tempo dessas loucuras.

Tenho um projeto na minha vida, ela é tão cheia de coisa que me arrumou mil reais, diga aí, meu irmão! Pra eu comprar esse danado desse motor.

Meu irmão chegou na minha casa de noite, tava a rapaziada, umas gatas lá, a maior doideira de droga, aí ele disse: oie, tem que se internar e pá, pá, pá, pá, pá, passou três dias minha mãe chegou e disse: meu filho, você tem que tomar é vergonha na cara e ir trabalhar.

T. – Vamos ver aqui a questão de M. que foi internado no São Pedro. Como foi a experiência lá no São Pedro?

M. – Parece uma prisão.

A. – Um infernozinho.

T. – Já ficou também?

A. – Eu, não. Eu conheço porque eu trabalhava com isso, sabe? Com doentes mentais. Era socorrista. No Instituto de Psiquiatria, o IPP ali. Na avenida Cruz das Armas. Aí tinha aquelas... aqueles jogos internos dos hospitais, aí a gente sempre

vinha pra aí pra trás do Espaço Cultural, pra São Pedro, pra Juliano...os torneozinhos, né? De quadra e tal, aí eu conheço, conheço muita gente que trabalha aí. Tem um irmão meu que é alcoólatra. Pronto, ontem mesmo ele foi se internar no São Pedro. Passa quase três meses lá dentro, quando sai, no mesmo dia enche a cara. Aí se torna... é onde se torna um doente mental. É o cara que... que é só alcoólatra, tá entendendo? Aí entra numa instituição dessa, aí fica tomando aquela medicação controlada, aqueles psicotrópicos, que são fortes, aí no dia que sai, vai, enche a cara, aí pega o efeito do álcool com a medicação, o cara pira.

T. – Seu irmão foi assim?

A. – É, tá sendo. Cada vez que sai, fica pior. Porque ele não dá o tempo da desintoxicação, tá entendendo? Da medicação para beber? Aí ele já saí, já pum, aí ó. Mistura um com o outro, o cara vai pirando, vai pirando. Mesma coisa é um de nós aqui, normal.

T. - N. já ficou na São Pedro.

N. – Passei quarenta e sete dias.

T. – Como foi esses quarenta e sete dias?

N. – Rapaz é loucura. É uma doideira. O caba entra... entrei no dia treze de janeiro, sai no dia primeiro de março.

A. – Na Coréia?

N. – Não, eu nem cheguei nem a ir na Coréia porque meu irmão atende lá, meu irmão chegou e falou com o nutricionista.

T. – O que é a Coréia?

A. – É a parte que fica os doentes mentais mesmo.

T. - Fica separado do pessoal, né?

M. – É, olhe..porque antigamente...agora não tão mais aceitando dependente químico...

A. – E nem com mulher.

M. – Só com doença mental, o transtorno mental.

A. – É e o alcoolismo.

M. – Não, e o álcool. A única droga que eles aceitam é o álcool.

P. – Por que tem esse nome de Coréia?

A. – Eu não sei, é a parte onde ficam os doentes mentais mesmo, os piores, aqueles que lidam com fezes, isso aquilo, aquilo outro, sabe? É, é sério. Você pensa que não tem ser humano que come fezes. Eu digo que tem porque tem. Chegar assim no

vaso e lavar o rosto, o cabelo todinho com água ali suja, com fezes, com tudo e sair como se tivesse tomado banho em casa, tá entendendo?

T. – E qual é a sensação quando vocês ficaram, vocês chegaram a ficar junto com o transtorno mental?

A. – É porque o meu convívio é diferente dos meninos aí, né?

T. – Você conviveu profissionalmente, né? Você trabalhava...

A. – E o deles já foi o convívio como paciente.

T. – Como profissional, porque queira ou não você era profissional da área de saúde mental, você trabalhava com isso e depois como usuário, né?

A. – É. Mas é luta. O caba tem que olhar pra frente

T. – Bem, eu trouxe aqui uma mensagem pra que a gente possa ouvir e depois fazer uma reflexão. Pra que a gente possa discutir um pouco depois dessa nossa conversa, dessas experiências, porque é sempre bom a gente tá trocando essas experiências, porque muitas vezes o que acontece com L. não acontece com M. e assim consecutivamente. Cada um tem alguma coisa para dizer ao grupo, um relato de experiência, uma estratégia para se ficar distante do uso. São estratégias que a gente trabalha para tentar se fortalecer, certo?

N. – Sem dúvida nenhuma. É complicado.

A. – Complicado, mas não é impossível.

N. – Mora aonde ali no alto?

A. – Moro perto do campão.

N. – Ali perto da bombonière, ali?

A. – No campão, lá em cima. O murado.

N. – À esquerda do mercado.

A. – Não tem o... você vai na principal ?

N. – Sei.

A. – Aí vai, tem o campão?

N. – Sei. Ah, me liguei.

A. – Aí tem um mercadinho aqui onde os ônibus param, eu moro na de trás.

N. – Tô ligado. Perto de...como é de...seu Osvaldo. Um coroa lá que vende pra caramba. Tem um mercadinho.

A. – Seu Farias. Tem Farias.

N. – É que ele é grisalho. E a mulher dele é até bem novinha.

A. – Bem branquinha.

N. – Vendi muito ali. É Farias. É, ele era dentro de um mercado, aí ele construiu aquilo ali, vendi muito em Farias ali, véi.

A. – Tem Farias, tem Evandro que é Tavares.

N. – Tavares. Aí tem o lá de frente... eu conheço um bocado de comerciante, véi. Fé em Deus eu atuar novamente na área. Ele hoje tá doente, desde ontem. É, não tá querendo...

T. – É?

A. – É o clima.

N. – Ele tá doente. (risos)

T. – O nome da mensagem é: “Seja o agente na história de sua vida”.

N. – Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come.

T. – Era um homem consciente, sereno, que vivia de bem com a vida, independentemente do que lhe acontecesse. Habitara-se a comprar seu jornal numa determinada banca de revistas, cujo dono, homem de humor instável, mostrava-se muitas vezes desagradável e até mesmo agressivo com seus clientes. Já havia até perdido vários deles. Esse freguês, entretanto, não se deixava atingir pelo mau humor do jornaleiro. Certa manhã, acompanhado de um amigo, foi como sempre comprar o seu jornal. Quando lá chegou, cumprimentou o jornaleiro com um sorriso cordial, porém, esse era um dos dias em que o jornaleiro estava em uma de suas crises de humor. Mal respondeu ao cliente. Sempre cordial, o homem continuou desconsiderando a grosseria por parte do jornaleiro e se despediu com a delicadeza de costume. O amigo que o acompanhava achou tudo muito estranho e perguntou: - Você está acostumado a comprar jornal nesta banca? – Sim, foi a resposta obtida. – E esse cara costuma tratá-lo mal assim? – Na maioria das vezes. – E você sempre o trata dessa forma cordialmente? – Sim.

O amigo espantado continuou indagando: - Mas por que, se ele o trata tão mal? Afinal de contas, existem nas redondezas outras bancas de revista e com certeza, você seria muito bem vindo a qualquer uma delas.

Nesse momento o homem olhou para o amigo e explicou: - Não quero deixar que aquele jornaleiro ou qualquer outra pessoa decidam por mim, como eu devo ser ou como devo reagir.

Esse homem escolheu ser o agente da sua vida e não o reagente. E nós? O que é que a gente pode fazer?

A. – Como a gente chega assim... um exemplo...a gente vai numa boca, tá entendendo?

T. – Vamos trazer para a nossa realidade, né?

A. – Pra nossa realidade, é. Aí a gente chega assim numa boca e vai comprar e a pedra tá miada demais, tá entendendo? Sabe o que é que o cara diz? Oi, se quiser leve, véi, se não quiser, vaza que tem outro que chega aqui e leva, tá entendendo como é? Né não? (risos). É...

N. – É peso, é peso. É isso mesmo.

T. – Muitas vezes as aparências podem enganar.

A. – E como enganam, né?

T. – Muitas vezes a gente deixa como M falou, se influenciar. Outras vezes a gente tenta justificar as nossas reações e ações, não é verdade? Às vezes a gente fala: ah, eu tô aqui por que... até N trouxe esse exemplo, eu tive uma raiva de minha mãe e usei.

N. – Tive uma recaída. Mas não teve da maldita, né? Valeu.

A. - É, é a força.

N. – Mas não teve da maldita. Se escondeu, é...em outra mas não teve...

A. – Mas de todo jeito o caba tá se prejudicando, tá entendendo?

N. – É, com certeza.

A. – De todo jeito é droga. Tem que chegar o dia que...

T. – Quantas vezes, como vocês aqui falaram, lembra que no início da conversa era que... quantas vezes vocês estão em casa e chega lá o cara pedindo pra comprar...

A. – Não, isso...

T. – Será que eu tô indo comprar porque o cara tá mandando ou eu tô conseguindo combater isso dentro de mim?

A. – É não, é porque...é o seguinte: você já é dependente, tá entendendo? Aí vê aquele dinheiro fácil ali sem precisar de você mexer, sabendo que não é teu e você vai usar, tá entendendo? Aí você pega essa promoção e. xiu....embarca nela.

T. – Mas de repente você não queria nem usar, mas mesmo assim foi...

A. – Não, mas... tá fácil...o caba sabe que se fosse dele o caba ia gastar, imagine dos outros?

N. – Por isso que a estratégia é o que? É o caba cortar as amizades sebosas, isso aí é uma amizade sebososa...

T. – As influências, né?

N. – Más influências, má influência porque se o caba chegar... você tá na tua casa assim relaxado, aí o caba chega: ó aí brother, vamos fumar uma, vamos fumar duas, aí tá o que? É uma influência boa? Boa é aquele que chega: tá trabalhando? Tô não. Vá ali em fulano arrumar um emprego ali, vá ali fazer aquele negócio, vá ali...ou vamo ali fazer um...aí é uma boa influência. Isso é má influência, rapaz, o caba tem que mudar.

T. - E quantas vezes na vida da gente a gente deixa as outras pessoas decidirem?

A. – Não é decisão não, é a compulsão.

N. – É a compulsão, o impulso que vem dentro de você.

A. - Porque a gente que usa a gente já se acorda, pá...

2ª visita

T. – E se eu lhe perguntasse, e como foi a sua primeira vez, o que foi que lhe fez entrar nas drogas?

A. – Rapaz, eu tinha uns onze anos de idade...

T. – Mas o que é que você acha que fez: não, eu entrei nas drogas por conta disso. Tem alguma coisa?

A. – Por influência. Eu entrei nas drogas por influência. Aí o cara até mataram, o cara que me botou nela. Morava ali em Cruz das Armas, perto do Oscar de Castro. A gente não estudava lá não, mas tinha as molequinhas, né?

T. – E por essa influência você...

A. – Me aprofundei. Usei a maconha.

T. – E N?

N. – A mesma coisa. Eu comecei tomando Bentil. Depois passei pra Benflogin, depois passei pra Artane, conheci uma rapaziada, conheci um boqueiro ali lá na frente, mataram ele... morava na Saturnino ali na primeira máxima, você não lembra, não. Essas loucuras da Saturnino, você morou lá embaixo. Agora acho que seu irmão deve conhecer. Mataram esse cara, aí eu conhecia esse cara, ele estudava comigo no “Sete de setembro”, aí eu já conhecia uma rapaziada que fumava maconha, eu já curti, curti, tomava Bentil com Coca-cola logo cedo pra assistir aula... isso tudo já que outro já tinha me ensinado essa loucura. Diga aí.

A. - No veterano, eu comprei dois, um pra mim e um pra comade. Aí peguei o meu, pá, tomei de uma vez. Aí tá, tomei o meu. Aí a comade...tum...não tomou todo. Eu peguei e...

T. – E onde é que fica a vontade nessa história? Quando você fala, ah, eu comecei porque alguém.... onde é que fica a vontade e o desejo de cada um?

N. – É o cabra descobrir a piração.

A. – O caba usa a primeira vez usa pouco, tá entendendo? Não, vou usar pouco...no meu caso, a maconha, né? Não, vou fumar pouco porque chegar em casa com os olhos vermelhos, né?

N. – Mas você sabia que os olhos ficam vermelhos pela loucura da cabeça do cara?

A. – Aí já o dinheiro do meu lanche eu já não lanchei, que eu estudava no Afonso, na época... já não lanchei, eu digo: vou deixar o dinheiro que é pra fumar um cigarro maior, aí pá,pá...

N. – Eu estudei no “Sete de Setembro”. Não sei se eu estudei com um irmão teu...

A. – Foi comigo, véi.

N. – Foi contigo que eu estudei, brother.

A. – Já tomou até Bentyl com Coca-Cola.

N. - A gente tomou Bentyl com Coca-Cola lá no Sete de Setembro. Foi contigo mesmo, por isso que eu tava olhando, brother ó.

A. – Pra tu ver como é a vida.

N. – Pra ver como é a vida.

A. – Aí fui nessa onda, aí já fumei um maior, tá entendendo? Fumei um cigarro todo, né, que eu não tinha fumado. Aí eu digo: mãe olhou pros meus olhos e pá, aí eu digo oxe!

N. – Tem aranha, pô, que não deixa os olhos vermelhos!

A. – É rocha! Aí no outro dia já não lanchei também! Digo, vou mandar comprar aranha pra experimentar! Tomo uma bandinha, menino! Aí pronto, aí cresceu. Tomei uma bandinha aí já abriu a vontade de ver como é que vai ser...nesse negocinho, nesse negocinho, nesse negocinho...aí veio, aí perdi foi tudo na vida.

V. – E aí, brô, como é que tá? Beleza?

N. – Tá meio transtornado ele.

T. - Aconteceu alguma coisa, E. que chegou atrasado?

E. – Eu tava dormindo ali na enfermaria

(Risos)

T. - Se sentiu mal?

E. – Não, era sono mesmo por causa do remédio.

N. – Chegou medicação, sabe dizer?

T. – Chegou não.

T. – Você tava desde de manhã era, E.?

E. – Tô.

T. - Tá melhor? Tá, o sono passou mais?

E. – Passou.

A. – A médica vem hoje à tarde, não?

T. – Não, só quinta-feira.

T. – Então seja bem vindo ao grupo, certo? A gente tá perto de concluir mas você acompanha até o final.

A. – Quinta-feira não vai haver a reunião do grupo, não.

N. – Quinta-feira tem. Eu sou de segunda a quinta.

A. – Não. A psicóloga informou...

T. – Na sexta vai tá havendo um evento na UFPB aí não vai ter... quinta, manhã, tarde e sexta. Quinta e sexta.

A. – O pessoal vai tá participando de um evento lá na UFPB.

T. – Eu acredito que quem tá marcado pra médico não vai ser desmarcado. Acho que é só a questão dos grupos e triagem mas quem tem a consulta agendada com a médica não vai, acredito que não vai perder, não. Todo mundo aqui já conhece E.?

A. – Não, prazer E. A.

E. – A.?

A. – Isso.

T. – N já conhece E?

E. – Conheço. L?

T. – A gente tá discutindo E, a gente leu um texto e agora estamos fazendo uma conversa em cima desse texto, A questão da influência das outras pessoas na nossa vida. Os meninos tavam dando aqui exemplo, né? Quando iniciaram a usar a droga, o que aconteceu, como foi esse início, quando você usou pela primeira vez.

E. – Foi com um amigo meu.

N. – Um diabo do amigo. (risos)

T. – Você lembra qual foi, como você começou usando?

E. – Eu comecei a fumar maconha quando eu tinha quinze anos. A gente saiu lá de casa pra ir pra igreja...

T. - E depois da maconha, você usou mais o que?

E. – Depois da maconha usei resina, usei Artane...eu misturava às vezes, Artane e bebida.

A. – O Artane é o seguinte: você toma ele, você quando tá sob o efeito dele, você bebe dois dias seguidos e a cachaça não faz efeito.

T. – Chegou a usar crack, E.?

E. – Cheguei. Poucas vezes.

T. – Poucas vezes? Por que poucas vezes?

E. – Eu nunca tive muita vontade de usar o crack não, Era mais a maconha.

T. – Por que você tinha mais vontade de fumar a maconha? Por que a preferência pela maconha?

E. – Porque relaxava.

N. – É a Maracujina. Uh! É de Jaguaribe, é índio. De Jaguaribe é tudo índio!

T. – Faz quanto tempo que você usou pela última vez?

E. – Faz uns três meses.

T. – Você usou pela última vez.

N. – Três meses você não usou mais nada.

E. – É.

T. – Como é que tá se sentindo?

E. – Tô me sentindo bem.

T. – Tá com vontade de usar?

E. – Não não, só tô com vontade de parar o remédio agora.

(risos)

A. – Era isso que eu ia dizer, tá bom de reduzir a medicação...

T. – Falou com a doutora?

E. – Falei.

T. – Aí ela disse o que?

E. – Ela tirou dois remédios e os outros só com a avaliação.

T. – Quando é que você retorna pra ela, daqui a trinta dias?

E. – Daqui a oito dias.

T. – Então você observa se tá se dando melhor, se esse sono ainda tá forte assim, essa vontade de dormir, né, que você dorme muito.

E. – É porque eu recebi o Diazepan hoje, aí já tomei um, aí dormi.

T. – Mas você tava tomando certo, na hora certa? Tá se alimentando bem?

E. – Tô. Bem demais.

T. – Como é que tá teu dia, o que é que tá fazendo?

E. – Tô fazendo nada.

N. – Tá dormindo, né? (risos)

T. – Seus dias aqui é de segunda a quinta, né?

Pausa na fita

T. – Pegando essa questão da influência, e o desejo e a vontade de cada um, fica aonde?

A. – Aí é que tá o problema, porque o desejo do cara é fumar e fumar e fumar e fumar mesmo, não tem outro não. Depois que vê ali, hómi...só o desejo e a vontade. Desejo de arrumar o dinheiro e a vontade de fumar.

N. – É...

A. – Eu tomei... a médica me deu uns Tegretol aí e uns ansiolíticos, pra ansiedade.

M. – Mas não controlou, não?

A. – Controlou...

T. – Uma coisa muito importante é vocês se ocuparem, produzir, esquecer. E N., o que é que N. tá fazendo, porque não retoma o trabalho?

N. – Mãe disse que vai desenrolar um dinheiro aí, eu conseguir comprar um transporte eu volto a trabalhar. Eu já tô legal, tô precisando trabalhar, tô precisando casar de novo.

T. – A gente falou aqui no início, das estratégias, das questões que muitas vezes faziam com que a gente tivesse recaídas, então o que é que eu vou querer? Que vocês peguem uma caneta, pode ser hidrocor, um giz de cera...Vocês vão dividir a folha ao meio com a caneta. Passe um traço no meio da folha.

N. – Fazer um cálculo aqui, né, mais ou menos, para o caba ter uma idéia...

T. – Não, com a caneta mesmo.

N. – Rapaz, fosse morar no Alto do Mateus, saísse dos Funcionários?

A. – Foi...

T. – De um lado da folha vocês vão colocar “estratégias”. E do outro lado da folha vocês vão colocar assim “complicadores”. Se alguém tiver dificuldade pra escrever, a gente dita.

N. – Terminasse os estudo, bróther? Parasse em que série?

A. – 4ª série. Repeti cinco anos, véi.

N. – Repeti a 6ª, bróther. Vestibular não passei...

A. – Aí depois que eu saí do Sete de Setembro...

N. – Endoidou, de vez. Naquela época a gente já era doidão, né? Eu quebrei, meu amigo...eu quebrei a porta do banheiro numa briga com um caba.

T. – Vamos pensar que estratégias eu tô fazendo pra ficar longe das drogas. Vamos pensando, pelo que a gente conversou, pelo que vocês trouxeram, pelo que a gente falou aqui... que estratégias eu tô fazendo pra ficar livre das drogas.

E. – Procurando ficar mais com a família.

T. – Pode ir escrevendo. Pode botar uma frase, uma palavra... Agora vamos ser verdadeiros, vamos botar as estratégias que eu tô tentando.

A. – É isso que eu tô explicando, eu digo... eu tô...ainda tô me sentindo fraco ainda, tá entendendo?

T. – Você tá fazendo alguma coisa pra ficar longe. Você não tá fazendo nada pra ficar longe?

A. – Não tem o que fazer.

T. – Agora mesmo quando a gente começou a falar você disse o que era que você tava fazendo.

A. – Fugindo do crack.

T. – Então coloque aí. Você não disse que deixou um ontem, isso é uma estratégia.

A. – Então, não é isso.

T. – Deixou a mais pesada e partiu para uma mais leve. Para numa tentativa de depois, deixar já essa outra. Depois das estratégias, a gente pode pensar na outra parte e escrever esses complicadores. (Final da fita)

3ª visita

A. – Tá ligado, rapaziada? A fogueira e o milho que é a comida mais tradicional da época, né? E só.

T. – Você lembrou de alguma coisa, teve alguma lembrança quando foi desenhar isso aí, se inspirou em alguma coisa?

A. - Não, eu não tô com condições de lembrar nada, não. Saí de casa também já escutando umas reclamações da mãe...mas tá tranquilo

T. – Se quiser depois uma escuta individual...

A. – Não, quando eu chegar em casa eu converso com ela com mais tranqüilidade...

N. – Tá vendo o casal de noivo assim, matutinho? Assando milho?

T. – Todo mundo aqui tá vendo o cartaz de A.? Lembrou de alguma coisa pra fazer isso? A mesma pergunta que eu fiz a A, se inspirou em alguma coisa? Alguma lembrança? Dançou quadrilha alguma vez, A? Na escola? Gostou da experiência?

A. – Não lembro...

T. – Mas você lembrou...

A. – Eu tenho foto em casa.

T. – Ah, tá certo.

V. – Aqui é umas bandeiras, o casal, a fogueira... que esse São João seja de paz, alegria união e saúde pra todos nós.

N. – Amém. É rocha.

T. – O balão subindo... Tem boas recordações dessa etapa?

M. – Não.

T. – Lembrou de alguma coisa quando foi desenhando?

M. – Meu bairro tem quadrilha.

T. – Seu bairro tem quadrilha? Já fez parte alguma vez de alguma quadrilha?

N. – A quadrilha que ele quer participar... (risos) foi extinguida.

T. – E você, N.?

N. – O meu tá aqui. São João pra mim representa uma prancha seguida do mar. Ficou debaixo de sete águas para apagar a fogueira que termina em um rolé, uma volta.

T. – É uma metáfora, né?

N. – Justamente, é o que o São João significa pra mim. Se eu tivesse trabalhando, com grana, garanto a você que sábado eu ia pinotar, eu só ia aparecer lá pra quarta ou quinta-feira. E numa praia, lá do Rio Grande do Norte.

É o que representa pra mim. Não tenho boas lembranças de São João. E pra mim nesse dia é o que eu faria. E São João para mim significa isso aqui.

R. – Uma fogueira, um matuto tocando sanfona...

T. – Gosta de São João, R.?

R. – Gosto muito, não. Vou viajar essa semana...

T. – Vai pra onde?

R. – Pro Ingá.

T. – Tem família lá?

R. – Tem o pai do meu pai. Se eu ficar aqui eu vou fumar...

T. – É mais difícil no interior?

N. – Aí é que você se engana. É mais caro.

R. – Mas o caro aqui é xuá.

A. – Quando eu fui pra Guarabira trabalhar lá, a semana lá, vixe maria!

T. – Mas quando a gente tá determinado, pode tá onde tiver...

A. – Eu vi uma droga no interior que aqui em João Pessoa ainda não vi. O skank. Depois do Ingá, Itatuba. Tem Ingá, passando tem Itatuba. Do tamanho de um ovo. Cheguei lá, encontrei o skank.

(Risos)

N. – A maconha de laboratório. O pé dele dá cinqüenta gramas, a cabeça-de-nego.

A. – Só saí na faca. Agora também, o caba dá três pega e o caba não tá sentindo a mão.

N. – Interessante, né véi? O pé dele só cresce até esse tamanho e só dá cinqüentas gramas de doideira.

R. – De cabeça-de-nêgo?

T. – É, mas boa viagem, R. Quem sabe lá você não consegue ficar realmente mais protegido.

A. – Seguro.

T. – E você, C. o que é o seu cartaz?

C. – Foi uma invenção maluca aí que eu inventei.

A. – As músicas juninas...

C. – As curiosidades...

T. – Que inspiração você teve...

C. – Inspiração neurótica, tá ligado não? Um bocado de parada engraçada...

T. – Quais foram as lembranças, os pensamentos que você teve quando tava construindo esse cartaz?

C. – Lembrança? Não, não pensei em nada não. Só pensei em criar mesmo, não pensei em nada do passado, não.

T. – O que é que assim algumas figuras daí, você pode explicar assim o que é que elas representam pra você?

C. – Pra mim?

T. – Sim, pra gente compreender melhor o que você construiu aí.

C. – Representa nada, não.

T. – E essa frase?

C. – Não perca a esperança. Lute agora.

T. – Como é isso? Não perder a esperança em que?

C. - Tá, não perder a esperança porque você tem fé, né? Se você tem fé de vencer, de sair dos vícios, né não, sair do roubo, sair da cadeia, né? Ou procurar né, melhorar né, tem que lutar né não? Correr atrás da dignidade, né?

T. – Tá com esse objetivo.

4ª visita

N. – E aí, J. achou? Achou, não. (risos). Meu Deus do céu! Fumar maconha pelo menos uma vez por semana na adolescência pode dobrar o risco de depressão e ansiedade na vida adulta!

T. – Por que?

C. – A maconha é uma viagem.

M. – Essa aqui ficou invocada, quer pegar essa aqui?

N. – Muito doida.

T. – Parece que o tema de trabalho é o São João. Alguém gostaria de falar alguma coisa sobre o São João? Alguma história da vida, alguma lembrança, algo que essa festa diga a vocês?

N. – Diga aí, J.

A. – Minha festa era o que, minha diversão era comprar uma biritá, droga e se drogar e pronto. Pra mim aquilo ali era a maior festa do mundo. Não tinha outra. Somente. Era a minha diversão. São João, fogueira... às vezes pegava um milho, ia assar na fogueira – olha a minha viagem - lá na outra rua com um baseado na

boca da palha do milho, aí ia fumar, voltava, pegava outro milho...aí é melhor o caba esquecer.

T.- Desde quando foi assim o seu São João?

A. – A partir dos dezoito anos. Até de menor eu ficava em casa porque não saía mesmo porque botavam rédea, né? Mas depois que eu passei a maior idade...não teve nada de bom pra dar...É isso aí.

T. – Mais alguém gostaria de falar?

N. – Nada a declarar. Eu não curto São João. São João quem tiver raiva do cara quer matar o cara com essa história de bomba, entendeu? Já cansei de levar tiro do meu lado. Não sou chegado. Se eu pudesse eu ia pra uma praia agora esses dias agora, passava o dia em praia, não queria nem saber onde.

A. – São João que é bom...

N. – É, pra o cara matar os outros se o cara tem maldade de fazer essas sacanagens. Aí o caba: Deus me livre! Se o caba tiver raiva de mim? Tu é doido! Sempre tem um invejoso, não tem condições de viver como o cara vive aí quer atrapalhar a vida do cara. Tá dispensado! Essa semana agora eu não saio nem de casa, Deus me livre!

Vai rolar um reggae domingo, dos caras aí! Lá da esquina! Lá no Galpão 14, no Centro Histórico. De Bob e daquele outro doido, Peter lá. Eu vou dar uma sacada, né véi? Prestigiar a banda do bairro.

T. – Gente, algum momento assim da infância que tenha marcado, que vocês ainda conservam na memória...

N. – De São João? Rapaz, eu só tenho uma lembrança, eu vou falar. Posso falar? Eu sempre fui um garoto traquino. Lá em casa, meu pai todo ano...São João, né? A gente morava numa casa grande demais aí no Geisel...só pra você ter idéia da dimensão da casa, tinha um pé de abacate, um de goiaba, um de araçá, um de...é...aquela frutinha pretinha...

M. – Jaboticaba

N. – Não, a pretinha...como é? Oliveira. Quatro pés de coco, uns três pés de banana, mais de cento e vinte galo, galinha, pato, guiné, duas cabras... imagine o tamanho da casa, né? Quando chegava perto do São João ele comprava bem umas três sacolas de fogos. Quando foi na sexta-feira minha avó soltou esses fogos: - Toma aí pra vocês, tem muito. Enquanto teu pai chega. Aí fui inventar de pegar um diabo de uma bomba bujão, aí na quina da parede do muro aqui, aí

tinha um buraco aqui, aí eu botei a danada da bomba...pronto, aqui é o muro, o final do muro...meu amigo, não pensei que a dimensão da bomba ia ser tanta, véi. A danada arrancou um bolo muro assim, ó...uns oito tijolos, pelo amor de Deus, quando o véi chegou em casa...quem foi? Se o caba não dissesse apanhava o bolo, aí não era justo. Aí eu digo: o autor. Meu amigo, levei um pau por causa do diabo dessa bomba.

Aí eu digo: vixe Maria! Me deu um desgosto tão grande de São João! Não é brincadeira! Levei uma surra por causa do diabo de uma bomba, não quis mais saber disso, não.

T. – R., alguma recordação? A?

A. – Eu só dava trabalho...

T. – I., tem algum fato que você queira relatar aqui pra gente, contar?

I. – Tem, mas eu não tô a fim de falar, não.

N. – Fale, brother. Completamente todo mundo louco, compartilhar um bocado de loucura.

A. – É, irmão.

T. – É o primeiro dia que você está aqui conosco...

I. –É. Só tenho coisa ruim na vida, não tenho coisa boa pra contar.

N. – E tu quer dizer que isso que eu contei foi uma coisa boa, um pau do caralho, meu irmão! Não esqueço mais nunca! Tá doido!

T.- E M. tem alguma?

M. – Também, eu não tenho nada...

N. – Vai não prestigiar lá a rapaziada do reggae? Eu tô com vontade de ir olhar, domingo lá, só pra prestigiar a rapaziada...

T. – E alguém, tem algum plano pra esse São João? Alguém vai viajar, alguém vai participar com a família, alguém vai ficar em casa?

A. – Eu tenho. Ficar em casa e não pegar em nenhum tostão.

N. – Pra evitar a droga, é. Porque senão o cara com dinheiro no bolso é um perigo.

J. – O caba pegar em dinheiro dá logo uma tentação...

N. – Do caba se drogar, é.

A. – Meu programa vai ser comprar uns pirata mesmo e...

J. - Três dias já que eu tô encarrilhado, tava sábado passado três dias encarrilhado. De rocha. Três dias.

N. – (risos) Guarabira, né? Pertinho, Guarabira. Bem pertinho aí.

T. – Chegou hoje, foi? Você chegou de lá hoje?

J. – Não, fui hoje e voltei hoje. Fazia três dias essa semana, tava com dinheiro, aí pronto. Não tem como o caba evitar, não. E os filhos de rapariga acha pouco e fica mais mostrando pro caba.

N. – Eu tava lá na esquina domingo de noite, tô cheio de cana lá na esquina, tive uma recaída aí fumei pedra. Aí me acordei logo cedo com uma carteira de cigarro e uma dola. De repente uma meiotá com uma feijoada, aí endoidou N. Aí tome loucura, pá, aí a galera a gente pá... a gente viajando em casa, a gente desceu pra esquina umas nove horas. Quando eu vejo tá o cara botando a avó, doido... botou a avó pra pedir dinheiro, meu irmão, na casa da frente pra ele comprar pedra, doido. Oxe, a galera tá toda revoltada lá na esquina. A gente tá conversando pra dar um pau nele. O caba fazer isso véi, com vó, doido. Diga aí. E é porque tu não sabe de nada. Essa semana sabe o que foi que eu levei? A criatividade. O caba diz: pedra tem asa e é azul. Aí o caba diz: não, boa é a chocolate. Boa é a cristal. É nada, ela tem asa e é azul. O caba vendeu foi um azulão por dez pedras, o cabeção. Aí beleza. No meio da semana eu vi outra, doido. Pedra não tem asa, não?

J. – Pior que passarinho. Quando foi domingo eu dei fim, no bichinho. Dois passarinho, por cento e cinqüenta. Troquei em doze pedras.

T. – Você gosta de passarinho? Criar passarinho? Qual?

J. – Todo tipo de passarinho. Até borboleta.

(risos)

J. – De primeiro eu não achava quem trocasse. Depois achei o caba que trocava passarinho em pedra, aí foi bom, meti o pé. Aí eu nem precisava de dinheiro, só precisava de passarinho.

T. – Quais são os passarinhos?

J. – Caboclo limpo, Azulão, Curió, Papa capim, Galo, Canário. Agora não tenho nenhum, só devendo agora.

N. – Devo não nego, pago quando puder. (risos)

A. – Um dia, né não? Um dia.

J. – Eu tô vendo com meu pai pra ele me botar lá pra Lucena, homem. Lá tem pedra também, sabe? Mas é mais difícil, né boy? O caba tá sem dinheiro, boy

lá...Lá eu tenho que me virar nos trinta, comprar uma feira pra mim, eu pretendo passar uns seis meses por lá, só com a medicação e trabalhando...

N. – Eu tô é preocupado com a minha véia. Pressão demais na véia. Pressionei pelo forno, o forno é uma grana...ela disse: será que vai valer a pena? Quinta-feira eu vou conversar com você. A gente tem que ter criatividade, meu irmão, propaganda, eu não sou vendedor?

T. – Quem é que tá faltando terminar? R. já terminou?

R. – Já.

A. – Aquele menino “alegre” tá vindo de manhã?

T. – E? Tá não, ele conseguiu trabalho, ele tá trabalhando, aí tá vindo aqui uma ou duas vezes no mês.

T. – Vamos deixar 10 minutos para vocês concluírem, né?

N. – Tá só faltando uma onda aqui. Achar uma onda eu concludo aqui a parada.

T. – Mas se não encontrar a onda feita, pode desenhar.

N. – Sei desenhar, não. Só dá. Só falta uma onda aí. Uma onda massa pra me botar aqui, aí pronto. É o que representa pra mim o São João. Tem que escrever ainda alguma coisa?

T. – Não, você vai só explicar.

N. – Tá de oi grande...

A. – Eu tô já dando um adianto pra tu já, meu irmão pra adiantar seu lado...

N. – Tá de oi grande...

A. – Eu já terminei aqui.

R. – Ó, toma aí uma prancha, tá ligado? É rocha?

N. – Aqui é um pedaço de uma prancha...a intenção, quebrou tá ligado, não? Na na no dique...quebrou na marcha do carro...a intenção.

R. – Valeu, não?

N. – Valeu oxe, com certeza, doido. Eu queria uma onda, brother.

R. – Vai chegar, vai chegar

N. - A fogueira no meio, aí uma onda aqui que é a água que apaga a fogueira e termina num rolé. E represente São João, piração. E o bom foi que eu tô de bom astral com a minha família, minha mãe. Minha família é só minha mãe né, porque eu tenho um irmão que eu não falo. Minha mãezinha olhou ontem pra mim e fez: meu filho eu tô notando que você tá mais forte. (risos). Uh! Endoidece o homem, né?

T. – Como é que tá a sua relação com a sua mãe?

N. – Na paz. Esses dias agora foi de paz, não sei se daqui pra sábado...

T. - E com teu irmão?

N. – Meu irmão não tô falando com ele, não. Falando só assim: oi, oi. Quero conversa com ele, não.

A. – E aí, N.? Dá pra livrar?

N. – Dá pra livrar. Dá. Valeu. Eu sabia que eu tinha visto também, doido. Isso aqui. Eu não quero morar mais onde eu moro. A casa é minha e da minha irmã mas eu vou e entrego. Mamãe, toma aí. Alugue que eu vou morar na vila, a senhora paga lá um aluguel, tá valendo. Eu tô abusado o seguinte: as moças que têm não querem conversa com o cara porque sabe que o cara é transtornado, já conhece o cara há mais de vinte anos. Aí vai querer...hoje uma passou na frente de casa, a irmã de C., tá ligado C. da sinuca? Meu irmão, estirando o dedo pra mim, tu acredita, a irmã de C.? Uma branca do cabelo vermelho?

R. – Tô ligado.

N. – Meu irmão, ela passou e fez mesmo assim pra mim, olha! Eu disse, eita! Depois passou o marido dela, eu digo, Ave Maria! Será que tá queimado o filme? Tava eu e B. lá em casa.

T. – Não quer escrever nada, não?

N. – Vou escrever.

T. – Qual o lápis que você quer, lápis grafite?

N. – É. Pode ser esse azul, não?

T. – Pode.

5ª visita

S. – Pode conversar com ele. Eu parei de usar maconha faz tempo.

T. - É? Você usava maconha?

S. – Comecei com dezesseis anos.

T. – Então, como é que foi?

S. – Mas vai divulgar meu nome também?

T. – Não não, seu nome não vai aparecer. Se você quiser a gente pode conversar um pouquinho depois sobre essa preocupação sua.

S. – Não, tô bem aqui.

R. – Quantos anos começasse? Quantos anos?

S. – Dezesseis. E tu?

R. – Comecei com quinze.

T. – Você tem quantos anos?

S. – Tenho vinte e cinco.

R. – Começou no colégio, meu irmão. Depois não tinha dinheiro, ficava com os amigos, na intera. Ficava agoniado mas pedra não, só maconha mesmo.

S. – Eu também comecei o uso de crack por curiosidade, comecei na maconha por curiosidade e no crack também, curiosidade.

R. – Você pode botar, meu irmão. Pedra eu não fumo, não. Pode botar. Agora a maconha pra mim relaxa, né? Pra mim, não sei pra os outros. Pensar em roubar, né? Nunca pensei em roubar, não. Só faço fumar mesmo.

T. – O seu consumo era com maconha apenas então, ou você consumiu outras drogas?

P. - Não, só maconha mesmo. Pedra não é comigo, não. Pedra, pó...

T. – Nunca experimentasse crack?

R.. – Nunca.

T. – Você sabia que S. tem habilidade de jardim? A gente vai estudar uma oficina aqui de jardim.

T. – Isso é muito bom porque nós temos tanto espaço de montar um canteiro, uma horta...

T. – É, eu vou estudar isso. Eu vou ver, eu vou fazer esse projeto, viu S.? Pra gente ver como fazer isso aqui, aproveitar esse espaço aí.

S. – É bom, eu tava pensando quando eu tava jogando bola, um espaço tão bom pra plantar alguma coisa...

T. – A gente pode fazer uma oficina de horta.

S. – Eu nunca fiz isso (se referindo à peça que estava modelando).

T. – Você vai alisando como se estivesse alisando o coentro. Ele sabe o que é. (risos)

T. – Quais são seus dias, S.?

S. – Só segunda e terça. Mas só que eu pedi pra ficar vindo todo dia. Eu achei bom. Gostei. Porque nesse tempo assim não dá pra eu trabalhar, chuvoso, porque eu sou pintor também. Aí pra ficar em casa sem fazer nada é melhor tá aqui. Se vocês permitirem.

T. – Vamos levar para a reunião.

T. – Levar para a reunião pra decisão, mas vai ser acatado. Porque a gente não pode por si só a gente não pode tomar a decisão, né?

S. – Mas amanhã, amanhã eu posso vir?

T. – Quinta-feira à tarde, pronto.

S. – Então amanhã eu não vou poder vir, não.

T. – É, aí você só vem segunda. Aí segunda-feira você já tem uma posição.

S. – Já tem uma resposta, né?

T. – Já tem uma resposta.

T. – Mas você faz jardinagem em prédios, em residência?

S. – Fazia em residência. Mas só que eu parei.

T. – Ele é pintor também.

T. – Eu sei que nesse momento é bom, né? Pelo menos nesse tempo ele tá aqui, mas que ele não focalize ficar aqui, senão acaba num comodismo, termina sendo um círculo vicioso aqui.

S. – Eu tô entendendo.

T. – Nesse momento que você tá sem trabalho, né? É bom você tá vindo aqui, mas sempre no intuito de arrumar um emprego. Não vá se acomodar, não.

S. – É como eu disse, eu tô esperando a resposta do rapaz perto lá de casa. Porque eu não sei fazer outra coisa a não ser pintar e jardinagem.

T. – Tem que ter esse cuidado.

S. – Mas se eu vir só segunda e terça não tem problema nenhum também.

T. – Não, você vai vir de segunda a quinta. Nem se preocupe. Só tô alertando você pra não...

S. – Mas amanhã?

T. – Não, essa semana, não. Essa semana você só vai vir até hoje. Porque a gente vai ter que levar pra reunião quinta-feira à tarde.

S. – Tá certo.

T. – Nós não podemos tomar essa decisão e sim, em conjunto.

S. – Tem que ser uma decisão geral, não depende só de um, não. De uma pessoa.

T. – É. Quando a gente coloca aí, no outro dia a gente talvez não esteja aqui, já são outros profissionais aí...

S. - Tô entendendo como é...Normas são normas, né?

S. – Regras são regras.

T.- Acho que essa semana vai ser chuva, viu?

T. – E você, o que está fazendo?

R. – Fazendo um porta-jóias, né? Eu acho que é, tô dizendo que é, mas não é, não. Não sei.

T. – E S. está fazendo o que?

S. – Uma tartaruga. Pelo menos eu acho que é uma tartaruga.

T. – Vocês gostam de trabalhar com a cerâmica?

S. – É a minha segunda vez, eu tô gostando. Dá pra mudar de rádio, não?

T. - Dá, sim.

S. – Dá pra botar na Club FM?

T. – Quando dá dez horas da noite é só brega. Depois das dez é a hora do brega. Já ouviu depois das dez?

S. – Não, não. Quando dá nove horas eu tô dormindo por causa do remédio.

R. – E aí, professor?

T. – Você pode fazer assim, quando lixar , ele fica. A melhor pra começar é essa lixa.

R. – Meu irmão, é muito massa, viu véi?

S. – E aí, professor, será que ela já pode ir pro mar?

T. – Já, sim.

R. – Se eu não me engano vai ter show do Rappa no parque Cowboy.

S. – Não é no Jacaré Pop, não?

R. – Não. É no Cowboy. Vai ser muito massa, viu véi?

S. – E tem Natiruts.

R. – Eles foram tocar no Forrock, nunca fui não, doido. O Rappa, lembra? Foi na época que ele namorava com aquela...Deborah Secco. Aí ele foi tocar lá no Forrock, meu amigo, disse que o cara não conseguia cantar não, de tanta...pedra. Não tem aquela música “my brother”? Ele não conseguia não, deixou lá a banda e ele ficou lá....(risos)

S. – Nunca fui não pra um show desse.

R. – Um show desse, meu amigo, é...doideira.

S. – Eu já fui pra o de MV Bill. Invocado demais. Lá no clube Cabo Branco.

T. – Olhe, um show desses...Rappa, Mv Bill...

S. – Racionais, Mc, Natiruts...

T. – Aquele que é uma banda de reggae...

S. – Tribo de Jah.

T. – Pode se preparar, meu amigo, que é só droga. A galera não vai na cara, não. Se for assim pro cara dançar, é muito bom mas... a erva vai subir, os cara tudo fumando.

R. – Se vacilar, véi. Ficar naquela, né?

T. – Show de Tribo de Jah pode se preparar que a erva come. Como se diz, a droga ali dentro é liberada, porque é muita gente fazendo uso. Como se diz, a galera vai pra usar mesmo. Já saí de casa acendendo o coentro.

T. – Ele participou do outro grupo?

S. – Ontem eu participei.

R. – Queima aqui mesmo?

T. – Pra gente queimar a gente tem que juntar uma série de peças, porque ele atinge a oitocentos graus e consome um bojão a cada queima, sabe? Aí a gente junta as peças de todos...

S. – Eu acho que eu terminei. Na minha opinião.

ANEXOS

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)